

Alfredo Teixeira, coord.

Helena Vilaça

Jorge Botelho Moniz

José Pereira Coutinho

Margarida Franca

Steffen Dix



Os estudos sociográficos sobre o território português mostram que a diversidade de posições religiosas se concentra na Área Metropolitana de Lisboa. Nessa singularidade, a região pode ser lida como um «laboratório» da diversidade

religiosa em Portugal. Neste estudo procura-se uma melhor definição dos contornos dessa paisagem religiosa, por meio de um efeito de *zoom*, tendo em conta as dinâmicas sociais que caracterizam a modernidade própria desta geografia.

Identidades religiosas e dinâmica social na Área Metropolitana de Lisboa

Identidades religiosas e dinâmica social na Área Metropolitana de Lisboa

Alfredo Teixeira, coordenação

Helena Vilaça

Jorge Botelho Moniz

José Pereira Coutinho

Margarida Franca

Steffen Dix

Largo Monterroio Mascarenhas, n.º 1, 7.º piso
1099-081 Lisboa
Telf: 21 001 58 00
ffms@ffms.pt

Director de publicações: António Araújo
Director da colecção Estudos da Fundação: Gonçalo Saraiva Matias
Título: Identidades Religiosas e Dinâmica Social na Área Metropolitana de Lisboa
Coordenador: Alfredo Teixeira
Autores: Helena Vilaça, Jorge Botelho Moniz, José Pereira Coutinho, Margarida Franca e Steffen Dix
Revisão de texto: Rita Cabral
Design: Inês Sena
Paginação: Guidesign

© Fundação Francisco Manuel dos Santos e Alfredo Teixeira
Junho de 2019

ISBN: 978-989-8943-84-2
Depósito Legal n.º 457929/19

As opiniões expressas nesta edição são da exclusiva responsabilidade dos autores e não vinculam a Fundação Francisco Manuel dos Santos. Os autores desta publicação adotam o novo Acordo Ortográfico. A autorização para reprodução total ou parcial dos conteúdos desta obra deve ser solicitada aos autores e ao editor.

Índice

Abreviaturas 5

Introdução 7

Capítulo 1

Uma paisagem religiosa diversificada 9

Posições religiosas 9

Morfologia da afiliação religiosa 13

Capítulo 2

Socialização religiosa e trajetórias crentes 19

Instrução religiosa 19

Contextos parentais 21

Mobilidade religiosa ao longo da vida 30

Capítulo 3

Geografia das identidades 33

Enquadramento sociodemográfico 33

Distribuição sociodemográfica das
posições religiosas 35

Domicílio e naturalidade 44

Capítulo 4

Sociabilidades e estilos de vida 51

Práticas de fim de semana 51

Práticas de interlocução religiosa cotidiana 54

Redes amicais 56

Redes de ajuda/apoio 58

A experiência da discriminação religiosa 61

Sociabilidades associativas 64

Capítulo 5

Crenças, atitudes e valores 67

Deus, a morte, o futuro, a eutanásia 67

Efeitos do crer no plano da diferenciação de atitudes 69

Capítulo 6

Práticas orantes e práticas culturais 73

Oração, uma prática persistente 73

Quem reza ou medita? 75

Prática cultural 78

Praticantes e não praticantes 82

Frequência de lugares de culto 87

Capítulo 7

**Caracterização sociográfica
das identidades 93**

Conclusão 105

Bibliografia 109

Anexo

Questionário 113

Notas 123

Abreviaturas

AML Área Metropolitana de Lisboa

CERC Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa

CESOP Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica Portuguesa

CITER Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa

INE Instituto Nacional de Estatística

IRP Inquérito «Identities Religiosas em Portugal: representações, valores e práticas» 2011–12

PALOP Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

Introdução

Nos últimos anos, reacendeu-se na Europa a discussão acerca do impacto dos fluxos migratórios nos modelos de coesão social. Os resultados de diversos estudos parecem apontar para o facto de que, na Europa, a tolerância face à diferença étnica e religiosa está dependente dos equilíbrios demográficos. As nações europeias que vivem de forma mais tensa a integração de novas identidades religiosas são territórios mais pressionados pelo peso demográfico dos novos residentes. O facto de o estudo que propomos se situar na região de maior diversidade religiosa, no território português, permitirá testar esta hipótese com mais eficácia.

De acordo com o Inquérito *Identidades Religiosas em Portugal*, de 2011 (CERC-CESOP), coordenado por Alfredo Teixeira, o pluralismo religioso, no território português, está muito concentrado na AML (cf. Cartograma 1).¹ Mais de metade da população não crente (55,2 %) encontra-se nesta região. A AML reúne 62,2 % dos inquiridos pertencentes a uma denominação protestante (incluindo os evangélicos). Reúne ainda 51 % das Testemunhas de Jeová e 61,5 % dos pertencentes a outras religiões. Também nessa região se verifica a percentagem mais elevada de outros cristãos (47,2 %) e de crentes sem religião (43,5 %). Ou seja, à escala do país, a região apresenta uma singular experiência de diversidade quanto às posições face à religião e aos tipos de pertença ou não pertença religiosa. Nessa singularidade, a região pode ser lida como um «laboratório» da diversidade religiosa em Portugal. Neste estudo, por meio de um efeito de *zoom*, procura-se uma melhor definição dos contornos da paisagem religiosa na AML.

Boa parte das teses sobre a religião nas sociedades com uma maioria católico-romana, determinada histórica e culturalmente, concentra-se na observação da erosão da prática religiosa e no exame dos debates ideológicos acerca de questões morais. O presente estudo pretende privilegiar o conhecimento das correlações entre o fenómeno de diversificação religiosa e as dinâmicas sociais que o contextualizam: vulnerabilidades, mobilidades, urbanização, escolarização, estilos de vida, trajetórias biográficas, práticas culturais, atitudes e valores. O desenho deste estudo permitiu:

- a) comparar identidades religiosas históricas e identidades marcadas por fluxos migratórios mais recentes e analisar as variáveis geracionais, para compreender melhor as diversas estratégias de reconstrução das identidades;
- b) caracterizar a mobilidade religiosa, tanto no plano territorial (itinerários) como no plano biográfico (trajetórias);
- c) identificar as correlações entre as práticas religiosas e outras práticas culturais, entre as posições de pertença religiosa e outras pertenças;
- d) identificar autorrepresentações relativas às diferenças identitárias;
- e) identificar problemas e táticas no domínio da vivência quotidiana das civilidades religiosas;
- f) compreender as formas de articulação entre as idiosincrasias religiosas e os valores socialmente partilhados.

A conceção do questionário, bem como a definição da estrutura do projeto de investigação, esteve a cargo do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa (CITER). O processo de construção da amostra, aplicação do questionário

e constituição da base de dados foi conduzido pelo Centro de Estudos e Sondagens de Opinião (CESOP) da mesma universidade. Para além da Fundação Francisco Manuel dos Santos, este projeto contou com o apoio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e do Patriarcado de Lisboa.

O universo, neste estudo, é constituído pelos residentes da AML, com quinze ou mais anos. A amostra recolhida, de 1180 inquéritos válidos, é representativa da população residente nesta região. As freguesias da AML foram divididas em três grandes áreas geográficas: (1) concelho de Lisboa; (2) restante Zona Norte do Tejo; (3) Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal.

Em cada freguesia escolheu-se aleatoriamente um ponto de partida para o caminho tomado pelos inquiridores. Cada um deles seguiu um caminho aleatório, aplicando intervalos pré-definidos para a seleção dos domicílios, na base da relação entre o número de famílias residentes nessas freguesias e o número de inquéritos a realizar. A seleção dos inquiridos foi também realizada de modo aleatório, entrevistando-se sempre o residente no domicílio que, pertencendo à população-alvo, tivesse quinze ou mais anos e fosse o próximo a fazer anos. Em situações de ausência desse indivíduo ou de recusa em participar no inquérito fizeram-se novas tentativas de contacto em domicílios adjacentes. Assim que o inquérito fosse realizado, o passo de seleção do domicílio era retomado.

Os dados recolhidos foram ponderados, de modo a reequilibrar a distribuição dos inquiridos por freguesia, sexo e idade, com base nos dados do INE. O instrumento de recolha de informação foi constituído por um inquérito estruturado, com perguntas fechadas, e aplicado através de uma plataforma de inquirição *online*. O total de 1180 entrevistas foi realizado entre 2 de junho e 15 de julho de 2018, durante

a semana em horário pós-laboral (entre as 17h e as 22h) e ao fim de semana entre as 10h e as 19h. O erro máximo da amostra, com um grau de confiança de 95 %, é de $\pm 2,9$ %.

Cartograma 1 Área Metropolitana de Lisboa (NUTS II)



Capítulo 1

Uma paisagem religiosa diversificada

Posições religiosas

O estudo sobre as Identidades Religiosas em Portugal (IRP), realizado em 2011 (2012, para as Regiões Autónomas), já tinha revelado que Lisboa e Vale do Tejo — atualmente AML — se apresentava como a região onde a identidade católica apresentava uma maior erosão, a seguir ao Algarve. Por se concentrar exclusivamente nesta região, o presente estudo permite uma melhor definição dos contornos da diversidade religiosa na Área Metropolitana de Lisboa.

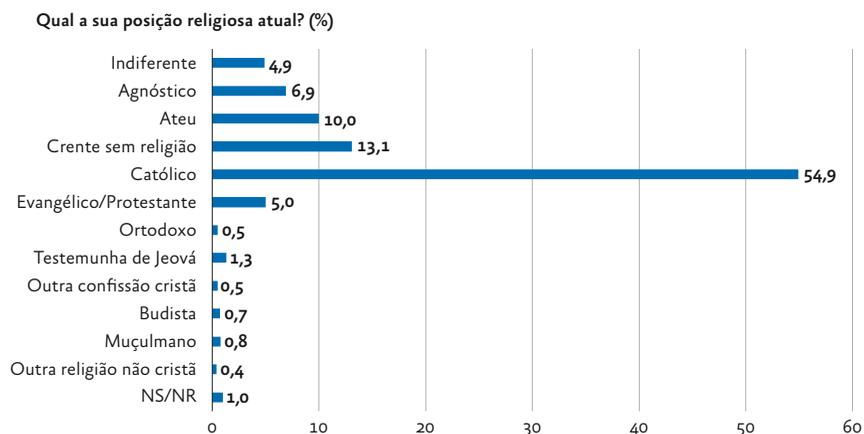
O quadro de categorias de posição religiosa corresponde, em termos gerais, ao usado no IRP. No entanto, no estudo sobre a AML manteve-se, no tratamento dos dados, um nível analítico mais discriminado (cf. P13²; Anexo I). Usaram-se as categorias «outra confissão cristã» e «outra religião não cristã» em perguntas abertas. Essa estratégia permitiu dar visibilidade aos ortodoxos e aos budistas.

O tratamento da informação recolhida nesse campo aberto de resposta conduziu à integração dos respondentes adventistas no universo dos evangélicos/protestantes. Mórmones e espíritas (Allan Kardec) foram integrados no conjunto dos «outros cristãos». O conjunto dos pertencentes a «outra religião não cristã» recolheu, nesse campo de resposta aberta, hindus e adeptos de mundividências espirituais e energéticas sem denominação. Apesar de algumas das identidades religiosas se situarem abaixo de 1 %, nesta amostra, decidiu-se evitar a sua inclusão

em restos estatísticos que as tornam invisíveis. Essa escolha permitirá, em estudos posteriores, acompanhar a sua transformação. No entanto, é necessário não perder de vista que o número escasso de respondentes não garante em todas as variáveis a diversidade necessária a uma caracterização fina das populações. As análises feitas a essas identidades com frequências baixas, neste estudo, pressupõem e reconhecem esta dificuldade.

Os dados apurados acerca dos católicos confirmam o que se tinha observado no inquérito de 2011, porventura com um maior grau de definição, permitindo sugerir que estamos perante uma tendência de diminuição da sua importância relativa. Ainda que mais de metade da população se declare católica (54,9 %), o peso relativo dos indivíduos que declaram não pertencer a nenhuma religião é cada vez mais significativo, situando-se em quase 35 %. Dentro deste grupo, o peso dos indivíduos não crentes ascende aos 21,8 % e o grupo dos crentes sem religião — categoria de uso recente nos estudos sociológicos — continua a afirmar-se, atingindo os 13,1 % (cf. Gráfico 1).

Gráfico 1 Posições religiosas na Área Metropolitana de Lisboa



No presente estudo, 9,2 % dos indivíduos declaram uma identificação religiosa não católica. As minorias religiosas na Área Metropolitana de Lisboa (AML) apresentam neste estudo um peso percentual semelhante ao verificado em *Identidades Religiosas em Portugal* (IRP) de 2011, na Região de Lisboa e Vale do Tejo (9,6 %). Sem perder do horizonte o facto de estarmos perante percentagens baixas, uma análise mais particularizada dos vários grupos permite colocar a hipótese de que, nas situações em que religião e etnicidade estão interligadas — como é o caso de uma parte significativa dos ortodoxos e dos muçulmanos —, existe provavelmente um ligeiro decréscimo, fruto das dificuldades próprias da passagem a uma segunda e terceira gerações e das dinâmicas dos fluxos migratórios.

No conjunto das posições religiosas minoritárias, mais de metade é constituída por evangélicos e outros protestantes. Trata-se de um universo representado por algumas igrejas bastante competitivas no campo religioso, revelando melhores condições de autorreprodução

e possivelmente um crescimento muito ligeiro. Se é certo que o peso de brasileiros (42,3 %) é muito elevado nesta minoria religiosa, ela não foi afetada, em termos gerais, pela diminuição destes imigrantes entre 2011 e 2017 — segundo a PORDATA, passaram de 111 295 para cerca de 83 000 indivíduos. Quem se ressentiu com esse êxodo foram especialmente os evangélicos tradicionais, uma vez que, apesar de elegerem a missão evangelística como prioridade, grande parte das suas igrejas apresenta dificuldades em aderir a novas lógicas de comunicação e de transmissão. Outros protestantes e evangélicos, principalmente os enquadrados nas chamadas novas igrejas urbanas, não denominacionais, caracterizados por estilos litúrgicos adequados a formas culturais contemporâneas (música, linguagem, etc.), estão em claro crescimento e atraem portugueses, sobretudo as camadas mais jovens. São ainda alimentadas pelo trânsito religioso dentro do campo evangélico. Estas igrejas são maioritariamente de pendor pentecostal e neopentecostal. Nessa medida, a sua estratégia de captação de novas adesões afigura-se em plena consonância com as atuais lógicas de consumo e de mercado. Parte dos 3 % que afirmam ter trocado o catolicismo por outra religião, terá provavelmente transitado para estes espaços religiosos.

As Testemunhas de Jeová, apesar do seu carácter mais proselitista, não apresentam indícios de afirmação em contextos urbanos e cosmopolitas. Mesmo assim, 20 % dos seus membros localizam-se no concelho de Lisboa, enquanto a distribuição dos evangélicos corresponde a 10,2 % de aderentes nesta área geográfica da AML (cf. *infra* Capítulo 2). É também de assinalar o facto de o budismo manifestar um peso estatístico que justifica uma observação autonomizada. Os outros não cristãos, de acordo com as respostas recolhidas, ficam assim confinados ao hinduísmo e a posições religiosas espiritualistas.

Neste estudo, o peso dos budistas é equiparável ao dos muçulmanos e entre os entrevistados desta categoria não foi identificado nenhum oriundo de países asiáticos. São quase na totalidade portugueses ou de países de maioria cristã. Isso sucede pelo facto de o budismo ser uma religião cujos princípios se coadunam com as espiritualidades contemporâneas, valorizadoras da experiência da interioridade — assentes no *inner self* (cf. Heelas, 2008) — e, nessa medida, com capacidade de atrair principalmente indivíduos urbanos e escolarizados, tal como revelam algumas pesquisas.

O grupo dos indivíduos sem religião, em crescimento constante, principalmente no Ocidente europeu, está longe de constituir um conjunto homogéneo. Procurou aferir-se, entre as várias categorias, o modo como compreendem e justificam o seu posicionamento face à religião.

Quadro 1 Razões para a não pertença religiosa³

14. Porque é que não tem qualquer religião? (% de casos)	Educação e tradição	Acontecimento pessoal	Discorda da doutrina	Discorda da moral	Atitudes de responsáveis
Indiferente	10,2	7,8	20,8	21,5	15,5
Agnóstico	2,4	8,7	41,0	40,3	28,9
Ateu	11,6	4,6	33,9	28,7	20,7
Crente sem religião	16,5	8,8	33,9	29,7	28,4
Total	11,4	7,4	33,5	30,4	24,5
	Exemplos e influências	A religião não interessa	Convicção pessoal	Outra	NS/NR
Indiferente	0,0	30,4	54,6	3,1	2,4
Agnóstico	0,0	8,8	68,2	5,0	1,5
Ateu	1,0	24,2	75,1	6,4	0,0
Crente sem religião	2,8	7,2	38,5	5,2	4,1
Total	1,3	15,7	57,1	5,2	2,2

À exceção dos agnósticos (2,4 %), mais de 10 % dos casos remetem para a posição dos seus familiares e para o respetivo contexto de socialização. Entre estes, destacam-se os crentes sem religião (16,5 %), apontando para um quadro familiar já sem a experiência de formas de comunitarização religiosa. Contudo, mais significativo é o facto de a maior parte dos indivíduos sem religião ter nascido em famílias com uma identidade católica, independentemente do tipo de prática religiosa. Muitos deles foram, pois, socializados num quadro de distanciamento em relação à doutrina e vivência comunitária. Esta hipótese

explicativa vai ao encontro do que alguns autores (cf. Demerath, 2002; Bruce, 2018) afirmam sobre a religião cultural, isto é, um posicionamento religioso que antecede a secularização no plano individual.

Todavia, não é esta a ordem de razões mais sublinhada. Entre os principais motivos que justificam a posição dos sem religião (crentes e não crentes) está a discordância face à doutrina e aos códigos morais religiosos. São os agnósticos aqueles que se manifestam de modo mais assertivo nesse sentido: 40 % dos casos, no que respeita à doutrina e 41,3 % no que respeita à moral, seguidos de cerca de 30 % de casos entre os ateus e os crentes sem religião. Entre os indiferentes, registam-se 20 % de casos. Além disso, neste grupo, em 30,4 % dos casos a religião é um tema sem interesse. Deve assinalar-se que este desinteresse reúne apenas 8,8 % dos casos entre agnósticos e 7,2 % entre os crentes sem religião. Isto vai ao encontro do defendido por Grace Davie (2015), quando afirma que apesar do declínio da pertença, prática e crença religiosas na Europa, o debate sobre a religião e a sua presença no espaço público têm vindo a aumentar. Embora o comportamento dos responsáveis religiosos seja também uma das razões apontadas para o distanciamento em relação à religião (os casos oscilam entre os 15,5 % e 28,9 %), este não é o fator mais determinante. Aliás o estudo *Being Christian in Western Europe*, conduzido pelo Pew Research Center (Washington, DC) e divulgado em maio de 2018, revela que os portugueses são os europeus que revelam uma atitude mais positiva em relação à religião. A explicação será, sem dúvida, pluri-fatorial. Alguns analistas têm destacado a circunstância de a Igreja católica romana, em Portugal, não ter sido afetada pelo escândalo da pedofilia, como aconteceu noutros países — nomeadamente a Bélgica, ou mesmo a Irlanda.

A convicção pessoal é o fator mais determinante entre os ateus (75,1 % dos casos) e os agnósticos (68,2 % dos casos). Importará, em investigações ulteriores, saber qual o peso que o chamado novo ateísmo, de raiz mais científica e darwinista do que filosófica, tem nesta opção. Para todos os efeitos, as convicções pessoais dos sem religião remetem para um novo quadro de vida social inserido numa moldura imanente, na perspetiva de Taylor (2007), sem referência a qualquer poder transcendente. Comparativamente, a convicção pessoal representa um fator muito menos sólido para os crentes sem religião.

Perante a possibilidade, contemplada pelo questionário, de serem apontados outros motivos, ainda que o número de respostas seja estatisticamente bem menos relevante (5,2 %), merece reflexão o facto de os motivos assentes na incompatibilidade entre fé e ciência serem pouco expressivos (cf. Quadro 2).

Quadro 2 Outras razões para a não pertença religiosa

P14.9a. Outra razão. Qual?	N	%
	1159	98,2
A Igreja católica diz sempre a mesma coisa	1	0,0
A necessidade do ser humano para acreditar que há algo mais, a crença	1	0,1
A religião está dentro de nós	1	0,1
Acha que é uma construção do ser humano	0	0,0
Acontecimentos da igreja	1	0,1
Acredito em algo sobrenatural, mas não tem a ver com nenhuma religião	0	0,0
As religiões afastam umas das outras	2	0,1
As religiões são uma forma de negociação e manipulação de massas	1	0,1
As religiões só se interessam pelo dinheiro	1	0,1

P14.9a. Outra razão. Qual?	N	%
	1159	98,2
Burla total	1	0,1
Controlo das massas	1	0,1
Deus foi-lhe apresentado como pai e não o vê fazer a sua obrigação de pai	1	0,1
Espiritualidade acima das religiões	1	0,1
Hipocrisia	1	0,1
Não acredita	1	0,1
Não se revê em conceitos antiquados e repetidos pelas igrejas	1	0,1
Não sente falta	1	0,1
Não tem tempo	1	0,1
Nenhuma religião segue a bíblia	1	0,1
Pais são evangélicos	2	0,2
Parte científica	1	0,1
Por falta de provas palpáveis	1	0,1
Porque fui influenciado pela minha mulher que é evangélica	1	0,1
Quando começou a estudar história deixou de acreditar nas religiões	1	0,1
Total	1180	100,0

Morfologia da afiliação religiosa

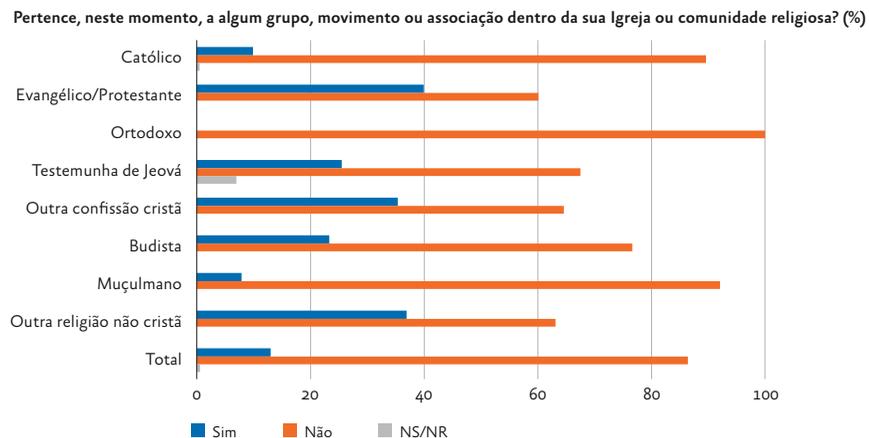
Nas atuais modalidades de identificação religiosa, a pergunta acerca do envolvimento em atividades, ou participação na vida de grupos, algo que descreve a região mais interior das comunidades, coloca-nos no rasto dos crentes mais ativos. Estes distinguem-se daqueles cuja pertença religiosa se concretiza quase exclusivamente na prática cultural regular. Mas também dos outros para quem a pertença se circunscreve à manutenção de uma referência no curso da vida, aproximando-se das comunidades num ritmo sazonal. No entanto,

é necessário ter em conta que essa mobilização para a participação ativa depende das características do próprio campo religioso em causa.

Os evangélicos destacam-se como sendo o grupo religioso com uma militância religiosa mais forte, visto que cerca de 40 % referem estar envolvidos em grupos no seio das suas comunidades (cf. Gráfico 2). A seguir a estes, são os membros de outra confissão não cristã (36,9 %) e outros cristãos (35,4 %) os que apresentam a participação comunitária mais elevada. Embora com um valor percentual mais baixo, um quarto das Testemunhas de Jeová (25,5 %) e 23,3 % dos budistas também respondem positivamente. Há, tendencialmente, uma correlação entre o envolvimento comunitário e a vitalidade e o crescimento dos grupos religiosos.

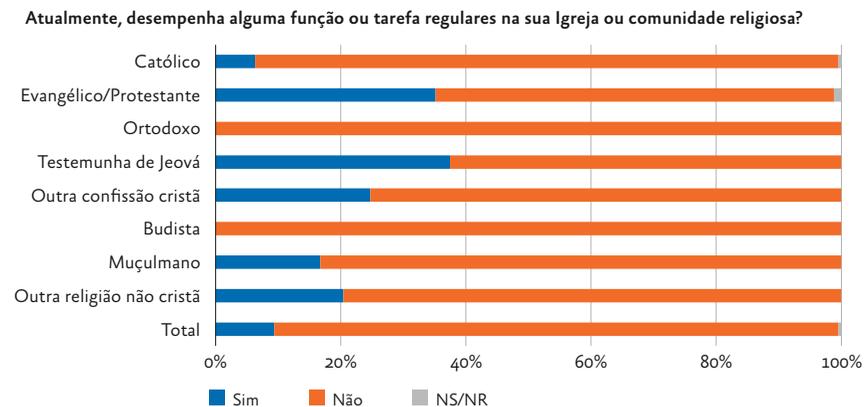
O estudo não releva sinais de participação dos ortodoxos na vida interna da sua Igreja. Também no caso dos muçulmanos e católicos, apenas 7,9 % e 10 % o fazem, respetivamente. Na situação particular do catolicismo, o fraco envolvimento comunitário, traço típico de Igrejas que foram monopólios religiosos — o mesmo acontece com o luteranismo nos países nórdicos —, explica as dificuldades de transmissão religiosa ao longo das últimas décadas, numa sociedade cada vez mais individualista e onde as lógicas de mercado se sobrepõem a lógicas de «obrigação» comunitariamente enquadradas.

Gráfico 2 Participação em grupo, movimento ou associação, no interior das comunidades religiosas⁴



O dinamismo comunitário dos grupos está também relacionado com o desempenho de tarefas por um número alargado de membros (cf. Gráfico 3). No entanto, é de sublinhar que no caso das Testemunhas de Jeová se verifica uma maior percentagem de indivíduos que referem funções das quais são responsáveis do que a participação em grupos. Tal facto está relacionado com a própria natureza organizacional desta minoria religiosa, onde as funções estão bastante em consonância com princípios de racionalidade formal. Considerando que a Igreja católica é maioritária, o envolvimento dos seus membros é, em termos comparativos, bastante menor, facto que se relaciona com o fenómeno mais amplo da sua erosão na sociedade portuguesa.

Gráfico 3 Desempenho de funções ou tarefas regulares na comunidade religiosa⁵



O posicionamento dos pertencentes a uma religião, perante cenários de mudança, ajuda a compreender o tipo de ancoragem desta dimensão da identidade (cf. Quadro 3). A média de concordância com a manutenção da pertença é superior entre as Testemunhas de Jeová (média de 1,2)⁶, os muçulmanos (média de 1,3) e os evangélicos (média de 1,4). Os muçulmanos estão também entre aqueles que menos equacionam a possibilidade de transitar para outra comunidade religiosa, a discordância é quase total (média de 4,9). Embora a média daqueles que tencionam manter-se na mesma religião não seja tão elevada entre católicos (média de 2,2) e ortodoxos (média de 2,3), a sua predisposição para a mudança é muito baixa, visto que a grande maioria discorda ou discorda totalmente (média de 4,6). Isto é revelador da inércia que descreve este tipo de inscrição identitária da dimensão religiosa, entre os crentes menos comprometidos doutrinária e comunitariamente, no universo destas Igrejas. A disponibilidade

para seguir uma alternativa religiosa pressupõe uma atitude proativa, dado que obriga a um rompimento com uma memória religiosa tanto familiar, como cultural. A operar-se a mudança de posição religiosa, ela provavelmente acontecerá por via de uma rutura com uma identificação institucional e não pela opção por outras pertenças religiosas, mantendo ou não algumas referências quanto ao reportório de crenças. No que toca aos evangélicos/protestantes, há que ter em conta que «mudar de comunidade» significa, na maioria dos casos, mudar de local de culto ou mesmo de denominação, mas dentro do seu universo, dado que o trânsito para outras Igrejas, também evangélicas, é um dos traços do seu tipo de afiliação religiosa.

Quadro 3 Disponibilidade para a mudança de afiliação religiosa⁷

P24. Mudança ou manutenção de afiliação religiosa (média)	Manter	Mudar
Católico	2,2	4,6
Evangélico/Protestante	1,4	4,1
Ortodoxo	2,3	4,6
Testemunha de Jeová	1,2	4,3
Outra confissão cristã	3,3	4,0
Budista	2,8	3,5
Muçulmano	1,3	4,9
Outra religião não cristã	2,2	4,4
Total	2,1	4,5

É entre os pertencentes a «outra confissão cristã» e nos budistas que encontramos uma maior predisposição para a mudança, o que indicia que este é um terreno mais propenso a indivíduos próximos do perfil do «buscador» espiritual (cf. Quadro 3). A indecisão é maior entre os

indivíduos de outra confissão cristã (média de 3,3) — na sua grande maioria constituídos por aderentes ao espiritismo kardecista — e os budistas (média de 2,8). Os membros desta religião são também aqueles que evidenciam uma média de discordância menor em relação à mudança (3,5). Tal não é surpreendente, se considerarmos que tanto as religiões orientais, principalmente o budismo, como o movimento New Age e outros movimentos espiritualistas são mais permeáveis ao sincretismo e ao relativismo religioso (Wilson, 1996), bem como à busca permanente de espiritualidade, num registo mais marcado por itinerários individuais. A exiguidade estatística dos indivíduos de outra confissão não cristã (0,4 % da amostra) dificulta a interpretação das respostas a esta questão. Em todo o caso, o facto de fazerem parte deste grupo de hindus de origem asiática e não convertidos portugueses — como acontece com os budistas — pode ser explicativo de uma maior fidelização religiosa.

Quadro 4 Itinerários de mudança quanto à posição religiosa⁸

P31. Quanto à sua posição religiosa ao longo da vida, escolha a frase que melhor descreve a sua situação (%)	Sem prática, mas crente	Outra religião	Tornou-se católico	Sem pertença, mas crente	Sem prática, crente ou pertença	Sem alteração	Outro	NS/NR
Indiferente	7,9	0,0	0,0	11,4	24,1	55,7	1,0	0,0
Agnóstico	5,4	0,0	0,0	11,3	40,5	35,2	5,1	2,6
Ateu	1,7	0,0	0,0	10,1	40,0	44,1	4,2	0,0
Crente sem religião	31,2	0,0	0,0	28,0	4,5	31,2	2,4	2,7
Católico	32,4	0,1	1,6	1,5	1,2	58,6	3,1	1,4
Evangélico/Protestante	8,4	33,3	0,0	2,6	0,0	48,7	5,1	1,9

P31. Quanto à sua posição religiosa ao longo da vida, escolha a frase que melhor descreve a sua situação (%)	Sem prática, mas crente	Outra religião	Tornou-se católico	Sem pertença, mas crente	Sem prática, crente ou pertença	Sem alteração	Outro	NS/NR
Ortodoxo	40,0	0,0	0,0	0,0	0,0	60,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	17,3	49,5	0,0	0,0	0,0	12,1	21,1	0,0
Outra confissão cristã	0,0	44,4	0,0	35,0	0,0	10,0	10,6	0,0
Budista	0,0	33,5	0,0	0,0	0,0	12,7	42,0	11,8
Muçulmano	0,0	8,2	0,0	0,0	0,0	91,8	0,0	0,0
Outra religião não cristã	20,4	16,5	0,0	0,0	0,0	63,1	0,0	0,0
NS/NR	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	51,9	19,7	28,4
Total	23,8	3,0	0,9	7,2	9,2	50,4	3,9	1,7

Os resultados obtidos na pergunta sobre a mudança de posição religiosa acompanham estas observações (cf. Quadro 4). As alterações de posição religiosa ao longo da vida não são particularmente relevantes. Cerca de metade da população inquirida não conheceu qualquer alteração na sua posição religiosa. A alteração mais acentuada diz respeito às pessoas que deixaram de ser praticantes, mas que continuaram a acreditar (23,8 %). O abandono da pertença católica e a afiliação noutra confissão é relevante no caso dos evangélicos/protestantes (33,9 %), das Testemunhas de Jeová (46,7 %) e dos budistas (37,5 %). Como seria de esperar, é entre os sem religião que encontramos o maior registo de trajetórias em que se deixou de praticar, acreditar e pertencer a qualquer religião. Observe-se ainda que são residuais as situações em que a alteração de trajetória tenha passado pela afiliação católica (0,9 %). Ainda que o número relativo daqueles que mudaram de religião, transitando do catolicismo para outra religião, seja estatisticamente baixo

(3 %), não deixa de ser indicativo da existência de um mercado religioso, mais significativo hoje do que no passado. Esta asserção é corroborada pelo facto de quase 8 % dos respondentes afirmar que frequenta mais do que um local de culto (cf. P22; Cap. 6). Destes, a larga maioria é católica e frequenta sobretudo Igrejas evangélicas e neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Igreja Maná, e, em menor número, os Salões do Reino das Testemunhas de Jeová.

Quadro 5 Atitudes (exclusivismo/inclusivismo) face à verdade religiosa⁹

P25. Qual destas afirmações corresponde melhor à sua opinião? (%)	Existe verdade em todas as religiões	Muitas religiões contêm verdade, mas prefiro a minha	Só a minha religião é verdadeira	Só a minha religião é verdadeira, mas há verdades em algumas religiões	NS/NR
Católico	33,1	36,1	6,5	13,0	11,2
Evangélico/Protestante	14,5	42,5	3,9	16,6	22,4
Ortodoxo	63,6	36,4	0,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	16,7	19,1	24,1	34,9	5,1
Outra confissão cristã	75,3	10,6	0,0	14,1	0,0
Budista	45,1	21,3	0,0	0,0	33,6
Muçulmano	29,1	24,9	0,0	17,7	28,3
Outra religião não cristã	77,8	0,0	0,0	0,0	22,2
Total	32,3	35,6	6,4	13,4	12,4

Recorde-se que nesta amostra os ortodoxos e os outros cristãos (quase todos kardecistas) são igualmente grupos estatisticamente pouco relevantes, ambos com um peso percentual de 0,5 %. Mesmo assim, valerá a

pena observar, uma vez mais, os seus posicionamentos em termos indicativos. Apesar de os ortodoxos se revelarem pouco propensos à mudança religiosa, depois dos crentes de outra confissão não cristã e dos outros cristãos, são o grupo religioso com a atitude universalista mais evidente (cf. Quadro 5): para 63,3 % todas as religiões são verdadeiras, sendo que os restantes entendem que há muitas religiões verdadeiras, mas preferem a sua. Como foi referido anteriormente, a componente étnica é muito forte neste grupo e o cristianismo ortodoxo ressurgiu, essencialmente, depois do fim do Bloco Soviético, fortemente associado aos vários nacionalismos então emergentes. Durante décadas, a socialização religiosa foi quase inexistente e confinada ao contexto familiar, com uma transmissão doutrinária exígua. Também merece nota a constatação de que quase 30 % dos muçulmanos respondem que todas as religiões são verdadeiras e apenas 17,7 % afirmam que só a sua religião é verdadeira. Será que isso é indicativo da emergência de um Islão cultural na sociedade portuguesa, à semelhança do que vai acontecendo na Europa (Aitchison *et al.*, 2007)?

Um terço dos católicos encontra verdade em todas as religiões e 36,1 % em muitas religiões. Apenas 6,5 % dos católicos manifestam uma visão particularista, afirmando que só a sua religião é verdadeira. Tendo em conta que se trata do grupo social mais complexo, na sua condição de identidade maioritária, esta posição explicar-se-á a partir de dinâmicos internos, decorrentes da abertura ao espírito ecuménico, particularmente relevantes desde o II Concílio do Vaticano (1962–65), e da influência de sensibilidades pós-modernas que pressupõem a inviabilidade da verdade absoluta.

As Testemunhas de Jeová apresentam-se como a identidade mais particularista, dado que para 24,1 % só a sua religião é verdadeira. Mas é

surpreendente que mais de um terço dos membros deste grupo afirme que todas as religiões (16,7 %) ou muitas religiões (19,1 %) são verdadeiras. Mais uma vez se constata uma erosão de um traço próprio das Testemunhas de Jeová, o da rutura com o meio social envolvente, habitualmente lido como indiciando a presença de um perfil sectário, sob o ponto de vista da análise sociológica. Também se constata que quase 30 % dos muçulmanos consideram que todas as religiões são verdadeiras e que apenas 17,7 % afirmam que só a sua religião é verdadeira. Perante estes resultados, é possível afirmar que todos os grupos religiosos são influenciados pelo paradigma pluralista envolvente, mesmo quando são consideradas identidades religiosas de tendência mais exclusivista.

Os dados observados permitem apurar que os evangélicos são os menos universalistas, dado que somente 14,5 % consideram que todas as religiões são verdadeiras. Em contrapartida, apenas 3,9 % vê a sua religião como detentora do monopólio da verdade, pois apesar da forte fragmentação do campo evangélico, as várias Igrejas partilham um conjunto de princípios doutrinários, assentes na Reforma protestante e na autoridade bíblica que os une. Por um lado, os dados indiciam que, neste universo religioso, a diversidade interna será fortemente determinante na posição dos crentes quanto à existência de uma verdade exclusiva. Por outro lado, tendo em conta um certo pragmatismo religioso, prevalente em parte destas denominações religiosas, pode esperar-se que muitos destes crentes não estejam habituados a pensar na religião a partir da ótica da verdade — interessam-se mais pelos resultados práticos, no quotidiano, do que pela ordem da coerência intelectual.

Capítulo 2

Socialização religiosa e trajetórias crentes

Instrução religiosa

Começamos por caracterizar a população da amostra, na AML, quanto ao número de filhos. A média varia entre 0,94 (ateus) e 1,85 (evangélicos/protestantes) nos grupos maiores, e entre 0,57 (outros cristãos) e 1,93 (muçulmanos) nos grupos menores (cf. Quadro 6). A instrução religiosa dos filhos ocorre preponderantemente fora da família, nas comunidades religiosas e na escola (cf. Quadro 7, P38 de resposta múltipla). Mas é possível uma caracterização mais diversificada da mobilização para a instrução religiosa dos filhos sem se avançar para uma descrição dos sentidos atribuídos a essa iniciativa. Em termos gerais, observa-se que em todas as posições religiosas se evidenciam frequências significativas, excetuando no caso dos avós e de outros familiares. Os indiferentes e ateus apresentam o registo de menor interesse pela instrução religiosa dos filhos, contrastando com os evangélicos/protestantes; nos grupos de menor dimensão, esse contraste verifica-se entre budistas e outros cristãos. Quanto à instrução dada pela comunidade religiosa, distinguem-se os evangélicos/protestantes, pela percentagem maior, e os indiferentes, pela percentagem menor; nos grupos de menor dimensão, distinguem-se os outros cristãos com percentagem maior, e os muçulmanos e ortodoxos com percentagens menores. No tocante à instrução dada pela escola, destacam-se os católicos, pela percentagem mais elevada e, inversamente, os ateus; nos grupos de menor dimensão, a diferença exprime-se no contraste entre

os outros não cristãos e o conjunto constituído por muçulmanos, ortodoxos e budistas. Na instrução dada por si ou pelo cônjuge, quanto aos grupos de maior dimensão, contrastam evangélicos/protestantes e o conjunto dos indiferentes e ateus; no caso dos grupos com um peso relativo menor, esse contraste exprime-se entre os outros cristãos e o conjunto constituído por budistas e outros não cristãos. No que concerne à instrução dada por avós e outros familiares, destacam-se evangélicos/protestantes e ortodoxos.

Quadro 6 Número médio de filhos e sua instrução religiosa, por posição religiosa¹⁰

	P37. N.º filhos	P38. Os seus filhos tiveram instrução religiosa? (%)				
		Média	Não	Por si e/ou cônjuge	Avós e família	Com. religiosa
Indiferente	1,01	76,5	0,0	4,4	8,6	19,3
Agnóstico	0,99	66,8	2,3	6,7	22,7	17,9
Ateu	0,94	75,0	0,0	3,2	16,2	6,9
Crente sem religião	1,19	48,5	11,2	2,8	28,6	31,6
Católico	1,48	17,7	36,0	11,3	55,1	40,8

	P37. N.º filhos	P38. Os seus filhos tiveram instrução religiosa? (%)				
	Média	Não	Por si e/ou cônjuge	Avós e família	Com. religiosa	Escola
Evangélico/Protestante	1,85	5,2	64,0	27,8	77,3	21,4
Ortodoxo	1,00	17,9	62,7	33,4	15,5	15,5
Testemunha de Jeová	1,07	26,7	46,1	7,7	41,5	16,7
Outra confissão cristã	0,57	0,0	100	0,0	70,0	30,0
Budista	1,90	55,7	0,0	0,0	27,7	16,5
Muçulmano	1,93	13,1	87,0	15,4	15,4	15,5
Outra religião não cristã	0,95	22,8	0,0	25,2	18,2	52,1
NS/NR	1,13	85,9	14,1	14,1	14,1	0,0
Total	1,33	31,1	28,6	10,1	45,2	32,7

Para analisar o número de filhos, há que atender à distribuição etária de cada posição religiosa com maior peso demográfico. Nas posições mais jovens (15–24, 25–34) encontram-se fortemente representados os indiferentes e os ateus, mas também os agnósticos e os crentes sem religião, fator decisivo para se entender a evidência de um menor número médio de filhos (cf. Quadro 6). Deve, pois, olhar-se para as respostas da P38 com esta ressalva. Além disso, as quatro primeiras posições religiosas têm, por si, menos predisposição para a transmissão religiosa, para a manutenção das linhagens crentes, dentro das instituições religiosas, sobretudo católica. Percebe-se assim que as percentagens mais elevadas de não instrução religiosa se verificarem nos indiferentes e nos ateus e também nos agnósticos; os crentes sem religião diferem já desse perfil, até porque é a posição menos jovem destas quatro. Comparando católicos e evangélicos/protestantes, embora sejam mais jovens, estes últimos têm mais filhos e

estão mais mobilizados para a instrução religiosa, sobretudo a partir da sua própria (ou do cônjuge) iniciativa ou da da comunidade religiosa. No caso dos católicos, para além destas duas opções, junta-se a da escola. Perante os agnósticos e crentes sem religião, a instrução tem sido dada pela comunidade religiosa e pela escola, enquanto se verificarmos o caso dos indiferentes a instrução tem estado sobretudo a cargo da escola e no dos ateus sobretudo a cargo da comunidade religiosa. Contudo, nas posições não religiosas há indícios de atividade no domínio da transmissão religiosa, provavelmente porque, embora o respondente não se inscreva em nenhuma instituição religiosa, considera que os seus filhos poderão ou deverão conhecer um mínimo de socialização religiosa, porventura também por influência do cônjuge e/ou familiares.

Comparando os resultados da AML com a amostra nacional de IRP (Teixeira, 2013, pp. 144), constatam-se várias diferenças:

- nos não crentes, destaca-se a não instrução (61 %) e a instrução na catequese (25 %) em Portugal, enquanto na AML se destaca, nos indiferentes, agnósticos e ateus, a não instrução (média de 73 %), a instrução na comunidade religiosa (média de 16 %) e na escola (média de 15 %);
- nos crentes sem religião, sublinha-se a não instrução (45 %) e a instrução na catequese (25 %) em Portugal, enquanto na AML se destaca a não instrução (49 %), a instrução na escola (32 %) e na comunidade religiosa (29 %);
- entre os católicos, destaca-se a instrução na catequese (77 %) e dada por si (33 %), correspondendo a não instrução a 12 %, em Portugal; no entanto na AML sublinha-se a instrução na comunidade religiosa (55 %), na escola (41 %) e dada por si/cônjuge (36 %), equivalendo a não instrução a 18 %;

- no tocante aos evangélicos/protestantes, em Portugal, destaca-se a instrução dada por si (47 %), na catequese (27 %) e a não instrução (28 %), enquanto na AML se destaca a instrução dada na comunidade religiosa (77 %), por si/cônjuge (64 %), correspondendo a não instrução a 5 % na AML.

Os dados do presente inquérito permitem uma caracterização de fatores primários na construção das identidades, como a socialização familiar e escolar.¹¹ O ensino religioso na escola prevalece em cerca de dois terços da amostra (cf. Quadro 7). Nos grupos com um peso relativo maior destacam-se, com percentagens mais elevadas, os agnósticos e católicos e, inversamente, os indiferentes. Nesse conjunto de identidades, os evangélicos/protestantes são os crentes com percentagens menores. Nos grupos com um peso relativo menor destacam-se os muçulmanos, aos quais corresponde uma percentagem maior, e outros cristãos, com percentagem menor.

Quadro 7 Ensino religioso na escola, por posição religiosa

P30. Entre os 6 e os 15 anos teve algum tipo de ensino religioso na escola? (%)	Sim	Não	NS/NR
Indiferente	49,8	50,2	0,0
Agnóstico	78,0	22,0	0,0
Ateu	64,7	35,3	0,0
Crente sem religião	64,8	35,2	0,0
Católico	70,6	28,4	1,0
Evangélico/Protestante	51,6	47,0	1,4
Ortodoxo	55,3	44,7	0,0
Testemunha de Jeová	59,7	40,3	0,0
Outra confissão cristã	50,9	49,1	0,0

P30. Entre os 6 e os 15 anos teve algum tipo de ensino religioso na escola? (%)	Sim	Não	NS/NR
Budista	54,6	45,4	0,0
Muçulmano	83,3	16,7	0,0
Outra religião não cristã	63,8	22,2	14,0
NS/NR	68,6	23,2	8,3
Total	67,4	31,8	0,8

Contextos parentais

Tendo em conta a relevância das culturas familiares nas trajetórias de identificação religiosa, ensaia-se aqui uma caracterização dos contextos parentais, por posição religiosa, em dois momentos das trajetórias: no momento em que o respondente tinha dez anos e atualmente (ou quando os pais faleceram).

Na posição religiosa do pai na infância do respondente prevalece o católico (cerca de dois terços), havendo ainda algum peso dos não crentes e crentes sem religião (cf. Quadro 8). Quanto à presença de pai católico na infância, destacam-se os católicos e, inversamente, os evangélicos/protestantes. Nos grupos de menor peso demográfico, destacam-se os budistas, com uma percentagem maior, e os muçulmanos, com uma percentagem menor. Indiferentes, agnósticos, ateus e crentes sem religião conheceram, na infância, pai católico (cerca de 50 %); no caso dos católicos, a percentagem é ainda mais elevada (superior a 80 %); a ascendência paterna dos evangélicos/protestantes divide-se, de modo prevalente, entre a presença de pai católico e de pai evangélico/protestante. Em termos gerais, nestes grupos houve alguma dificuldade em responder à pergunta. A ascendência paterna dos ortodoxos e muçulmanos é, na maioria dos casos, homogénea;

a presença de pai católico na infância é o traço preponderante entre as Testemunhas de Jeová; outros cristãos e outros não cristãos conheceram, na infância, pai não crente e pai católico; entre os outros não cristãos, a homogeneidade religiosa assume, neste item, algum peso; a ascendência paterna católica destaca-se entre os budistas.

Quadro 8 Posição religiosa do pai quando respondente tinha dez anos, por posição religiosa

P35.1 Qual era a posição religiosa do seu pai quando o(a) Senhor(a) tinha 10 anos? (%)	Não crente	Crente sem religião	Católico	Evangélico/Protestante	Testemunha de Jeová	Mórmon	Outro cristão	Muçulmano	Outro não cristão	NS/NR
Indiferente	19,8	15,2	55,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	9,4
Agnóstico	27,0	17,3	50,5	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,4
Ateu	29,9	10,9	49,9	0,0	0,0	0,0	1,2	0,0	0,0	8,2
Crente sem religião	17,5	12,9	51,5	0,7	0,6	0,7	1,7	0,9	0,0	13,5
Católico	7,2	3,5	81,5	0,0	0,2	0,0	0,1	0,2	0,0	7,4
Evangélico/Protestante	16,5	1,0	36,4	30,5	0,0	0,0	5,6	0,0	0,0	10,1
Ortodoxo	0,0	0,0	23,7	0,0	0,0	0,0	76,3	0,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	25,8	4,3	50,9	0,0	19,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Outra confissão cristã	35,0	0,0	34,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	30,3	0,0
Budista	10,4	12,7	76,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Muçulmano	0,0	0,0	8,2	0,0	0,0	0,0	0,0	91,8	0,0	0,0
Outra religião não cristã	22,2	11,9	31,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	20,4	14,0
NS/NR	6,2	30,2	32,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	30,8
Total	13,6	7,2	66,5	1,7	0,4	0,1	1,1	0,9	0,2	8,3

Relativamente à posição religiosa da mãe na infância do respondente prevalece a católica (mais de três quartos), havendo ainda algum peso de crentes sem religião e não crentes (cf. Quadro 9). Nos grupos com um peso relativo maior, no caso das mães católicas destacam-se os católicos, com uma percentagem maior e os evangélicos/protestantes, com uma percentagem menor. Naqueles com um peso relativo menor, no caso das mães católicas destacam-se os outros cristãos, com uma percentagem maior (no geral), os ortodoxos, com uma percentagem menor (no geral). Os indiferentes, agnósticos, ateus e crentes sem religião foram socializados na infância sobretudo por mães católicas (cerca de 60 %), e ainda por mães não crentes e crentes sem religião; já os católicos por mães claramente católicas (quase 95 %); os evangélicos/protestantes sobretudo por mães evangélicas/protestantes e católicas. Por seu turno, os ortodoxos e muçulmanos foram socializados por mães com a mesma religião; as Testemunhas de Jeová foram-no sobretudo por mães católicas, mas também crentes sem religião e com a mesma religião; outros cristãos e budistas foram socializados por mães católicas; enquanto os outros não cristãos por mães católicas, não crentes e outras não cristãs.

Quadro 9 Posição religiosa da mãe quando respondente tinha dez anos, por posição religiosa

P35.2 Qual era a posição religiosa da sua mãe quando o(a) Senhor(a) tinha 10 anos? (%)	Não crente	Crente sem religião	Católico	Evangélico/Protestante	Testemunha de Jeová	Mórmon	Outro cristão	Muçulmano	Outro não cristão	NS/NR
Indiferente	15,9	16,4	63,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,2
Agnóstico	17,8	15,9	62,0	0,9	0,0	0,0	0,0	0,7	0,0	2,7
Ateu	14,4	9,6	63,6	1,6	2,1	0,0	2,2	0,0	0,0	6,4
Crente sem religião	5,4	12,9	65,5	2,9	0,6	0,7	1,7	2,6	0,0	7,7
Católico	1,1	0,9	94,9	0,1	0,1	0,0	0,2	0,0	0,4	2,3
Evangélico/Protestante	3,4	4,0	41,2	42,7	1,0	0,0	3,4	0,0	1,2	3,2
Ortodoxo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100	0,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	3,9	21,1	49,0	7,0	19,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Outra confissão cristã	0,0	0,0	100	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Budista	0,0	12,7	87,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Muçulmano	0,0	0,0	8,2	0,0	0,0	0,0	0,0	91,8	0,0	0,0
Outra religião não cristã	22,2	11,9	31,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	20,4	14,0
NS/NR	13,9	30,2	32,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	23,1
Total	5,2	6,0	78,7	2,9	0,6	0,1	1,3	1,1	0,4	3,8

Quanto às práticas religiosas do pai, na infância do respondente, prevalece o culto semanal (mais de quatro quintos), seguido da oração diária (cf. Quadro 10, pergunta de resposta múltipla). Nos grupos com um peso relativo maior, no item culto semanal todos apresentam percentagens bastante elevadas — verificando-se a maior nos indiferentes (100 %) —, à exceção dos crentes sem religião; no respeitante à oração diária, surgem percentagens menores, variando entre agnósticos e evangélicos/protestantes. Nos grupos com um peso relativo menor, existem percentagens bastante elevadas no concernente ao culto

semanal — destacando-se as Testemunhas de Jeová, os outros cristãos, outros não cristãos (todos com 100 %) e muçulmanos — e, inversamente, os budistas e os ortodoxos. Por seu turno, na oração diária destacam-se os budistas e muçulmanos, com frequências mais elevadas, e as Testemunhas de Jeová, com frequências mais baixas. A sociabilidade concretizada na pertença a grupos ou movimentos religiosos tem algum peso no caso dos budistas, outros cristãos e evangélicos/protestantes. O desempenho de tarefas tem importância sobretudo para os evangélicos/protestantes, outros cristãos e muçulmanos.

Quadro 10 Práticas religiosas do pai quando respondente tinha dez anos, por posição religiosa¹²

P36.1 Se era crente, o seu pai tinha as seguintes práticas religiosas quando você tinha 10 anos? (% de casos)	Culto semanal	Oração diária	Pertença grupos	Tarefas
Indiferente	100,0	63,4	17,4	17,4
Agnóstico	85,7	33,8	7,3	10,3
Ateu	84,7	40,5	10,0	14,1
Crente sem religião	69,1	45,6	12,0	14,8
Católico	83,4	58,3	11,4	15,0
Evangélico/Protestante	96,6	71,2	33,1	38,0
Ortodoxo	55,6	44,4	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	100,0	23,8	0,0	0,0
Outra confissão cristã	100,0	34,1	34,1	34,1
Budista	74,1	100,0	37,7	0,0
Muçulmano	91,3	84,3	0,0	30,7
Outra religião não cristã	100,0	60,6	0,0	0,0
NS/NR	72,1	0,0	0,0	27,9
Total	83,8	55,9	12,5	16,4

Comparando os resultados da AML com a amostra nacional de IRP (Teixeira, 2013, pp. 140) em relação ao culto semanal (que aparece em IRP como ida semanal à missa), as maiores diferenças encontram-se nos católicos e menos nos evangélicos/protestantes; nos indiferentes, agnósticos e ateus as percentagens apresentam uma média de 15 %, e no caso dos não crentes de 20 %; nos crentes sem religião, a média é de 25 % em Portugal e 16 % na AML; já nos católicos é de 61 % em Portugal e 37 % na AML; nos evangélicos/protestantes, é de 32 % em Portugal e de 47 % na AML.¹³

Quanto às práticas religiosas da mãe na infância do respondente, prevalece o culto semanal (mais de quatro quintos), seguido da oração diária (cf. Quadro 11, pergunta de resposta múltipla). Nos grupos preponderantes, sob o ponto de vista demográfico, todos têm percentagens bastante elevadas, quanto ao culto semanal — mais elevadas nos agnósticos, mais baixas nos crentes sem religião e indiferentes; relativamente à oração diária, com percentagens mais baixas, surgem os ateus, crentes sem religião e católicos. Nos grupos com um peso demográfico menor, sobre o culto semanal, todos apresentam percentagens bastante elevadas, destacando-se ortodoxos, Testemunhas de Jeová, outros cristãos e outros não cristãos; na oração diária destacam-se, com uma maior percentagem, os muçulmanos, e com uma menor percentagem, ortodoxos e Testemunhas de Jeová. A pertença a grupos tem algum peso nos evangélicos/protestantes, budistas e outros cristãos. O desempenho de tarefas assume importância sobretudo para os muçulmanos, indiferentes, evangélicos/protestantes e outros cristãos.

Quadro 11 Práticas religiosas da mãe quando respondente tinha dez anos, por posição religiosa

P36.2 Se era crente, a sua mãe tinha as seguintes práticas religiosas quando você tinha 10 anos? (% de casos)	Culto semanal	Oração diária	Pertença grupos	Tarefas
Indiferente	71,2	61,6	8,5	28,7
Agnóstico	94,0	54,2	9,1	7,0
Ateu	81,4	49,7	6,6	10,3
Crente sem religião	66,9	52,5	7,2	9,2
Católico	83,0	68,1	11,8	13,0
Evangélico/Protestante	91,7	67,8	25,6	26,7
Ortodoxo	100,0	16,8	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	100,0	19,3	0,0	0,0
Outra confissão cristã	100,0	59,5	21,0	21,0
Budista	84,4	60,4	22,8	0,0
Muçulmano	92,1	85,7	0,0	38,8
Outra religião não cristã	81,3	67,9	0,0	0,0
NS/NR	100,0	0,0	0,0	0,0
Total	82,8	63,6	11,4	13,2

Tal como acima, comparando os nossos resultados da AML com a amostra nacional de IRP (Teixeira, 2013, pp. 140) em relação ao culto semanal, as maiores diferenças encontram-se nos católicos e nos evangélicos/protestantes: nos indiferentes, agnósticos e ateus as percentagens apresentam uma média de 27 % e os não crentes de 26 %; nos crentes sem religião é de 31 % em Portugal e 26 % na AML; já nos católicos é de 72 % em Portugal e 56 % na AML; nos evangélicos/protestantes a média é de 46 % em Portugal e 64 % na AML.

Vejam as diferenças que equivalem a pelo menos 10 %, nos últimos quatro quadros (quando a percentagem é próxima de 10 %, mas inferior, refere-se o termo «também»). Na posição religiosa dos pais/mães, para os agnósticos, ateus, crentes sem religião e católicos, a identidade católica é preponderante nas mães, enquanto a não crença é mais vincada nos pais dos ateus e crentes sem religião (e também nos agnósticos); nos indiferentes, estas diferenças não são nítidas. Nos evangélicos/protestantes existe um equilíbrio entre pais e mães católicos e pais e mães evangélicos/protestantes, embora se destaque a presença de não crentes do lado paterno. Nas práticas religiosas dos pais/mães relativamente ao culto semanal, o peso do pai no caso dos indiferentes é nitidamente maior. Relativamente à oração diária, o peso das mães dos agnósticos e também dos católicos e ateus é maior. No desempenho de tarefas o peso das mães é maior nos indiferentes e menor nos evangélicos/protestantes. Estes dados parecem mostrar que agnósticos, ateus, crentes sem religião e católicos vêm de famílias em que o pai é menos católico, mais descrente, e rezava menos do que as mães — embora nos agnósticos e católicos a educação religiosa tenha um valor mais proeminente. A indiferença parece resultar da conjugação de um culto semanal menos frequente por parte das mães e da menor educação religiosa. A maior pertença evangélica/protestante parece resultar de uma maior descrença dos pais e uma menor educação religiosa.

Os dados do inquérito permitem também elaborar um retrato da posição religiosa atual do pai e da mãe. No caso do pai, prevalece o católico (cerca de dois terços), verificando-se ainda algum peso de não crentes e crentes sem religião (cf. Quadro 12). Quanto à identidade católica atual do pai, nos grupos com um peso relativo maior destacam-se os católicos, com uma percentagem maior e os evangélicos/protestantes, com

uma percentagem menor. Nos grupos com um peso relativo menor, destacam-se os budistas, com uma percentagem maior, e os muçulmanos com uma percentagem menor. Os indiferentes, agnósticos, ateus e crentes sem religião encontram-se familiarmente enquadrados por um pai católico (cerca de 45–50 %), e ainda por um pai não crente e crente sem religião; no caso dos católicos, a atual identidade do pai é preponderantemente homogénea (mais de 80 %); no caso dos evangélicos/protestantes, essa preponderância divide-se entre pai evangélico/protestante e católico (e ainda alguns não crentes). Por sua vez, os ortodoxos e muçulmanos estão familiarmente enquadrados sobretudo por pais com a mesma religião (o primeiro também por católicos); as Testemunhas de Jeová apresentam, sobretudo, um contexto familiar com pai católico, mas também com a mesma religião e não crentes; outros cristãos e outros não cristãos apresentam pais não crentes, outros não cristãos e católicos; entre os budistas, prevalece a identidade católica.

Quadro 12 Posição religiosa atual do pai, atualmente ou quando faleceu, por posição religiosa

P35.3 Atualmente, qual é a posição religiosa do seu pai, ou a última, se já faleceu? (%)	Não crente	Crente sem religião	Católico	Evangélico/Protestante	Testemunha de Jeová	Mórmon	Outro cristão	Muçulmano	Outro não cristão	NS/NR
Indiferente	24,1	15,2	51,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	9,4
Agnóstico	28,9	18,1	46,7	1,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,7
Ateu	36,7	9,8	41,9	1,6	0,0	0,0	1,2	0,0	0,0	8,8
Crente sem religião	16,8	15,0	48,2	0,7	0,6	0,0	2,1	0,9	0,0	15,8
Católico	6,3	3,5	80,1	0,4	0,2	0,0	0,2	0,0	0,0	9,4
Evangélico/Protestante	12,2	3,6	27,2	38,5	0,0	0,0	4,1	0,0	0,0	14,5

P35.3 Atualmente, qual é a posição religiosa do seu pai, ou a última, se já faleceu? (%)	Não crente	Crente sem religião	Católico	Evangélico/Protestante	Testemunha de Jeová	Mórmon	Outro cristão	Muçulmano	Outro não cristão	NS/NR
Ortodoxo	0,0	0,0	23,7	0,0	0,0	0,0	60	0,0	0,0	16,4
Testemunha de Jeová	25,8	0,0	38,1	7,0	29,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Outra confissão cristã	35,0	0,0	25	0,0	0,0	0,0	10,0	0,0	30,3	0,0
Budista	10,4	12,7	64,7	0,0	12,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Muçulmano	0,0	0,0	8,2	0,0	0,0	0,0	0,0	91,8	0,0	0,0
Outra religião não cristã	22,2	11,9	31,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	20,4	14,0
NS/NR	21,7	8,8	20,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	21,4	27,3
Total	14,0	7,3	63,2	2,6	0,6	0,0	1,1	0,8	0,4	10,0

No que concerne às atuais práticas religiosas do pai dos respondentes, prevalece o culto semanal (mais de três quartos), seguido da oração diária (cf. Quadro 13, pergunta de resposta múltipla). Nos grupos com um peso relativo maior, no tocante ao culto semanal, todos apresentam percentagens bastante elevadas — à exceção dos crentes sem religião —, com destaque para os indiferentes; relativamente à oração diária, com percentagens menores na generalidade, surgem os agnósticos e indiferentes. Nos grupos de menor dimensão, no que concerne ao culto semanal, destacam-se as Testemunhas de Jeová e os outros cristãos, e ainda os ortodoxos por apresentarem uma percentagem nula; na oração diária destacam-se, por um lado, ortodoxos, budistas, muçulmanos e outros não cristãos e, por outro lado, as Testemunhas de Jeová, com uma percentagem menor. O registo de pertença a grupos religiosos é total nos outros cristãos, assumindo ainda algum peso nos budistas, indiferentes e evangélicos/protestantes. As sociabilidades que incluem o desempenho de tarefas nas comunidades e nos grupos religiosos têm

importância sobretudo nos indiferentes e budistas, mas também nos evangélicos/protestantes, ateus, agnósticos e muçulmanos.

Quadro 13 Práticas e sociabilidades religiosas do pai, atualmente ou quando faleceu, por posição religiosa¹⁴

P36.3 Se é ou era crente, o seu pai tem as seguintes práticas religiosas atualmente ou quando faleceu?	Culto semanal	Oração diária	Pertença grupos	Tarefas
Indiferente	100,0	100,0	34,2	59,6
Agnóstico	87,5	6	19,0	24,0
Ateu	88,1	64,5	11,3	24,3
Crente sem religião	60,5	54,6	9,2	12,1
Católico	78,0	62,0	8,9	10,3
Evangélico/Protestante	95,0	62,1	30,5	28,6
Ortodoxo	0,0	100,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	100,0	19,3	0,0	0,0
Outra confissão cristã	100,0	51,6	100,0	0,0
Budista	74,1	100,0	37,7	37,7
Muçulmano	65,6	100,0	0,0	20,8
Outra religião não cristã	60,6	100,0	0,0	0,0
NS/NR	100,0	0,0	0,0	0,0
Total	78,9	61,8	11,4	13,5

Quanto à posição religiosa atual da mãe do respondente, prevalece a católica (três quartos), havendo ainda algum peso de não crentes e crentes sem religião (cf. Quadro 14). É nos católicos que se verifica a percentagem mais elevada de mães católicas e nos evangélicos/protestantes, a menos elevada. Nos grupos de menor dimensão demográfica, esse contraste encontra-se entre os outros cristãos e budistas,

por um lado, e os ortodoxos, por outro. Os indiferentes, agnósticos, ateus e crentes sem religião são enquadrados familiarmente sobretudo por mães católicas (cerca de 60 %). As mães dos evangélicos/protestantes têm, maioritariamente, a mesma posição religiosa. Os ortodoxos e muçulmanos apresentam uma situação de grande homogeneidade no que se refere à posição atual das mães. Entre as Testemunhas de Jeová, as mães dividem-se entre a afirmação de uma identidade homogênea e a identidade católica, apresentando a segunda um peso maior. Os outros cristãos e budistas são enquadrados, sobretudo, por mães católicas. Já os outros não cristãos são-no sobretudo por mães católicas, não crentes e outras não cristãs.

Quadro 14 Posição religiosa atual da mãe, atualmente ou quando faleceu, por posição religiosa

P35.4 Atualmente, qual é a posição religiosa da sua mãe, ou a última, se já faleceu? (%)	Não crente	Crente sem religião	Católico	Evangélico/Protestante	Testemunha de Jeová	Mórmon	Outro cristão	Muçulmano	Outro não cristão	NS/NR
Indiferente	18,4	17,6	59,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,2
Agnóstico	17,9	16,7	61,3	0,9	0,0	0,0	0,7	0,7	0,0	1,8
Ateu	20,5	8,5	59,5	2,3	2,9	0,0	1,6	0,6	0,0	4,1
Crente sem religião	4,9	16,4	60,2	2,2	1,3	0,0	1,7	2,6	0,7	10,2
Católico	1,5	0,8	92,1	0,8	0,7	0,0	0,4	0,0	0,0	3,9
Evangélico/Protestante	4,4	2,5	28,2	53,4	1,0	0,0	4,8	0,0	1,2	4,6
Ortodoxo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100	0,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	3,9	16,7	38,1	12,1	29,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Outra confissão cristã	0,0	0,0	76	0,0	0,0	14,1	10,0	0,0	0,0	0,0
Budista	0,0	12,7	75,1	0,0	12,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

P35.4 Atualmente, qual é a posição religiosa da sua mãe, ou a última, se já faleceu? (%)	Não crente	Crente sem religião	Católico	Evangélico/Protestante	Testemunha de Jeová	Mórmon	Outro cristão	Muçulmano	Outro não cristão	NS/NR
Muçulmano	0,0	0,0	8,2	0,0	0,0	0,0	0,0	91,8	0,0	0,0
Outra religião não cristã	22,2	11,9	31,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	20,4	14,0
NS/NR	35,2	24,3	32,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	7,6
Total	6,4	6,1	74,9	3,8	1,4	0,1	1,4	1,2	0,2	4,6

O culto semanal, por parte da mãe, prevalece em mais de quatro quintos, seguido da oração diária (cf. Quadro 15, pergunta de resposta múltipla). No tocante ao culto semanal, todos os grupos de maior dimensão apresentam percentagens bastante elevadas, verificando-se a maior nos indiferentes e a menor nos crentes sem religião; a oração diária, com percentagens menores, varia entre agnósticos, ateus, crentes sem religião, católicos e evangélicos/protestantes. Nos grupos com um peso relativo menor, quanto ao culto semanal, destacam-se as Testemunhas de Jeová e os budistas, com percentagens maiores, e outros não cristãos, com uma percentagem menor; no respeitante à oração diária, sobressaem, de um lado, os muçulmanos e outros não cristãos, com percentagens maiores, e de outro lado os budistas, as Testemunhas de Jeová e os ortodoxos, com percentagens menores. A experiência de pertença a grupos ou movimentos religiosos tem algum peso nos casos dos evangélicos/protestantes, outros cristãos e budistas. O envolvimento da mãe em tarefas dentro da comunidade religiosa assume importância sobretudo no caso dos muçulmanos, indiferentes, evangélicos/protestantes, ateus e budistas.

Quadro 15 Práticas e sociabilidades religiosas da mãe, atualmente ou quando faleceu, por posição religiosa

P36.4 Se era ou é crente, a sua mãe tem as seguintes práticas religiosas atualmente ou quando faleceu?	Culto semanal	Oração diária	Pertença grupos	Tarefas
Indiferente	100,0	65,9	14,7	25,6
Agnóstico	88,2	60,2	12,6	9,7
Ateu	79,1	63,9	14,8	19,7
Crente sem religião	56,2	61,9	6,4	8,1
Católico	75,5	70,1	6,2	7,4
Evangélico/Protestante	86,4	80,5	25,8	24,3
Ortodoxo	57,2	59,6	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	100,0	53,4	14,1	14,1
Outra confissão cristã	65,0	79,4	20,7	14,1
Budista	86,9	50,6	19,1	19,1
Muçulmano	77,8	100,0	0,0	27,8
Outra religião não cristã	49,3	100,0	0,0	0,0
NS/NR	100,0	0,0	0,0	0,0
Total	75,8	69,5	8,7	10,2

Ensaando uma caracterização geral, no que concerne à posição religiosa dos ascendentes parentais dos agnósticos, ateus, crentes sem religião e católicos, sobressai a identidade católica, no caso da mãe, e a atitude de não crença, no caso do pai (pouco notória nos católicos). Contudo, nos indiferentes estas distinções não são tão nítidas. No caso dos evangélicos/protestantes, preponderantemente, o pai e a mãe são evangélicos/protestantes (sobretudo a mãe); a identidade católica vem logo a seguir, em termos percentuais. Quanto ao culto semanal, o pai, no caso dos ateus e dos evangélicos/protestantes, apresenta valores mais pronunciados. Relativamente à oração diária, nos indiferentes

o pai apresenta-se mais ativo, contrastando com evangélicos/protestantes e agnósticos, conjunto em que esse protagonismo é dado à mãe. As práticas de pertença a grupos ou movimentos religiosos têm um peso mais determinante no caso do pai dos indiferentes. Os valores relativos ao desempenho de tarefas nas comunidades religiosas, por parte do pai, pronunciam-se mais entre os indiferentes e os agnósticos.

Em termos gerais, estes dados indiciam que agnósticos, ateus, crentes sem religião e católicos são enquadrados por famílias com pai preponderantemente não crente; nos agnósticos, encontramos um maior peso de oração diária no caso da mãe, e um maior peso no desempenho de tarefas nas comunidades religiosas no caso do pai. A mãe, entre os indiferentes, tem menos práticas de oração diária, de pertença a grupos e movimentos e está ou estava menos mobilizada para o desempenho de tarefas nas comunidades religiosas. No caso da identidade evangélica/protestante, a mãe apresenta um mais evidente registo de pertença a grupos e movimentos e de prática de oração diária. No tocante às trajetórias parentais, é possível, assim, assinalar algumas tendências na sua definição.¹⁵ Entre a posição, as práticas e as sociabilidades atuais do pai e da mãe, ou quando faleceram, e as que os descreviam quando os respondentes tinham dez anos — não se deve perder de vista que se trata de uma aproximação indireta, mediada pela perceção do respondente:

- na trajetória considerada, as posições religiosas não apresentam significativas diferenças, quer quanto ao pai, quer quanto à mãe;
- verifica-se uma diminuição ligeira do peso do pai católico no caso dos evangélicos/protestantes;
- o culto semanal diminuiu ligeiramente por parte do pai dos crentes sem religião; a oração diária aumentou por parte do pai dos indiferentes, dos ateus, dos agnósticos e crentes sem religião, e diminuiu

ligeiramente no tocante ao pai dos evangélicos/protestantes; a pertença a grupos ou movimentos aumentou no perfil dos pais dos indiferentes e agnósticos; o desempenho de tarefas nas comunidades aumentou no que diz respeito ao pai dos indiferentes, agnósticos e ateus e diminuiu ligeiramente no que se refere ao pai dos evangélicos/protestantes;

- verifica-se uma diminuição do peso das mães católicas e um aumento do peso das mães evangélicas/protestantes dos evangélicos/protestantes;
- o culto semanal aumentou no caso das mães dos indiferentes e diminuiu no caso das mães dos crentes sem religião; a oração diária aumentou para as mães dos ateus e dos evangélicos/protestantes, e também dos crentes sem religião; o desempenho de tarefas nas comunidades aumentou ligeiramente entre os ateus;
- na prática semanal deixou de se verificar o peso nitidamente maior do pai dos indiferentes;
- na oração diária destaca-se um claro aumento do peso do pai dos indiferentes; o peso da mãe passou a ser maior no caso dos evangélicos/protestantes e desapareceu entre os ateus;
- no que diz respeito ao desempenho de tarefas nas comunidades, no contexto dos indiferentes houve uma transferência de importância da mãe para o pai; a mãe dos evangélicos/protestantes perdeu relevância e o pai dos agnósticos tornou-se mais ativo.

A influência parental na trajetória de construção da identidade religiosa pode ser comparada com outros fatores, a partir da autocompreensão relativa ao seu peso na configuração da identidade religiosa (cf. Quadro 16). Analisando as respostas à pergunta acerca dos fatores que foram mais determinantes para a posição religiosa dos indivíduos, constata-se que a influência da família ou de um amigo é o motivo com

uma média de concordância mais elevada entre quase todas as posições crentes, destacando-se os outros cristãos (5,7), os muçulmanos (4,9), os evangélicos (4,4) e os católicos (4,3).

Quadro 16 Influência de pessoas ou acontecimentos nas convicções religiosas, por posição crente¹⁶

P29. Influência de pessoas ou acontecimentos nas convicções religiosas	Amigo, familiar	Peregrinação, acampamento, retiro	Curso, formação, catequese	Grupo ou instituição	Ensino religioso na escola	Exemplo
Crente sem religião	3,0	1,4	1,7	1,8	1,7	2,2
Católico	4,3	2,2	3,3	2,3	2,6	2,6
Evangélico/Protestante	4,4	2,6	2,2	2,8	1,5	3,2
Ortodoxo	2,5	1,0	1,0	1,1	1,9	2,2
Testemunha de Jeová	3,7	1,3	1,6	3,1	1,1	3,4
Outra confissão cristã	5,7	1,7	2,5	2,1	2,1	3,5
Budista	3,8	2,2	1,9	1,9	1,5	3,1
Muçulmano	4,9	3,7	1,7	2,5	2,9	3,2
Outra religião não cristã	3,5	1,7	2,7	1,0	2,8	2,3
NS/NR	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a
Total	4,1	2,1	2,8	2,2	2,4	2,6

P29. Influência de pessoas ou acontecimentos nas convicções religiosas	Personalidade religiosa	Acontecimento pessoal	Leitura religiosa	Movimento juvenil	Rádio, TV	Sites, redes sociais
Crente sem religião	2,3	2,6	1,9	1,4	1,2	1,3
Católico	3,1	2,8	2,4	1,9	1,5	1,2
Evangélico/Protestante	3,0	3,6	4,1	2,2	1,8	2,0

P29. Influência de pessoas ou acontecimentos nas convicções religiosas	Personalidade religiosa	Acontecimento pessoal	Leitura religiosa	Movimento juvenil	Rádio, TV	Sítes, redes sociais
Ortodoxo	2,7	2,1	2,9	1,1	1,2	1,0
Testemunha de Jeová	4,0	3,1	4,3	1,2	1,0	1,0
Outra confissão cristã	3,1	4,3	3,9	1,6	1,6	2,3
Budista	4,1	3,6	4,0	1,0	1,0	2,5
Muçulmano	3,8	2,7	4,2	1,2	1,1	1,6
Outra religião não cristã	1,8	3,3	1,4	1,5	2,3	1,0
NS/NR	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a
Total	3,0	2,9	2,5	1,8	1,5	1,3

Para os católicos, a catequese e outros cursos de formação (3,3) e uma personalidade marcante (3,1) também são relevantes para a construção da sua identidade religiosa. Para os evangélicos, uma leitura religiosa (4,1) e um acontecimento especial (3,6) — geralmente, associado ao momento de conversão pessoal — são os fatores com a média de concordância mais alta. Também para os muçulmanos, a seguir à família e aos amigos, o que exerce mais influência é a leitura religiosa (4,2). Entre as Testemunhas de Jeová e os budistas, apontam-se como elementos importantes a leitura religiosa e a personalidade religiosa (4). As baixas médias de concordância presentes nas respostas dos ortodoxos parecem corroborar novamente o facto de estes serem indivíduos com uma religião essencialmente cultural.

A leitura dos dados revela ainda que a pertença a um movimento juvenil ou a participação em grupos ou em acampamentos, peregrinações, etc. não figuram entre os elementos mais determinantes.

Mobilidade religiosa ao longo da vida

Os indícios relativos à mobilidade religiosa ao longo da vida permitem a observação de que a identidade religiosa tende a ser estável (1/2), sendo a atitude de deixar de ser praticante, mas continuando a acreditar (quase um quarto), a mudança mais sublinhada (cf. Quadro 17). Nos grupos com um peso relativo maior, na primeira tendência destacam-se católicos e indiferentes, com percentagens maiores, e crentes sem religião e agnósticos, com percentagens menores; na tendência de mudança destacam-se católicos e crentes sem religião, com percentagens maiores, e os restantes com percentagens bem mais baixas. Nos grupos com um peso relativo menor, na primeira evidenciam-se os muçulmanos, com uma maior percentagem, e os outros cristãos, as Testemunhas de Jeová e os budistas, com menores percentagens; na segunda destacam-se os ortodoxos, com uma maior percentagem. Na trajetória em que se deixa de ser católico e se dá uma conversão a outra religião, sobressaem as Testemunhas de Jeová, os outros cristãos, budistas e evangélicos/protestantes. Na categoria «sem pertença, com crença» evidenciam-se os outros cristãos e crentes sem religião. Na categoria «sem prática, crença, pertença» destacam-se os agnósticos, ateus (e indiferentes). Na categoria «outro» destacam-se os budistas e as Testemunhas de Jeová.

Comparando os nossos resultados da AML com a amostra nacional de IRP (Teixeira, 2013, 137–8)¹⁷, a inexistência de alteração na posição religiosa é a que mais se destaca em todas as posições religiosas (cf. Quadro 17): 60 % nos não crentes, sendo a média percentual dos indiferentes, agnósticos e ateus de 45 %; nos crentes sem religião, 52 % em Portugal e 31 % na AML; nos católicos 83 % em Portugal e 59 % na AML; nos evangélicos/protestantes 59 % em Portugal e 49 % na AML.

Quadro 17 Mobilidade religiosa ao longo da vida por posição religiosa¹⁸

P31. Quanto à sua posição religiosa ao longo da vida, escolha a frase que melhor descreve a sua situação (%)	Sem prática, com crença	Outra religião	Tornou-se católico	Sem pertença, com crença	Sem prática, crença, pertença	Sem alteração	Outro	NS/NR
Indiferente	7,9	0,0	0,0	11,4	24,1	55,7	1,0	0,0
Agnóstico	5,4	0,0	0,0	11,3	40,5	35,2	5,1	2,6
Ateu	1,7	0,0	0,0	10,1	40,0	44,1	4,2	0,0
Crente sem religião	31,2	0,0	0,0	28,0	4,5	31,2	2,4	2,7
Católico	32,4	0,1	1,6	1,5	1,2	58,6	3,1	1,4
Evangélico/Protestante	8,4	33,3	0,0	2,6	0,0	48,7	5,1	1,9
Ortodoxo	40,0	0,0	0,0	0,0	0,0	60,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	17,3	49,5	0,0	0,0	0,0	12,1	21,1	0,0
Outra confissão cristã	0,0	44,4	0,0	35,0	0,0	10,0	10,6	0,0
Budista	0,0	33,5	0,0	0,0	0,0	12,7	42,0	11,8
Muçulmano	0,0	8,2	0,0	0,0	0,0	91,8	0,0	0,0
Outra religião não cristã	20,4	16,5	0,0	0,0	0,0	63,1	0,0	0,0
NS/NR	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	51,9	19,7	28,4
Total	23,8	3,0	0,9	7,2	9,2	50,4	3,9	1,7

Olhando agora para as mudanças religiosas, denota-se o seguinte: nos não crentes, destacam-se as proposições «deixei de estar ligado a qualquer religião» (72 %) e «deixei de ser praticante» (24 %), enquanto nos indiferentes, agnósticos e ateus sobressaem as mudanças que se exprimem nas proposições «sem prática, crença, pertença» (de 54 % a 72 %) e «sem pertença, com crença» (18 % a 26 %); nos crentes sem religião evidenciam-se as proposições «deixei de estar ligado a qualquer religião» (59 %) e «deixei de ser praticante» (20 %), em Portugal,

enquanto se destacam «sem prática, com crença» (47 %) e «sem pertença, com crença» (42 %) na AML; nos católicos, sobressai a proposição «deixei de ser praticante» (64 %), em Portugal, enquanto se destaca «sem prática, com crença» (81 %), na AML; nos evangélicos/protestantes, evidencia-se «deixei de ser católico e converti-me a outra religião» (91 %), em Portugal, enquanto na AML se destaca «outra religião» (67 %).

Conjugando as conclusões desta alínea com as das alíneas anteriores, podem resumir-se os traços das identidades com um maior peso demográfico:

- *Indiferentes*: mantiveram sobretudo a sua posição religiosa («sem alteração»), embora muitos tenham deixado de praticar, acreditar e pertencer. Indicia-se uma menor presença de fatores de socialização religiosa primária. Quando o respondente tinha dez anos, a mãe apresentava um perfil religioso menos ativo do que o pai.
- *Agnósticos*: repartem-se entre trajetórias «sem alteração» e mudanças para posições «sem prática, crença, pertença», tal como os ateus. Prevalece o perfil de mãe católica, que reza e rezava mais do que o pai, antes e agora. Sob o ponto de vista das sociabilidades religiosas, o pai é agora mais ativo.
- *Ateus*: reconhecem-se equilibradamente na trajetória «sem alteração» e na mudança para «sem prática, crença, pertença», tal como os agnósticos. O perfil católico da mãe é mais acentuado do que o do pai, antes e agora, sendo esta também mais ativa sob o ponto de vista religioso.
- *Crentes sem religião*: distribuem-se equilibradamente por três proposições — «sem prática, com crença», «sem pertença, com crença» e «sem alteração». A ascendência materna é católica, traço menos acentuado no caso do pai, antes e agora: tal prevalência, quando os

respondentes tinham dez anos, sublinha-se também no concernente às práticas de oração.

- *Católicos*: tendem para a estabilidade, mas muitos deixaram de praticar, continuando a acreditar. A prevalência da ascendência materna católica e religiosamente ativa tem um recorte semelhante ao encontrado nos crentes sem religião.
- *Evangélicos/protestantes*: mantiveram, preponderantemente, a sua posição religiosa ou deixaram de ser católicos e converteram-se a outra confissão. O peso de uma ascendência religiosa parental é menor, mas atualmente, em particular no caso da mãe, indicia-se uma maior prática de oração.

Capítulo 3

Geografia das identidades

Enquadramento sociodemográfico

A geografia da Área Metropolitana de Lisboa (AML) define-se pelos seus 18 concelhos, nove dos quais localizados a norte do Tejo (Lisboa, Amadora, Cascais, Loures, Mafra, Odivelas, Oeiras, Sintra e Vila Franca de Xira) e os restantes nove na margem Sul do Tejo e península de Setúbal (Alcochete, Almada, Barreiro, Moita, Montijo, Palmela, Seixal, Sesimbra e Setúbal). O aumento populacional que a região registou nos dois últimos recenseamentos gerais da população (2001 e 2011) e nos anos subsequentes até 2017, em que foi mesmo a única região do país com um crescimento populacional, tem contribuído para o reforço da importância relativa desta metrópole no contexto do sistema urbano nacional,¹⁹ com uma estrutura demográfica e um perfil socioeconómico sem paralelo nas outras regiões portuguesas.

As estimativas do INE para 2017 apontam para 2 833,679 residentes na AML, estando este crescimento alicerçado, não na cidade de Lisboa, que nas últimas décadas tem perdido população residente, mas no aumento populacional nos concelhos mais periféricos da Zona Norte do Tejo, como Odivelas e Mafra, e nos concelhos da margem Sul do Tejo, como Montijo e Alcochete.

Perante a maior densidade populacional do país²⁰ e uma ocupação muito significativa do parque habitacional (alojamento e edifícios de habitação familiar), a região reforça o seu papel na hierarquia urbana

nacional, com a grande maioria da população residente a beneficiar das condições específicas do contexto urbano.²¹

A sua composição social e demográfica caracteriza-se por uma estrutura etária mais jovem e por um índice de envelhecimento inferior à média nacional. No contexto do continente, a região apresenta a percentagem mais elevada de jovens até aos 14 anos²² e uma das percentagens mais baixas de população com 65 ou mais anos.²³ O concelho de Lisboa é o único que contraria esta tendência, apresentando-se mais envelhecido, sendo que, em 2017, 34,7 % da população lisboeta era idosa (INE, 2017). Esta característica estrutural traduz os efeitos da terciarização e da suburbanização da própria cidade de Lisboa, realidade que se verifica, de uma forma geral, nas grandes cidades europeias.

A estrutura etária descrita reflete-se naturalmente na organização e na diversificação dos modelos familiares. Na AML, as famílias são mais pequenas do que no resto do país, sendo a dimensão média dos núcleos familiares da região e do concelho de Lisboa, por exemplo, inferior à média nacional.²⁴ Acresce que um quarto das famílias são unipessoais, em particular no caso de jovens ou idosos a viver sozinhos. Nas últimas décadas, o número de famílias sem filhos²⁵ e com um só filho aumentou, assim como diminuíram os casais com dois ou três filhos (INE, 2001 e 2011).

Esta composição familiar, conjugada com os fenómenos da parentalidade, resulta no aumento dos núcleos familiares monoparentais, com destaque para a monoparentalidade feminina, e ainda no aumento das famílias reconstituídas ou recompostas. São situações mais expressivas na AML e específicas dos contextos municipais de cariz mais urbano, caracterizados por uma maior dinâmica de trabalho, mas também pela maior diversidade social e cultural (INE, 2011).

Na AML estas características coincidem, também, com significativas mudanças na conjugalidade e nas formas de celebração dos casamentos. Nas últimas décadas figura a percentagem mais baixa, a nível nacional, de população casada e a percentagem mais elevada de população divorciada ou separada (INE, 2011).²⁶ A diminuição das relações formalizadas pelo casamento é simultânea à diminuição das formalizadas pelo casamento católico que, no ano de 2011, é superado pelo casamento civil. Isto significa que esta é a região onde é mais expressiva a desvinculação e a informalização das relações conjugais, bem como a perda de importância do catolicismo na união entre os casais e na estruturação das famílias.

A modernização da estrutura demográfica da região é ainda reforçada por outros fatores associados à escolarização e às formas de acesso à informação, mas também à estrutura da população ativa, onde se inclui o peso de cada sector de atividade e a percentagem de população ativa feminina. Estes indicadores favorecem a abertura e a absorção dos processos de mudança social, das mentalidades e dos comportamentos individuais e coletivos da população residente.

Em termos de escolarização, a AML apresenta a taxa de analfabetismo mais baixa do país e a mais elevada taxa de escolaridade do nível

de ensino superior, em particular das mulheres (INE, 2011). A grande maioria das famílias tem acesso à internet em casa e ligação de banda larga²⁷ (INE, 2017).

A AML distancia-se do referencial nacional também em termos socioeconómicos, pelo valor insignificante de população ativa no sector primário e pela maior proporção de população ativa no sector dos serviços, quer de natureza social, quer associados a alguma atividade económica. No concelho de Lisboa, por exemplo, o sector terciário representa perto de 90 % da população ativa (INE, 2011).

A estrutura económica da região da AML torna-se também ímpar quando ponderado o emprego feminino, uma vez que é a única região portuguesa onde as mulheres (50,6 %) ultrapassam os homens (49,5 %) (INE, 2011). A mulher assume um papel importante não apenas no mercado de trabalho, mas também no campo académico, superando a presença e a hegemonia masculina e condicionando, de forma progressiva, outros indicadores demográficos como a fecundidade, a natalidade, a nupcialidade ou a dimensão dos núcleos familiares.

Também como protagonista, ou pelo menos impulsionadora do processo de mudança, a população estrangeira tem, nesta região e a par do Algarve, um papel acrescido. Com mais de 416 mil cidadãos estrangeiros a residir em Portugal (dados de 2017), só a região de Lisboa agrega 216 mil (49,4 %), na sua grande maioria oriundos de países externos à União Europeia. Em termos proporcionais, cerca de 7,3 % dos seus habitantes são estrangeiros, um valor muito significativo no contexto nacional e que se reflete na diversidade das identidades culturais, étnicas, raciais e também religiosas que têm caracterizado os concelhos integrados na AML. Esta diversidade é mais visível

no concelho de Lisboa, com 12,3 % de residentes estrangeiros, mas também nos concelhos de Cascais, Amadora, Odivelas e Sintra, que ultrapassam o valor de referência regional (INE, 2017).

É de notar que a presença de população estrangeira está associada, de forma substancial, aos chamados *push factors* em termos laborais, económicos e culturais que os concelhos da região da AML têm evidenciado. Esta situação privilegiada é também denotada pelo facto de, em 2015, esta ser a única região do país com um valor acima do poder de compra *per capita* médio nacional (AML=124,7 e Portugal=100). O município de Lisboa apresentava, também neste ano, o IpC²⁸ mais elevado (214,5), mais do que duplicando o índice nacional, seguido do concelho de Oeiras (157,1), Cascais (122,7) e Alcochete (118,2).

Ficam assim evidenciados os dados e fatores que demonstram como a AML se encontra num estágio de evolução bastante singular em relação ao que se observa no resto do país. Não é de estranhar, pois, que a AML apresente uma força centrípeta muito expressiva e que os efeitos de metropolização e atratividade venham a ser reforçados nos próximos anos.

Distribuição sociodemográfica das posições religiosas

A geografia das identidades religiosas na Área Metropolitana de Lisboa (AML) evidencia algumas dinâmicas espaciais internas que se baseiam, entre outras condicionantes, na composição da estrutura sociodemográfica da população residente, onde se incluem as identidades culturais das quais fazem parte as crenças individuais e coletivas da população.

O quadro seguinte permite observar como se distribuem as posições religiosas pelas três grandes áreas geográficas da AML (Concelho de Lisboa, Zona Norte do Tejo, Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal — cf. Quadro 18) dando conta de que a AML não é uma área homogénea, mas que incorpora diferenças significativas no campo da geografia das identidades religiosas.

Este apuramento pretende constituir uma análise quantitativa global relativa à população, segundo três conjuntos: a população não crente — onde se incluem indiferentes, agnósticos e ateus —, a população crente, mas sem religião, e também a população crente pertencente a uma religião.

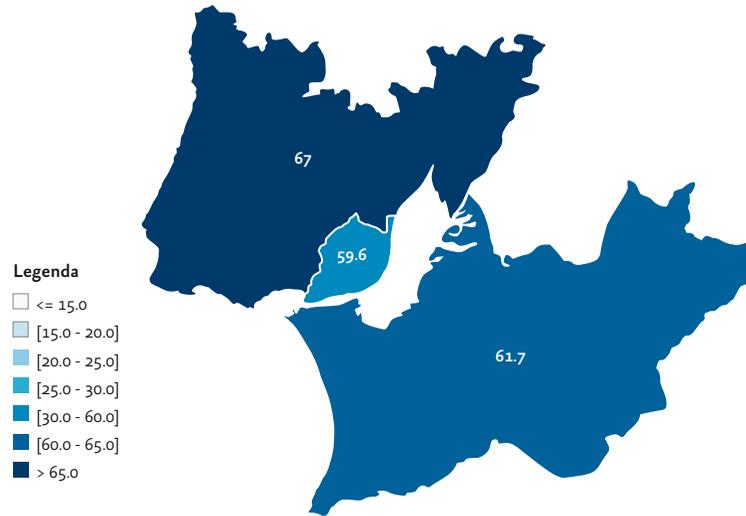
Quadro 18 População sem religião, crente sem religião e crente com religião, por áreas geográficas da AML

Área Geográfica	AML	Concelho de Lisboa	Zona Norte do Tejo	Zona Sul e P. Setúbal
Não Crente	21,8	28,7	20,1	20,1
Crente sem religião	13,1	11,6	12,1	16,2
Crente e com religião	64,1	59,6	67,0	61,7
NS/NR	1,0	0,2	0,8	1,9

A distribuição destes grandes conjuntos, aglutinadores das posições religiosas, nas diferentes áreas geográficas da AML, torna-se particularmente legível no mapa da região (cf. Cartogramas 2, 3, 4).

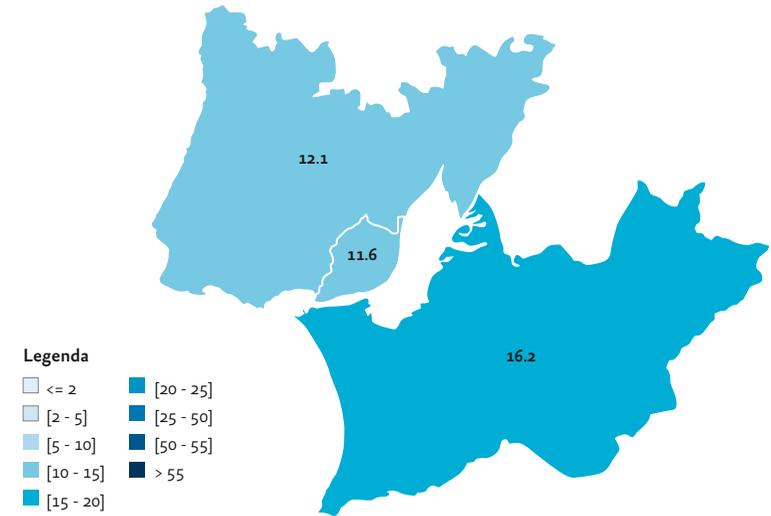
Cartograma 2 População crente, pertencente a uma religião, na AML, por áreas geográficas

População Crente, com religião



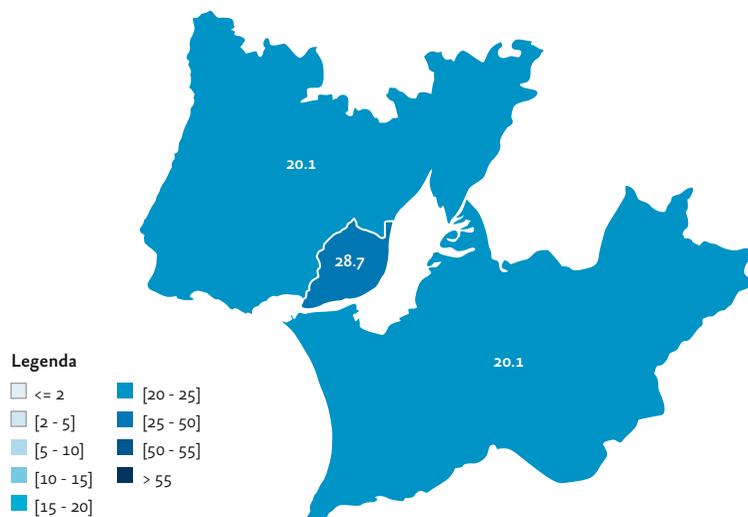
Cartograma 3 População crente sem religião, na AML, por áreas geográficas

População Crente, mas sem religião



Cartograma 4 População não crente, na AML, por áreas geográficas

População Não Crente



Da leitura dos dados, conclui-se que a maioria da população da AML se assume como crente e integrada numa religião (64,1 %), com particular destaque para a área geográfica da Zona Norte do Tejo, que atinge uma percentagem superior ao valor de referência da AML (67,0 %). Conclui-se também que a percentagem de população não crente é muito significativa na AML (21,8 %), sendo que no concelho de Lisboa este valor atinge os 28,7 %. Este contexto de secularização da AML é reforçado pela percentagem de 13,1 % de população crente sem religião, que na área geográfica da Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal atinge o valor de 16,2 % (cf. Quadro 18).

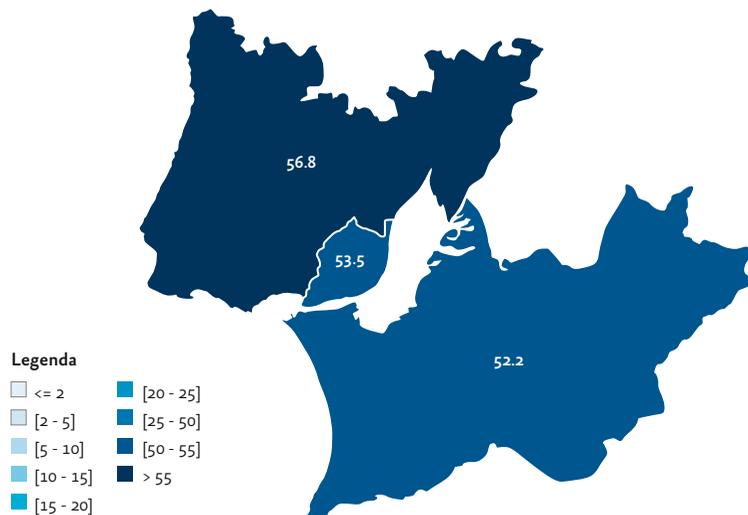
À semelhança do restante território português (Censos 2011, INE e UCP, 2012), a população residente da AML é marcada por uma matriz identitária cristã, onde o grupo maioritário é o católico, seguido de outros grupos evangélicos/protestantes. De facto, o grupo constituído pelos católicos, com 54,9 %, é o mais significativo na AML e em todas as áreas geográficas em estudo. No caso particular da Zona Norte do Tejo, a percentagem deste grupo é de 56,8 %; nas restantes áreas a percentagem é inferior, com 52,2 % na Margem Sul do Tejo e 53,5 % no concelho de Lisboa (cf. Quadro 19 e Cartograma 5).

Quadro 19 Posições religiosas da população residente na AML, por áreas geográficas

Área Geográfica	AML	Concelho de Lisboa	Zona Norte do Tejo	Zona Sul e P. Setúbal
Indiferente	4,9	5,9	5,2	3,7
Agnóstico	6,9	9,8	5,1	8,3
Ateu	10,0	13,0	9,8	8,1
Crente sem religião	13,1	11,6	12,1	16,2
Católico	54,9	53,5	56,8	52,2
Evangélico/Protestante	5,0	2,3	5,4	6,4
Ortodoxo	0,5	0,3	0,7	0,4
Testemunha de Jeová	1,3	1,2	1,0	1,9
Outra confissão cristã	0,5	0,7	0,5	0,2
Budista	0,7	0,7	1,1	0,0
Muçulmano	0,8	0,3	1,2	0,2
Outra religião não cristã	0,4	0,6	0,3	0,4
NS/NR	1,0	0,2	0,8	1,9

Cartograma 5 Percentagem de população católica, por área geográfica da Área Metropolitana de Lisboa

População Católica



A afirmação contemporânea de crescente autonomia face às instituições, que compreende a perda de laços individuais e coletivos relativamente à Igreja Católica é, também no contexto português e na AML (Censos, 2011; Teixeira, 2012), acompanhada pelo aumento significativo da população crente sem religião ou da população indiferente, agnóstica ou atea. O grupo dos crentes sem religião, com 13,1 % do total da população inquirida, representa a segunda posição religiosa mais elevada da AML. Por área geográfica, a percentagem mais significativa concentra-se na Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal, com 16,2 %; na Zona Norte do Tejo atinge um valor de 12,1 % e no concelho de Lisboa um valor de 11,6 % (cf. Quadro 19 e Cartograma 5).

O grupo composto por indiferentes representa 4,9 % da população da AML, os agnósticos 6,9 % e os ateus 10,0 %. Estas três posições agregadas configuram 21,8 % da população e constituem também uma força muito consistente e determinante na definição das identidades religiosas na AML. No concelho de Lisboa, por exemplo, o grupo dos ateus representa 13,0 % da população desta área geográfica, os agnósticos 9,8 % e os indiferentes 5,9 %. Em conjunto, estas três posições totalizam 28,7 % da população do concelho de Lisboa, 20,1 % na Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal e 20,1 % na Zona Norte do Tejo (cf. Quadro 18 e Cartograma 4).

Em síntese, as posições descritas (católicos; crentes, mas sem religião; indiferentes, agnósticos e ateus) compõem 89,8 % das identidades religiosas da população residente da AML. Os restantes quase 9,2 % são constituídos por minorias, cristãs e de outras tradições religiosas, que importa também analisar. Tendo em conta estudos anteriores sobre esta temática (nomeadamente Monteiro, 2012 e Franca, 2014), a expressão das minorias religiosas tem vindo a aumentar no território português, tanto no que se refere a população como a lugares de culto, disseminados um pouco por todo o país. Esta diversificação no campo das identidades religiosas é geradora de comunidades distintas, territórios específicos e paisagens múltiplas.

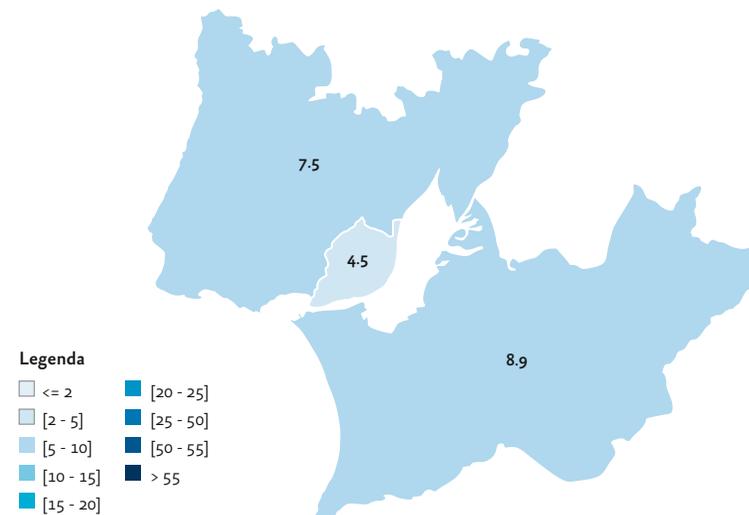
Assim, no âmbito de outras confissões cristãs, como já se sublinhou, o grupo dos evangélicos/protestantes, com uma percentagem de 5,0 %, é o mais representativo na AML. Importa referir, no entanto, que a sua distribuição neste território não é uniforme. Na Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal este grupo atinge os 6,4 % e na Zona Norte do Tejo os 5,4 %. O concelho de Lisboa regista uma percentagem inferior na ordem dos 2,3 % (cf. Quadro 19).

O grupo dos cristãos ortodoxos, com uma percentagem na AML de 0,5 %, e os membros das Testemunhas de Jeová, com 1,3 %, também não apresentam uma distribuição homogénea no território da AML. Na Margem Sul do Tejo e na Península de Setúbal, este último grupo representa 1,9 % da população, ao passo que na Zona Norte do Tejo representa 1,0 % (cf. Quadro 19).

Em conjunto, estas minorias cristãs influenciam a caracterização e a diferenciação geográfica das identidades religiosas da AML. Conforme o Cartograma 6, na Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal estas posições religiosas totalizam 8,9 % da população residente, na Zona Norte atingem 7,5 % da população e, por fim, no concelho de Lisboa apenas 4,5 % da população (cf. Cartograma 6).

Cartograma 6 Percentagem de população não crente (indiferentes, agnósticos e ateus), por área geográfica da Área Metropolitana de Lisboa

População de outra posição cristã



Em termos geográficos, a população integrada em grupos minoritários de raiz cristã é preponderante em áreas mais periféricas e externas à cidade de Lisboa, caracterizadas pelo recente crescimento demográfico, por serem áreas menos densamente povoadas, mais jovens e com menor percentagem de população estrangeira (cf. Quadro 20). Daqui se deprende a importância do fator «localização» na caracterização das identidades religiosas, remetendo para as áreas mais periféricas uma maior percentagem de grupos minoritários. Isto não significa que as práticas de reunião não possam acontecer na cidade, associadas ou não a outras práticas de mobilidade — analisar-se-á esta questão no contexto da leitura dos dados sobre as práticas culturais.

Quadro 20 Síntese de indicadores demográficos da região de Lisboa, por concelho, 2017²⁹

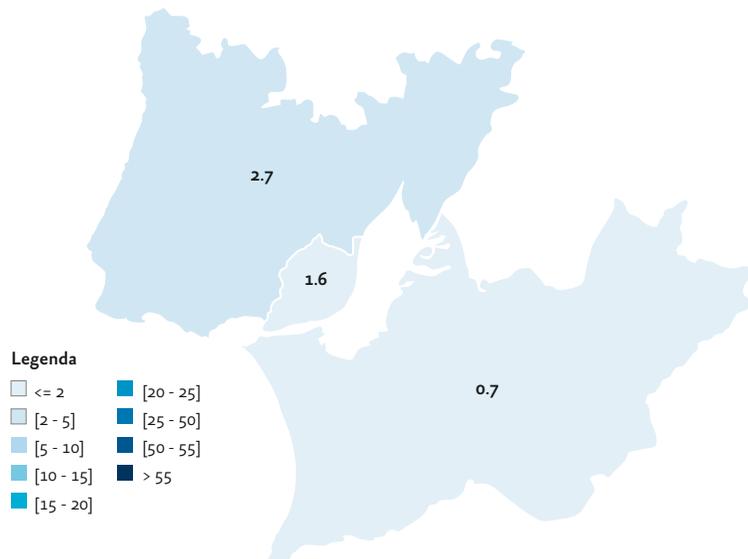
Área Geográfica	População Residente		Des. Pop.	Pop. Estrangeira		Pop. 0-14 anos		Pop. 65+ anos	Ens. Sup	Pop. Res. Cidades	
	2017	2011-2017		2017	2011-2017	2017	2017			2011	2011
	N.º		hab/Km²	%	%	%	%	%	%		
Portugal	10 291 027	-2,6	112	4,0	-4,1	13,8	27,9	15,4	42,1		
Continente	9 792 797	-2,5	110	4,2	-4,2	13,8	28,3	15,6	41,8		
AML	2 833 679	0,4	940	7,3	-5,4	15,9	27,6	21,0	51,7		
Zona Norte do Tejo	1 544 705	3,3	1 198	7,1	-16,3	16,0	25,7	17,8	35,5		
Amadora	1 79 942	2,7	7 567	8,8	-15,7	15,4	29,2	2,1	100,0		
Cascais	211 714	2,5	2 174	10,2	-3,7	16,1	25,9	26,8	0,0		
Loures	209 442	2,1	1 252	7,1	-19,8	15,8	27,5	16,8	33,1		
Mafra	83 289	8,6	286	3,4	-27,5	17,4	20,7	16,5	0,0		
Odivelas	157 829	9,2	5 947	7,6	-16,8	16,3	26,3	17,9	39,3		
Oeiras	175 224	1,8	3 819	4,9	-15,4	15,6	30,2	31,8	0,0		
Sintra	386 038	2,2	1 209	7,6	-18,7	16,3	22,5	15,5	41,0		
Vila Franca de Xira	141 227	3,2	444	3,9	-29,0	16,1	23,6	15,2	55,1		
Concelho de Lisboa	506 088	-7,6	5 058	12,3	41,5	16,0	34,7	32,4	100,0		
Lisboa	506 088	-7,6	5 058	12,3	41,5	16,0	34,7	32,4	100,0		
Marg. Sul do Tejo e P. de Setúbal	782 886	0,4	482	4,2	-20,5	15,5	26,9	16,0	48,3		
Alcochete	19 285	9,8	150	4,3	-2,3	17,3	21,0	20,7	0,0		
Almada	169 152	-2,8	2 409	5,2	-17,2	15,0	29,3	18,9	62,4		
Barreiro	75 715	-3,9	2 081	3,4	-15,8	14,1	32,4	15,0	80,4		

Área Geográfica	População Residente		Des. Pop.	Pop. Estrangeira		Pop. 0-14 anos		Pop. 65+ anos	Ens. Sup	Pop. Res. Cidades	
	2017	2011-2017		2017	2011-2017	2017	2017			2011	2011
	N.º		hab/Km²	%	%	%	%	%	%		
Moita	64 616	-2,1	1 169	3,6	-25,7	15,5	27,2	10,7	0,0		
Montijo	56 305	9,9	162	4,8	-3,3	17,0	22,0	16,1	70,6		
Palmela	64 230	2,2	138	3,0	-10,9	15,6	24,8	14,9	0,0		
Seixal	165 971	4,9	1 738	4,3	-25,6	15,6	25,7	15,5	44,2		
Sesimbra	51 282	3,6	262	3,3	-20,4	16,6	22,3	14,2	0,0		
Setúbal	116 330	-4,0	505	4,5	-29,6	15,7	28,0	16,5	81,0		

Por fim, a análise dos grupos religiosos não cristãos revela uma distribuição geográfica igualmente diferenciada. Na AML estes grupos representam, no seu conjunto, 1,9 % da população. No entanto, a maior percentagem de população concentra-se na Zona Norte do Tejo, com 2,7 %, seguida do concelho de Lisboa com 1,6 % e da Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal com 0,7 % (cf. Quadro 2 e Cartograma 7). Neste grupo destaca-se a população budista e os muçulmanos, que se concentram na Zona Norte do Tejo (cf. Quadro 19, Cartograma 7).

Cartograma 7 Percentagem de população pertencente a uma religião não cristã, por área geográfica da AML

População não cristã



Em suma, da observação dos dados anteriores conclui-se que:

- em todas as áreas geográficas analisadas, a população católica é a posição religiosa maioritária, atingindo percentagens acima dos 53,0 %;
- a população não crente atinge valores muito elevados na AML, na ordem dos 21,8%, sendo que no concelho de Lisboa este valor eleva-se para os 28,7% da população;
- as áreas geográficas da Zona Norte do Tejo e da Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal registam as mais elevadas percentagens de população integrada nas chamadas minorias religiosas, cristãs e não cristãs (10,2 % e 9,6 %, respetivamente).

Os gráficos seguintes permitem uma análise comparativa do peso das diferentes posições religiosas por área geográfica (cf. Gráfico 4, 5 e 6).

Gráfico 4 Distribuição da população do concelho de Lisboa, por posição religiosa

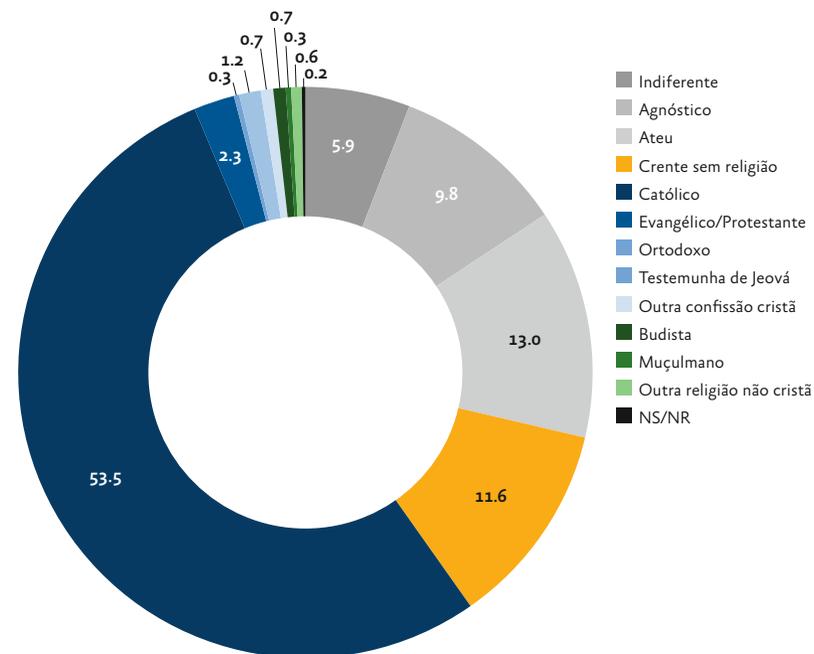


Gráfico 5 Distribuição da população da Zona Norte do Tejo, por posição religiosa

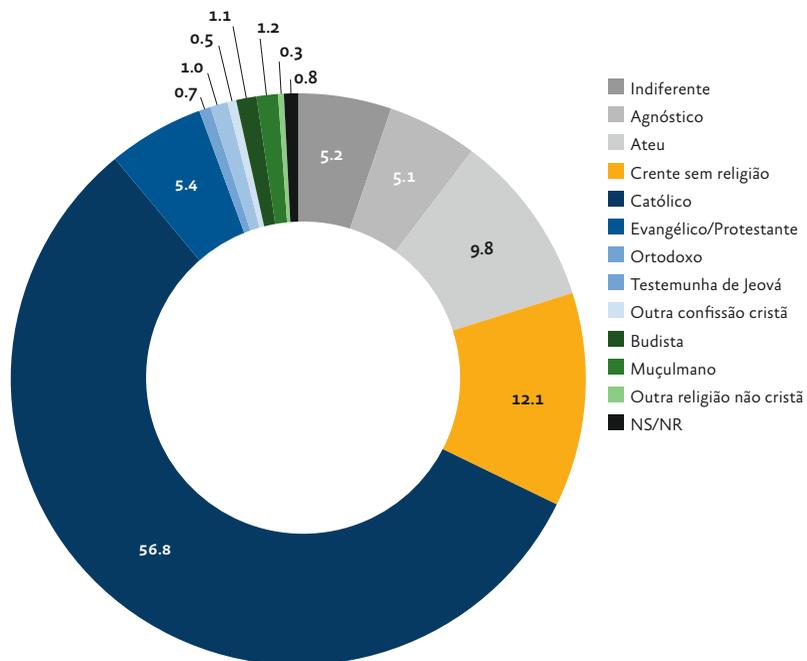
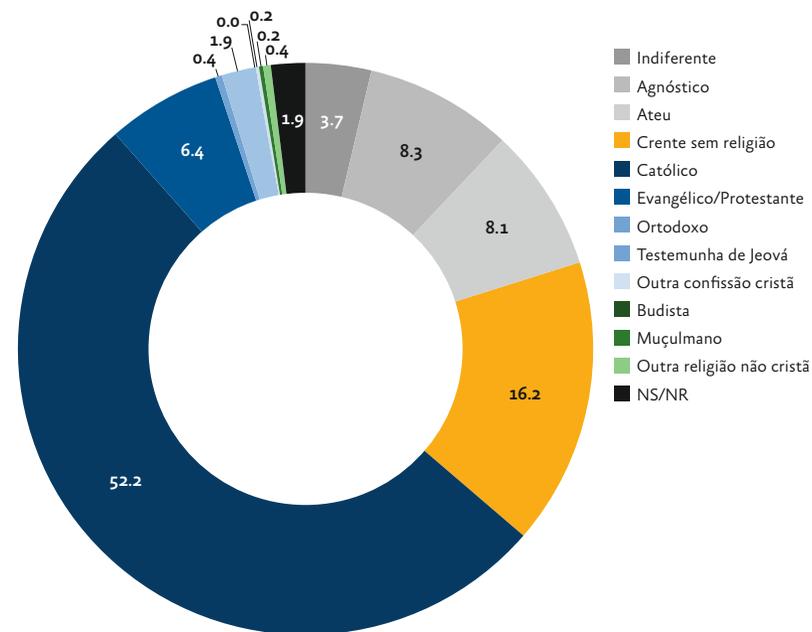


Gráfico 6 Distribuição da população da Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal, por posição religiosa



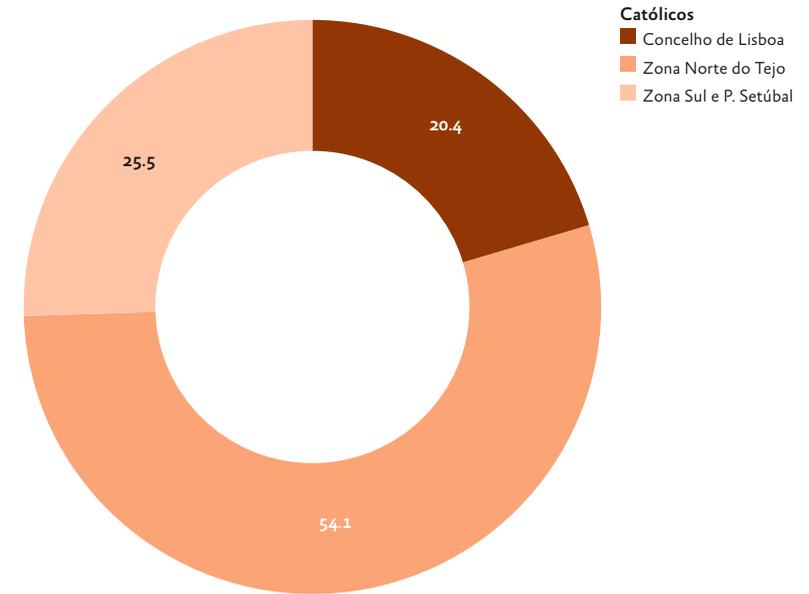
Pode observar-se esta realidade a partir de uma outra perspetiva complementar: de que forma se distribui o conjunto dos respondentes que constituem cada posição religiosa pelas diferentes áreas geográficas.

Quadro 21 Distribuição de cada posição religiosa nas três áreas geográficas da AML

Área Geográfica	Concelho de Lisboa	Zona Norte do Tejo	Zona Sul e P. Setúbal
Indiferente	24,7	55,3	20,0
Agnóstico	29,4	38,4	32,2
Ateu	27,1	51,1	21,8
Crente sem religião	18,5	48,3	33,2
Católico	20,4	54,1	25,5
Evangélico/Protestante	9,4	56,4	34,2
Ortodoxo	11,6	68,4	20,0
Testemunha de Jeová	20,0	39,4	40,6
Outra confissão cristã	31,3	54,7	14,1
Budista	21,1	78,9	0,0
Muçulmano	7,9	83,9	8,2
Outra religião não cristã	28,9	42,7	28,4
NS/NR	4,9	41,1	54,1

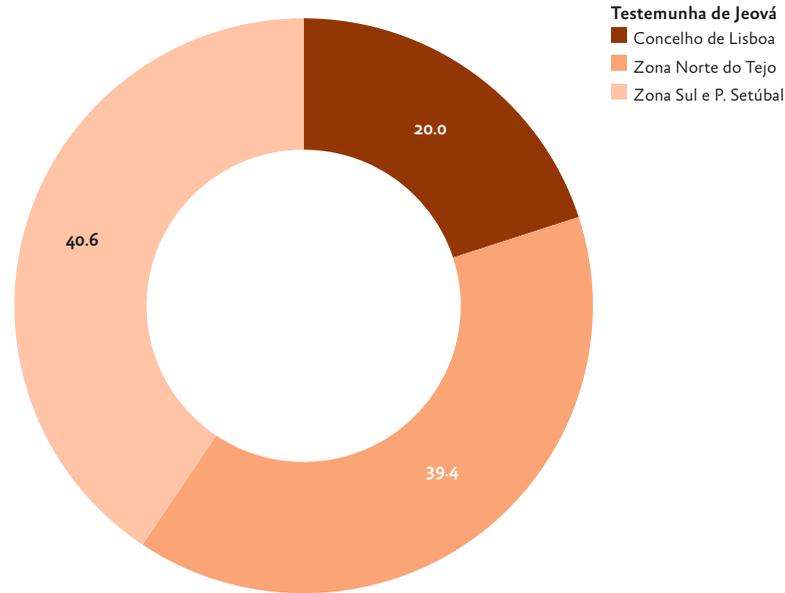
Observando, de forma particular, três identidades religiosas, conclui-se que a sua distribuição pelas três áreas geográficas pode conhecer diferenças significativas. Esta pesquisa permite desde logo aferir que na AML a população católica está mais concentrada na Zona Norte do Tejo, equivalendo a 54,1 % do total da população. O concelho de Lisboa é o que apresenta um peso mais diminuto de católicos, com apenas 20,4 % (cf. Gráfico 7).

Gráfico 7 População católica, por área geográfica da AML



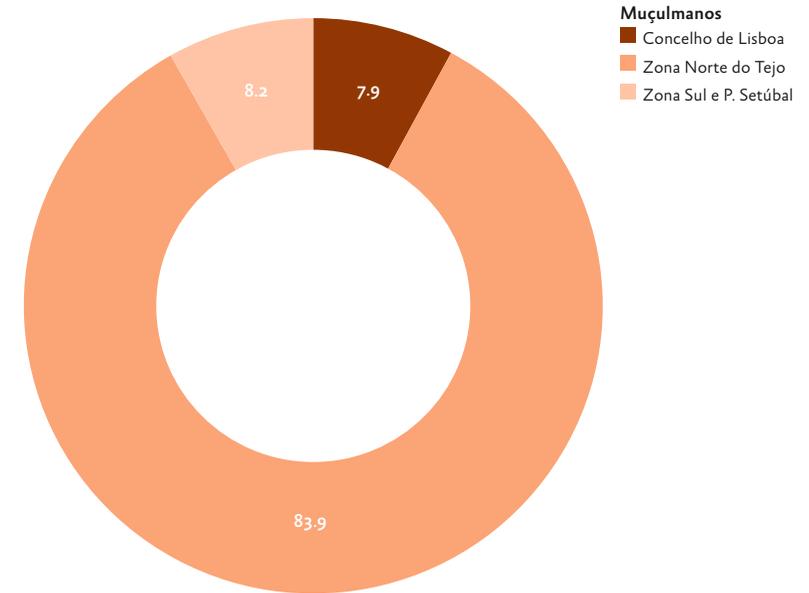
As Testemunhas de Jeová apresentam uma distribuição diferente. Distribuem-se de forma quase homogênea na Zona Norte do Tejo e na Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal, ambas as áreas com percentagens próximas de 40,0 %. A cidade de Lisboa distancia-se destes valores e regista apenas 20,0 % (cf. Gráfico 8).

Gráfico 8 Testemunhas de Jeová, por área geográfica da AML



Este último gráfico representa o universo da população muçulmana, evidenciando, mais uma vez, que as áreas geográficas fora do núcleo central da AML, ou seja, da cidade de Lisboa, registam uma percentagem superior de população integrada nas minorias, com um grande destaque para a Zona Norte do Tejo, onde se concentra 83,9 % da população muçulmana (cf. Gráfico 9).

Gráfico 9 População muçulmana, por área geográfica da AML



Domicílio e naturalidade

A geografia das identidades religiosas deve ser percecionada não apenas quanto à distribuição territorial das diferentes posições religiosas, mas relativamente a um outro conjunto mais vasto de variáveis que permite associar a relação e o sentido de pertença da população aos territórios e aos lugares. Estas variáveis permitem aferir os laços estabelecidos com as comunidades locais. O ponto inicial para este estudo consiste em analisar o percurso vivencial e quotidiano da população residente, sendo que o lugar de residência (a casa), ao estar situado numa esfera mais íntima e privada da população, constitui o ponto de partida para

compreender as sociabilidades e as interações com outros lugares e com as comunidades. É a partir do lugar de residência que se estabelecem fluxos, direções e mobilidades intrínsecas às vivências religiosas.

De uma forma genérica, a população da AML evidencia uma mobilidade significativa, uma vez que a grande maioria (67,5 %) não é natural da sua atual freguesia ou do seu concelho de residência. Apenas 32,3 % da população é natural da sua atual localidade de residência (cf. Quadro 22).

Quadro 22 Naturalidade da população inquirida, por área geográfica e total da AML

P1. É natural desta localidade?	Sim	Não	NS/NR
Concelho de Lisboa	51,1	48,7	0,2
Zona Norte do Tejo	25,3	74,7	0,0
Zona Sul e P. Setúbal	31,4	68,3	0,3
AML	32,3	67,5	0,1

Relativamente a esta questão, apuram-se duas leituras distintas. A primeira diz respeito à análise desta variável pelas três áreas geográficas em estudo, podendo concluir-se que apenas a população do concelho de Lisboa tem uma relação mais estável com o seu local de nascimento. Isto significa que 51,1 % da população é natural deste concelho e 48,7 % é natural de outro concelho ou de outro país. Pelo contrário, a população da Zona Norte do Tejo e da Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal revela uma relação menos estável com estes territórios. Veja-se o caso da população da Zona Norte, onde 74,7 % da população não é natural desta área geográfica. Trata-se, portanto, de um território mais vincadamente marcado pelas

diferentes mobilidades que densificaram esta área metropolitana. A segunda leitura é dada pelo cruzamento desta variável com a posição religiosa da população (cf. Quadro 23).

Quadro 23 Naturalidade da população inquirida, por posição religiosa

P1. É natural desta localidade?	Sim	Não	NS/NR
Indiferente	49,1	50,8	0,0
Agnóstico	47,5	52,5	0,0
Ateu	33,0	67,0	0,0
Crente sem religião	38,4	61,6	0,0
Católico	29,4	70,4	0,1
Evangélico/Protestante	15,8	84,2	0,0
Ortodoxo	0,0	100,0	0,0
Testemunha de Jeová	41,5	58,5	0,0
Outra confissão cristã	54,7	45,3	0,0
Budista	12,7	87,3	0,0
Muçulmano	7,4	92,6	0,0
Outra religião não cristã	11,9	88,1	0,0
NS/NR	29,0	62,0	8,3
Total	32,3	67,5	0,1

Na generalidade, a população de todas as posições religiosas tem uma relação menos durável com o território, sendo sempre superior a percentagem de população que não é natural do atual lugar de residência. Esta tendência é mais expressiva no contexto da população ortodoxa, budista, muçulmana ou mesmo evangélica/protestante. O universo da população ortodoxa, não é, no seu todo, natural da sua área de residência e, no caso da população budista ou muçulmana,

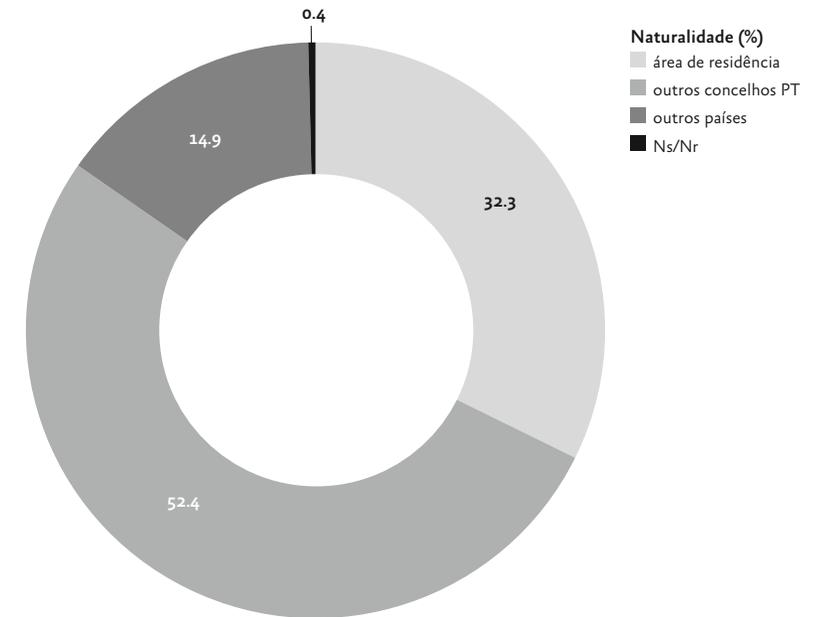
92,6 % da população também mudou de local de residência no seu percurso vivencial.

No contexto da população indiferente, agnóstica e Testemunhas de Jeová a diferença percentual é menos significativa — ou seja, a percentagem de população que é natural do concelho onde reside atualmente atinge valores entre os 40 e os 50 %.

Esta questão da variável «naturalidade» da população da AML é tanto mais importante quanto for possível perceber os contributos que a região tem recebido em termos de população residente, mas também das identidades religiosas que essa mesma população comporta. A análise que se segue procura cruzar a variável das posições religiosas com as três áreas de proveniência da população: 1) natural da atual área de residência, 2) natural de outros concelhos do território nacional, incluindo outros concelhos da AML e 3) natural de outro país.

Nesta análise verifica-se que, tendo em conta o universo da população da AML, 32,3 % é natural da sua área de residência, 52,4 % natural de outros concelhos de Portugal e 14,9 % nasceu no estrangeiro (cf. Gráfico 10).

Gráfico 10 Naturalidade da população inquirida, por área geográfica da AML



No contexto das mobilidades internas, ou seja, da população que nasceu noutros concelhos do território nacional (52,4 %), verifica-se que uma grande percentagem da população é natural de outros concelhos da região de Lisboa (mobilidade interna e dentro da própria região), mas também de outros concelhos do território nacional, com destaque para os que pertencem à região Centro do país (mobilidade interna e em território nacional) (cf. Quadro 24).

Quadro 24 População inquirida natural de outros concelhos de Portugal, por posição religiosa e regiões administrativas

P2. Em que concelho (ou país) nasceu?	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Madeira	Açores
Indiferente	0,0	21,1	69,6	0,0	4,0	5,4	0,0
Agnóstico	5,1	18,7	59,4	15,3	1,5	0,0	0,0
Ateu	7,6	18,8	56,8	13,8	1,4	1,6	0,0
Crente sem religião	7,3	21,0	56,0	12,7	0,9	2,0	0,0
Católico	14,8	31,0	36,8	13,7	3,0	0,4	0,3
Evangélico/Protestante	3,6	19,3	58,9	18,2	0,0	0,0	0,0
Ortodoxo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	0,0	16,6	60,5	22,8	0,0	0,0	0,0
Outra confissão cristã	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Budista	0,0	0,0	65,4	34,6	0,0	0,0	0,0
Muçulmano	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Outra religião não cristã	0,0	42,6	0,0	57,4	0,0	0,0	0,0
NS/NR	0,0	8,8	75,2	0,0	16,0	0,0	0,2
Total	11,1	26,2	45,6	13,5	2,5	0,9	0,2

No que diz respeito aos outros países (14,9 %), a população é maioritariamente natural dos PALOP, do Brasil e de países da União Europeia (com destaque para França, Itália, Espanha e Alemanha). Embora com percentagens menos significativas, a população estrangeira é também composta por população natural da Europa de Leste (Roménia, Moldávia, Ucrânia, Bulgária e Rússia), da Ásia (Índia, Nepal, Filipinas, Bangladesh, Paquistão e Síria) e ainda da América (Estados Unidos da América, Canadá, Cuba, Argentina, Chile e Caraíbas) (cf. Quadro 25).

Quadro 25 População inquirida natural de outros países, por posição religiosa e grandes áreas geográficas do mundo

P2. Em que concelho (ou país) nasceu?	União Europeia	África (PALOP + outros países)	Brasil	Europa de Leste	Ásia	América	NS/NR
Indiferente	25,1	63,9	11,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Agnóstico	39,6	13,5	46,9	0,0	0,0	0,0	0,0
Ateu	35,0	38,3	0,0	0,0	0,0	26,6	0,0
Crente sem religião	20,7	36,5	37,2	5,6	0,0	0,0	0,0
Católico	6,6	66,7	17,0	0,0	2,7	3,5	3,4
Evangélico/Protestante	0,0	26,5	67,5	1,9	0,0	4,1	0,0
Ortodoxo	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	0,0	68,5	31,5	0,0	0,0	0,0	0,0
Outra confissão cristã	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Budista	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Muçulmano	0,0	67,1	0,0	0,0	32,9	0,0	0,0
Outra religião não cristã	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0
NS/NR	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0
AML	7,8	48,9	28,8	4,3	4,2	4,3	1,7

Os países de origem da população estrangeira residente na AML correspondem, de forma muito significativa, ao conjunto das principais nacionalidades residentes em Portugal listadas no Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo de 2017 (SEF). De acordo com este relatório, mais de dois terços (68,6 %) da população estrangeira reside nos distritos de Lisboa, Faro e Setúbal e da lista das dez principais nacionalidades residentes no país constam Brasil, Cabo Verde, Ucrânia, Roménia, China, Reino Unido, Angola, França, Guiné-Bissau e Itália.

Através do presente estudo realizado na AML é possível registar que esta população, em particular a proveniente dos PALOP, do Brasil, da União Europeia e da Europa de Leste continua a assumir um grande peso estrutural na composição da população residente da região de Lisboa e da sociedade portuguesa, na sua generalidade (cf. Quadro 26).

Quadro 26 População inquirida, por posição religiosa, concelho ou país de naturalidade

P2. Em que concelho (ou país) nasceu?	Concelho de residência	Outros concelhos PT	Estrangeiro	NS/NR
Indiferente	49,1	40,0	10,8	0,0
Agnóstico	47,5	47,1	5,4	0,0
Ateu	33,0	62,4	4,6	0,0
Crente sem religião	38,4	52,2	9,4	0,0
Católico	29,6	56,9	13,0	0,6
Evangélico/Protestante	15,8	21,6	62,7	0,0
Ortodoxo	0,0	0,0	100,0	0,0
Testemunha de Jeová	41,5	36,1	22,4	0,0
Outra confissão cristã	54,7	14,1	31,3	0,0
Budista	12,7	67,1	20,2	0,0
Muçulmano	7,4	11,6	81,0	0,0
Outra religião não cristã	11,9	38,7	49,4	0,0
NS/NR	29,0	55,1	7,7	8,3
AML	32,3	52,4	14,9	0,4

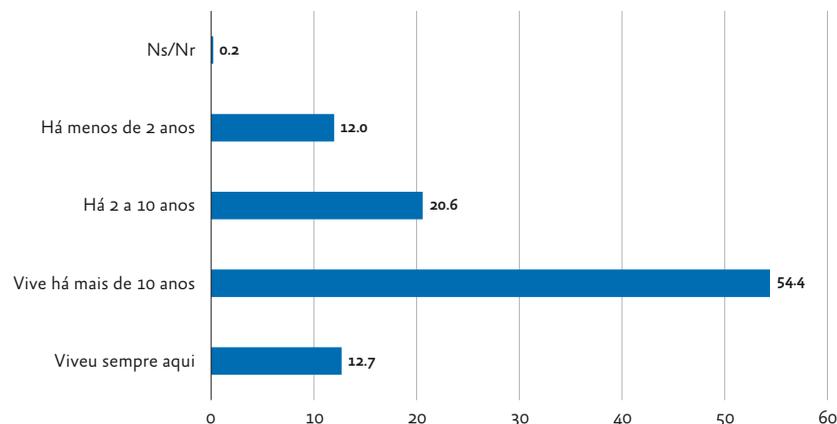
No cruzamento das variáveis «posição religiosa» e «naturalidade» constata-se que a população estrangeira está principalmente associada aos ortodoxos (100 %), aos muçulmanos (81,0 %) e aos evangélicos/protestantes (62,7 %). No caso particular dos ortodoxos, por exemplo,

a totalidade da população é natural de países da Europa de Leste, os budistas do continente americano, os crentes de outra religião não cristã são oriundos da Ásia, os crentes de outras confissões cristãs são naturais do Brasil, a população muçulmana é natural dos PALOP (67,1 %) e também de países asiáticos (32,9 %). O grupo dos evangélicos/protestantes é composto, na sua maioria, por população oriunda do Brasil (67,5 %) (cf. Quadros 25 e 26). Daqui se conclui que, na AML, a população estrangeira contribui de forma decisiva para a diversificação das identidades religiosas minoritárias e para a sua consolidação em termos sociodemográficos.

Apesar de metade da população da AML não ser natural desta região (67,5 %) e de, conseqüentemente, a sua estrutura populacional ser definida por uma população proveniente de outros concelhos do território nacional e de outros países, verifica-se que uma larga maioria da população reside há mais de dez anos no atual local de residência (54,4 %). Se a este valor somarmos a percentagem de população que sempre viveu no local onde ainda reside atualmente (12,7 %), verifica-se que 67,1 % do total da população tem uma relação durável com o seu lugar de residência (cf. Gráfico 11). Daqui se depreende que, após um contexto de mudança, que favoreceu a neolocalização, a população está inscrita de uma forma durável num lugar e tem condições para estabelecer laços com diferentes instituições e comunidades que determinam os dinamismos sociais locais, incluindo as religiosas.

Gráfico 11 População inquirida segundo a duração do atual domicílio

P3. Há quanto tempo está a viver na atual residência? (%)



Procedendo à análise desta variável em relação às posições religiosas da população, verifica-se que a população sem religião, a população não crente (indiferentes, agnósticos e ateus), os católicos, os budistas e os membros das Testemunhas de Jeová estão inscritos há mais anos no seu atual local de residência. A endogeneidade destas posições religiosas contrasta com a diversidade por via da imigração, patente nos evangélicos, ortodoxos, muçulmanos.

Quadro 27 População inquirida segundo a duração do atual domicílio, por posição religiosa

P3. Há quanto tempo está a viver na atual residência? (%)	Viveu sempre aqui	Vive aqui há mais de 10 anos	Há 2 a 10 anos	Há menos de 2 anos	NS/NR
Indiferente	18,8	57,6	14,2	9,5	0,0
Agnóstico	15,0	56,9	18,8	8,5	0,0
Ateu	12,8	43,7	24,8	18,7	0,0
Crente sem religião	19,6	47,1	22,1	11,3	0,0
Católico	11,2	59,8	18,5	10,4	0,2
Evangélico/Protestante	8,9	33,4	33,2	24,4	0,0
Ortodoxo	0,0	17,7	47,9	34,4	0,0
Testemunha de Jeová	12,6	58,6	28,9	0,0	0,0
Outra confissão cristã	0,0	24,7	54,7	20,7	0,0
Budista	0,0	87,8	12,2	0,0	0,0
Muçulmano	0,0	36,1	23,5	40,4	0,0
Outra religião não cristã	0,0	53,7	25,9	20,4	0,0
NS/NR	15,5	51,7	19,7	4,9	8,3
Total	12,7	54,4	20,6	12,0	0,2

Deste conjunto de posições religiosas destacam-se os católicos que registam uma percentagem de 71 % de população que vive há mais de dez anos (59,8 %) ou que sempre viveu no atual local de residência (11,2 %) (cf. Quadro 27). Esta estabilidade estará porventura relacionada com o facto de a população em causa ser natural do concelho da sua área de residência (29,6%) ou de outros concelhos portugueses (56,9 %), enquanto apenas uma pequena parte da população (13 %) é estrangeira (cf. Quadro 26).

Com um perfil diferente, a maioria da população integrada nas restantes posições religiosas, que designamos por minorias religiosas cristãs e não cristãs, reside no local atual há menos anos. Veja-se o caso da população muçulmana, em que 40,4 % dos crentes residem há menos de dois anos no local atual e 23,5 % são residentes há um período compreendido entre dois e dez anos. Também 34,4 % da população ortodoxa reside há menos de dois anos e 47,9 % reside ali há dois a dez anos (cf. Quadro 27). Este facto é congruente com a observação de que estas duas identidades religiosas sejam compostas por crentes estrangeiros que vieram residir para a AML (cf. Quadro 26).

Em termos gerais, é possível concluir que os dinamismos de diversificação da pertença religiosa estiveram dependentes dos fluxos migratórios externos, mas que essa população tende a estabilizar. A população católica é aquela que apresenta uma relação mais durável com o território. Pode colocar-se a hipótese de que a durabilidade esteja ligada a um tipo de inscrição mais institucionalizada e a formas religiosas mais tradicionais, ligadas à memória dos lugares.

Capítulo 4

Sociabilidades e estilos de vida

Práticas de fim de semana

Pelo facto de várias práticas que objetivam a pertença religiosa estarem associadas ao fim de semana, é importante caracterizar os hábitos mais representados. Através da leitura do Quadro 28 constata-se que as práticas aliadas às sociabilidades do lar são as mais frequentes.

Quadro 28 Práticas de fim de semana por classes de posição religiosa

P4. Quais destas coisas fez no último fim de semana?	% de casos
Foi trabalhar	18,6
Passou o fim de semana fora	11,4
Deu um passeio	33,3
Foi a um espetáculo, cinema, exposição, etc.	6,4
Leu livros, revistas ou jornais	21,5
Fez desporto	11,5
Foi às compras	37,1
Foi à missa, ao culto ou a outro ato religioso	11,4
Ficou em casa a tratar da casa	34,4
Recebeu ou fez visitas	17,7
Ficou em casa a descansar	45,2
Teve aulas, ou ficou a estudar	4,5
Saiu à noite (foi a uma discoteca, a um bar, etc.)	5,4
Foi jantar ou almoçar fora	20,3

Com efeito, as práticas de fim de semana mais destacadas são as que se concretizam na permanência no espaço doméstico, nomeadamente o descanso caseiro (45,2 % dos casos) ou o tratar da casa (34,4 %). Ainda relativamente a este tipo de atividade habitualmente mais associado, pelo menos em parte, ao lazer familiar, destacamos as práticas de lazer na forma de passeio (33,3 %) e o ato de receber e fazer visitas (17,7 %). No entanto, sublinhamos também a preponderância das práticas normalmente associadas a um estilo de vida urbano, como as compras (37,1 %, a segunda prática mais habitual entre os inquiridos), jantar ou almoçar fora (20,3 %) ou trabalhar (18,6 %). Parece, portanto, haver uma certa polarização entre as práticas mais ligadas ao lar e à família e as mais associadas ao espaço não doméstico e ao indivíduo (incluindo aqui atividades como a leitura de livros, revistas ou jornais, que equivale a 21,5 % dos casos). Abaixo destas frequências encontram-se as práticas religiosas cultuais coletivas (11,4 %). O ato de ir à missa, ao culto ou a outro ato religioso tem a mesma preponderância que os itens «passar o fim de semana fora» ou «fazer desporto», estando longe de ser uma prioridade nas práticas de fim de semana da maioria dos inquiridos. Importa ainda sublinhar que os itens «ida a um espetáculo», «saída à noite» ou «ter aulas ou estudar» são destacadamente os que menos preponderância têm nas atividades de fim de semana dos indivíduos (cf. Quadro 28).

O processo de desagregação dos dados apresentados no quadro anterior, por categoria de posição religiosa, dá-nos uma caracterização mais detalhada sobre as práticas de fim de semana dos indivíduos. Neste contexto, o Quadro 29 é particularmente informativo, sobretudo se nos focarmos em alguns dos elementos principais da dicotomia (práticas do lar e família *versus* práticas não domésticas e individuais) explorada anteriormente.

Quadro 29 Práticas de fim de semana por classes de posição religiosa

P4. Quais destas coisas fez no último fim de semana? (% de casos)	Indiferente	Agnóstico	Ateu	Crente sem religião	Católico	Evangélico/Protestante	Testemunha de Jeová	Outra confissão cristã	Budista	Muçulmano	Outra confissão não cristã	Total
Foi trabalhar	18,9	17,9	16,7	18,0	17,0	25,3	4,3	56,3	33,3	28,7	50,9	18,6
Passou o fim de semana fora	9,8	19,0	13,7	12,3	11,2	7,6	0,0	10,0	0,0	7,0	0,0	11,4
Deu um passeio	29,8	40,0	40,7	39,2	31,2	23,5	27,0	50,9	10,4	15,0	65,6	33,3
Foi a um espetáculo, cinema...	12,6	10,6	11,2	6,9	4,6	3,3	0,0	20,6	0,0	0,0	14,9	6,4
Leu livros, revistas ou jornais	18,4	35,0	22,7	18,3	20,9	15,2	25,0	75,3	22,6	16,1	28,9	21,5
Fez desporto	10,9	19,5	19,8	12,1	8,6	1,7	29,0	55,6	22,6	0,0	14,9	11,5
Foi às compras	45,9	39,9	36,0	44,6	34,4	30,1	42,2	31,3	75,5	24,6	61,3	37,1
Foi à missa, ao culto...	0,0	1,4	0,0	0,0	14,8	46,8	46,0	10,7	0,0	15,0	0,0	11,4
Ficou em casa a tratar da casa	33,9	36,6	34,1	36,1	34,3	26,6	37,5	65,3	75,5	33,4	14,9	34,4

P4. Quais destas coisas fez no último fim de semana? (% de casos)	Indiferente	Agnóstico	Ateu	Crente sem religião	Católico	Evangélico/Protestante	Testemunha de Jeová	Outra confissão cristã	Budista	Muçulmano	Outra confissão não cristã	Total
Recebeu ou fez visitas	12,7	15,6	20,0	17,7	16,5	23,9	16,7	50,9	52,9	24,6	14,9	17,7
Ficou em casa a descansar	61,6	29,8	49,7	43,5	46,4	29,9	72,8	19,6	79,4	42,0	67,6	45,2
Teve aulas, ou ficou a estudar	8,9	9,5	6,8	4,9	3,3	1,6	11,9	10,0	0,0	0,0	0,0	4,5
Saiu à noite...	5,6	6,9	12,5	6,6	4,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	5,4
Foi jantar ou almoçar fora	29,2	28,9	31,6	20,1	17,6	9,0	5,1	66,3	12,7	0,0	36,9	20,3
NS/NR	0,0	0,0	0,0	0,4	1,5	0,0	0,0	14,1	0,0	11,6	0,0	1,1

Por exemplo, no item «foi trabalhar» notamos que os católicos, em 17 % dos casos, responderam positivamente, sendo a classe de pertença religiosa que percentualmente menos trabalhou no fim de semana, depois das Testemunhas de Jeová. No entanto, isso não significa que sejam os que mais fiquem a descansar ou a tratar da casa (em média, 40,4 %), visto que a preponderância destas práticas é, no geral, significativamente mais elevada nos membros de outras religiões cristãs (incluindo as Testemunhas de Jeová) e identidades religiosas não cristãs. Os últimos são, em média (61,9 %), os que mais praticam atividades domésticas. Isso deve-se, em particular, à resposta positiva dos budistas nestes campos, sendo destacadamente os que mais descansaram (79,4 %) ou trataram da casa (75,5 %). Relativamente aos sem religião (crentes sem religião, indiferentes, agnósticos e ateus), podemos dizer que, quanto ao trabalho de fim de semana, são muito homogéneos, estando ao mesmo nível dos católicos e, por

consequência, bastante atrás dos outros posicionamentos religiosos. Já em matéria de práticas domésticas existe uma maior heterogeneidade. Dentro do conjunto dos sem religião, os indiferentes são os que mais responderam positivamente aos itens sobre tratar do lar ou descansar em casa (em média, 47,8 %), destacando-se largamente neste último item. Os agnósticos são os que menos praticaram atividades domésticas no mesmo período. No entanto, podemos dizer que neste campo, no geral, não existem grandes diferenças entre os pertencentes a uma religião (em média, 43 % dos inquiridos praticaram atividades domésticas no fim de semana) e os sem religião (40,7 %).

Por conta do nível de informação do Quadro 29, consideramos que uma análise de preponderâncias, traduzida graficamente, nos pode oferecer uma melhor aproximação aos estilos de vida dos inquiridos. Para isso, tomámos as posições religiosas que se apresentam acima de 1 % e cruzámos os dados respeitantes às práticas de fim de semana, agrupando as atividades que, relacionadas com as outras classes de posição religiosa, se podem considerar preponderantes (cf. Quadro 30).

A análise das preponderâncias por meio dos diferentes tons de cinza permite-nos, rapidamente, verificar que existem grandes similaridades entre as práticas de fim de semana dos sem religião e dos católicos. Estes são os únicos grupos que, na maioria, não englobaram atividades de fim de semana que fugissem à sua esfera de sociabilidade mais íntima. No topo das suas quatro práticas mais recorrentes (idênticas entre ambos, apesar de não ordenadas exatamente da mesma forma) estão o descanso em casa e o cuidado do lar, compras e passeios. Perto deles também podemos colocar os pertencentes a outras religiões não cristãs, sobretudo no que respeita às suas três principais práticas. Todavia, estas mostram um regime de práticas de fim de semana

mais próximas dos outros grupos religiosos. Aqui destacamos a ida ao culto ou a outro ato religioso, com particular preponderância dos evangélicos/protestantes e das Testemunhas de Jeová, mas também a frequência do trabalho em todas, à exceção das últimas (cf. Quadro 30).

Quadro 30 Tabela de preponderâncias relativa às práticas de fim de semana³⁰

Crentes sem religião	Não crentes	Católicos	Evangélicos/protestantes	Testemunhas de Jeová
Descansou em casa	Descansou em casa	Descansou em casa	Foi à missa, ao culto ou ato religioso	Descansou em casa
Foi às compras	Foi às compras	Foi às compras	Foi às compras	Foi à missa, ao culto ou ato religioso
Deu um passeio	Deu um passeio	Tratou da casa	Descansou em casa	Foi às compras
Tratou da casa	Tratou d casa	Deu um passeio	Tratou da casa	Tratou da casa
Jantou ou almoçou fora	Jantou ou almoçou fora	Leu livros, revistas...	Foi trabalhar	Fez desporto

Como já havíamos sublinhado no Quadro 29, existe em todos os grupos uma preponderância das práticas dedicadas ao lar, quer seja o descanso em casa (a primeira ou segunda opção de entre todos os grupos, salvo as outras confissões não cristãs) ou o cuidado do lar (presente nas primeiras cinco práticas mais frequentes de todos os grupos).

De igual modo, verifica-se uma preponderância da ida às compras, visto encontrar-se entre as primeiras quatro práticas de fim de semana de todos os grupos, novamente, se não considerarmos as outras confissões cristãs. As práticas de fim de semana são, no geral, muito semelhantes entre todos, nomeadamente entre os não religiosos, católicos, muçulmanos e outros não cristãos (das quatro principais práticas da maioria fazem parte o descanso em casa, o tratamento do lar e a ida às compras).

Importa ainda fazer uma referência precisamente a esses dados relativos aos que, no fim de semana anterior à inquirição, foram à missa, ao culto ou a outro ato religioso. Três elementos essenciais podem, neste campo, ser sublinhados. Primeiro, entre os sem religião quase não existiu prática cultural no último fim de semana. O máximo encontrado é 1,4 % (correspondente a uma resposta positiva) entre os agnósticos, enquanto as demais posições não têm qualquer registo dessa prática. Segundo estudos anteriores, como o de Dix (cf. 2013), isto seria algo expectável, visto que as pessoas sem religião não têm, habitualmente, qualquer tipo de prática religiosa significativa. No máximo, frequentam uma ou duas vezes por ano atos de culto e normalmente fazem-no em momentos associados a festividades de natureza coletiva ou familiar. No caso dos pertencentes a uma religião, é necessário observar que o fim de semana não tem, necessariamente, a mesma articulação com as práticas culturais comunitárias. Mesmo no universo cristão podemos ter diferenças significativas — por exemplo, em algumas Igrejas pentecostais, as práticas de culto comunitário podem apresentar-se com outra distribuição semanal. Por outro lado, no caso das minorias religiosas mais recentes no território haverá uma maior dificuldade de enquadramento comunitário da prática cultural, tendo em conta a menor distribuição de locais de culto.

No caso dos católicos, os resultados observados são um reflexo do elevado número de católicos nominais e praticantes ocasionais ou irregulares.³¹ Eles consubstanciavam mais de metade dos católicos portugueses em 2011 (cf. Teixeira 2013), pelo que não seria de esperar que a sua prática religiosa fosse elevada. Por fim, para os evangélicos e outros protestantes e para as Testemunhas de Jeová a ida ao culto ou a outro ato religioso foi a prática mais preponderante ou a segunda mais preponderante, respetivamente. Com efeito, os evangélicos e outros protestantes (45,3 %) e as Testemunhas de Jeová (46 %) destacam-se largamente dos outros grupos relativamente à sua prática religiosa ao fim de semana e à prioridade que lhe foi dada relativamente às outras atividades disponíveis. Estes dados apontam na direção contrária aos resultados de IRP, onde estes grupos, principalmente os últimos, na amostra continental, revelavam uma tendência mais secularizada (cf. Vilaça, 2013).

Práticas de interlocução religiosa quotidiana

A presença do religioso nas interlocuções quotidianas é outro elemento relevante para se compreenderem as sociabilidades e os estilos de vida dos indivíduos. Segundo Berger e Luckmann (1966), é neste tipo de confirmações (orais) face a face que os assuntos religiosos se transformam em reservas de conhecimento social, tornando-se mais facilmente adquiríveis. Apesar do seu significado social e religioso (lembramos o cunho proselitico e oral de muitas religiões), na AML mais de metade dos inquiridos (pertencentes ou não a uma religião, equivalendo a 51,8 %) não falou no último mês sobre assuntos religiosos. Além disso, o religioso parece ser entendido pelos inquiridos como algo reservado à sua esfera social mais íntima. Com efeito, relativamente ao grupo dos inquiridos que afirma ter falado de assuntos religiosos, descobrimos que os grupos destacadamente mais

representados são a família (30,3 %) e os amigos (25,5 %). A percentagem relativamente mais baixa dos que falaram destes assuntos com colegas de trabalho (9,2 %), vizinhos (5,1 %) ou outras pessoas (7,5 %) reforça a ideia de que as interlocuções religiosas quotidianas se circunscrevem, sobretudo, a zonas sociais de maior intimidade. Inversamente, elas tornam-se menos frequentes noutros circuitos sociais menos íntimos (cf. Quadro 31).

Quadro 31 Presença do religioso nas interlocuções quotidianas

P5. Lembra-se de ter falado alguma vez de assuntos religiosos, no último mês, com:	% casos
Familiars	30,3
Amigos	25,5
Colegas de trabalho	9,2
Vizinhos	5,1
Outras pessoas	7,5
Não falou de assuntos ou temas religiosos	51,8

Ao cruzarmos estes dados com as classes de posição religiosa, verificamos algumas *nuances* relevantes relativamente às interlocuções quotidianas. No Quadro 32, verificamos que algumas minorias religiosas, como os evangélicos/protestantes, as Testemunhas de Jeová, os muçulmanos e outras confissões cristãs e não cristãs apresentam valores mais elevados de uma presença do religioso na conversação fora dos círculos familiares e amicais. No que respeita às últimas, enfatizamos o facto de os budistas serem os que mais falaram de assuntos religiosos com os amigos (87,8 %) e com os familiares (54,2 %) no último mês. Entre os pertencentes a uma religião, os católicos têm o registo mais baixo quanto às práticas de interlocução religiosa

quotidiana. Estão, aliás, relativamente próximos do grupo dos crentes sem religião. Segundo Teixeira (cf. 2013, pp. 123), isto decorre do facto de este grupo ser ainda uma «periferia católica», com laços frágeis de pertença católica, mas com trajetórias de socialização relativamente próximas. Podemos ainda sublinhar e afirmar que, sem surpresa, os não crentes são os que têm menor incidência de interlocuções religiosas no seu quotidiano. Isso é particularmente evidente no caso dos indiferentes, dado que quase 80 % declararam não ter falado de assuntos religiosos no último mês. Contudo, em todas as posições religiosas existe uma tendência geral de vincada diminuição das interlocuções religiosas quotidianas entre as primeiras esferas de sociabilidade e as demais. Ou seja, à medida que estas interlocuções se afastam dos círculos familiar e amical e se dirigem para zonas mais públicas de inscrição social, verifica-se uma diminuição significativa do número de pessoas que no último mês falou de assuntos religiosos.

Quadro 32 Retórica religiosa quotidiana por classes de posição religiosa

P5. Lembra-se de ter falado alguma vez de assuntos religiosos, no último mês, com: (% de casos)	Familiars	Amigos	Colegas de trabalho	Vizinhos	Outras pessoas	Não falou
Indiferente	14,2	9,1	2,2	0,0	0,0	79,2
Agnóstico	15,3	21,1	7,4	0,0	1,7	62,2
Ateu	19,2	12,9	7,6	0,0	6,9	64,6
Crente sem religião	22,6	23,7	8,9	2,6	4,9	55,7
Católico	33,3	25,8	8,4	6,2	8,3	49,2
Evangélico/Protestante	63,2	60,8	23,9	20,6	15,4	19,7
Ortodoxo	23,7	23,7	0,0	0,0	0,0	76,3

P5. Lembra-se de ter falado alguma vez de assuntos religiosos, no último mês, com: (% de casos)	Familiares	Amigos	Colegas de trabalho	Vizinhos	Outras pessoas	Não falou
Testemunha de Jeová	55,1	33,3	16,7	11,5	37,0	15,6
Outra confissão cristã	65,0	21,3	35,0	0,0	0,0	0,0
Budista	54,2	87,8	11,8	0,0	12,2	0,0
Muçulmano	51,6	44,2	7,9	0,0	16,5	40,8
Outra religião não cristã	36,9	16,5	16,5	38,7	16,5	40,8
NS/NR	7,6	21,4	21,4	0,0	0,0	71,0
Total	30,3	25,5	9,2	5,1	7,5	51,8

Redes amicais

As amizades são laços valiosos na construção das alianças sociais. Elas seguem, tipicamente, um contrato social implícito, baseado na troca de bens sociais, na proximidade emocional e na confiança interpessoal. As redes amicais criadas pelos indivíduos desempenham um papel importante na construção da identidade pessoal e na sua própria auto-compreensão. Deste modo, importa caracterizá-las no contexto do nosso estudo (cf. Quadro 33).

Quadro 33 Posição religiosa da maior parte dos amigos

P32. Qual é a posição religiosa da maior parte dos seus amigos?	% amostra	% respond.
Crente, mas não tem religião	11,4	13,6
Não crente	13,1	15,6
Católico	52,5	62,5
Evangélico ou outro protestante	3,8	4,6
Outra confissão cristã	2,6	3,2
Outra confissão não cristã	0,5	0,6
Total	83,9	100,0
Ns/Nr	16,1	
Total	100,0	

Na observação do Quadro 33 torna-se evidente a proximidade entre os valores do autoposicionamento religioso e a posição religiosa da maior parte dos amigos dos inquiridos. Com efeito, a ordem de correspondência é perfeita. Por exemplo, os católicos são o grupo autodeclaradamente mais representado (54,9 %) na AML, sendo igualmente o grupo predominante na construção dos circuitos de amizade (62,5 %).³² Essa tendência é verificada nos demais grupos, por ordem decrescente: não crentes (21,8 % do total da população analisada e 15,6 % das redes amicais), crentes sem religião (13,1 % e 13,6 % respetivamente), evangélicos/protestantes (5,0 % e 4,6 %, respetivamente) ou outras confissões cristãs, incluindo ortodoxos e Testemunhas de Jeová (2,3 % e 3,2 % respetivamente). Sobressai na análise dos dados o facto de 16,1 % dos inquiridos não ter respondido ou não ter sabido responder sobre qual a posição religiosa da maioria dos seus amigos. Contudo, se lembrarmos as nossas conclusões relativamente à presença do religioso nas interlocuções quotidianas, este é um dado esperado

— tenha-se presente que apenas pouco mais de um quarto dos inquiridos havia falado de assuntos religiosos com os amigos no último mês.

O facto de haver uma associação tão próxima e uma ordem de correspondência entre autopoicionamento religioso e a posição religiosa da maioria dos amigos dos inquiridos denuncia, tal como Bainbridge e Stark (cf. 1981) já haviam assinalado, que as crenças religiosas influenciam o desenvolvimento de relações pessoais e amicais. Para melhor se entender este argumento, observe-se o Quadro 34.

Quadro 34 Posição religiosa da maior parte dos amigos, por classes de posição religiosa

P32. Qual é a posição religiosa da maior parte dos seus amigos? (%)	Crente sem religião	Não crente	Católico	Evangélico/Protestante	Outra confissão cristã	Outra confissão não cristã
Indiferente	29,4	41,9	28,6	0,0	0,0	0,0
Agnóstico	19,3	39,4	40,4	0,0	0,9	0,0
Ateu	11,9	33,3	51,7	0,0	3,1	0,0
Crente sem religião	36,1	17,2	42,5	1,5	1,5	1,2
Católico	8,6	8,2	81,1	1,3	0,7	0,1
Evangélico/Protestante	1,1	8,4	10,7	72,8	7,0	0,0
Ortodoxo	16,4	0,0	9,3	0,0	74,3	0,0
Testemunha de Jeová	0,0	18,8	13,8	5,7	56,1	5,6
Outra confissão cristã	12,4	40,8	24,0	0,0	0,0	22,9
Budista	13,6	36,7	23,7	0,0	25,9	0,0
Muçulmano	0,0	0,0	30,2	0,0	35,8	33,9
Outra religião não cristã	26,6	0,0	73,4	0,0	0,0	0,0
NS/NR	0,0	0,0	29,2	0,0	70,8	0,0
Total	13,6	15,6	62,5	4,6	3,2	0,6

A observação do Quadro 34 permite-nos comprovar três elementos fundamentais. Primeiro, existe uma correlação entre a categoria de autopoicionamento religioso e o posicionamento religioso da rede amical dos inquiridos. Ou seja, a maioria tem amigos do mesmo grupo religioso ou não religioso ou de grupos próximos. Por exemplo, a maior parte dos amigos dos católicos é católica (81,1 %); no caso dos ortodoxos (74,3 %) ou das Testemunhas de Jeová (56,1 %) é de outras confissões cristãs; dos evangélicos/protestantes é também evangélica ou outros protestantes (72,8 %); a maioria dos amigos dos indiferentes é não crente (41,9 %). Em segundo lugar, observa-se que a rede católica penetra todas as esferas de sociabilidade amical. Isto é, pela sua predominância social no campo do autopoicionamento religioso, ela é maioritária ou muito relevante nas esferas amicais mesmo dos indivíduos não católicos. Em particular, no conjunto dos sem religião — ateus (51,7 %), crentes sem religião (42,5 %) e agnósticos (40,4 %) —, um número muito significativo dos inquiridos tem amigos católicos. O mesmo sucede com as pessoas de outras religiões não cristãs (73,4 %). Em virtude de os laços interpessoais amicais poderem estar fortemente associados à adesão a grupos religiosos (cf. Bainbridge e Stark, 1981), isto pode indiciar que até há pouco tempo estas pessoas se declarassem católicas. Os níveis de sociabilidade amical católica são ainda bastante fortes nas demais categorias de posicionamento religioso e não religioso, nomeadamente entre muçulmanos (30,2 %), indiferentes (28,6 %), outras confissões cristãs (24 %) ou budistas (23,7 %).

Por fim, é interessante notar que, talvez também pela sua proeminência na AML (35,3 %), os sem religião também fazem parte das esferas amicais da maioria dos grupos. O conjunto dos crentes sem religião e dos não crentes corresponde a mais de metade das amizades da maioria das pessoas de outras confissões cristãs e dos budistas, a mais

de um quarto da rede amical das pessoas de outras confissões não cristãs e a mais de 15 % das Testemunhas de Jeová, católicos e ortodoxos. A preponderância dos laços amicais com pessoas sem religião é, neste contexto, maior entre grupos religiosos minoritários. Importa referir que os muçulmanos, os ortodoxos e os membros de outras confissões não cristãs declararam não ter qualquer tipo de relação amical com pessoas não crentes. Como última nota sublinhamos que, apesar dos limiares estatísticos muito baixos, a maioria das pessoas que não sabe qual a sua religião ou não quer responder a essa questão tem laços amicais com pessoas de outras confissões cristãs e com católicos.

Redes de ajuda/apoio

Nas comunidades de pertença religiosa, são frequentes as formas de mobilização dos recursos — materiais, espirituais, emocionais ou informativos — para assistir os indivíduos e as famílias, em emergências sociais, ou no acompanhamento de vulnerabilidades diversas, ajudando a superar problemas quotidianos (cf. Taylor e Chatters, 1988; Gurung, 2006). No entanto, o que mais sobressai, na análise dos dados, diz respeito ao facto de a esmagadora maioria dos inquiridos não responder ou não saber responder se beneficiou de alguma atividade ou algum apoio das Igrejas ou outras comunidades religiosas nos últimos dois anos. Isto pode querer dizer que as pessoas não recorrem a esta rede, ou então que a maioria não teve consciência de ter recebido esse apoio, neste contexto.

Alguns autores alegam que o Estado de bem-estar social substituiu parte das funções exercidas, anteriormente, por pessoas ou instituições religiosas (cf. Beckford, 2003; Norris e Inglehart, 2004). Outros complementam dizendo que, por conta da competição entre instituições religiosas e estatais (cf. Stölz, 2010), o Estado começou a ganhar

predomínio gradual sobre as atividades sociais da religião. Por conta da preponderância das soluções estatais (por exemplo, através da universalidade da segurança social ou do sistema nacional de saúde) as necessidades de significado anteriores, tipicamente religiosas (relacionadas com compreensão da pobreza ou de doenças), perderam espaço. Como consequência, segundo Woodhead e Catto (cf. 2012), o trabalho das Igrejas e comunidades religiosas tornou-se invisível. De facto, considerando a extensa rede de apoio/ajuda social que as Igrejas (sobretudo a católica) e comunidades religiosas possuem no país (cf. Moniz, 2014), não é crível que não haja meios e atividades de apoio destinadas aos indivíduos. Parece, pois, mais plausível a tese do desconhecimento das atividades e da invisibilidade da sua rede de amparo.

Quadro 35 Contacto com a atividade de apoio das comunidades religiosas

P6. Nos últimos dois anos, beneficiou da atividade/apoio das igrejas ou outras comunidades religiosas, nalgum destes âmbitos?	% casos
Visitas quando esteve doente	0,9%
Resolução de problemas familiares	1,0%
Ajuda espiritual (orientação, oração, libertação, etc.)	5,8%
Retiro	2,1%
Acampamento	1,2%
Apoio escolar	0,7%
Apoio jurídico	0,4%
Apoio em alimentos, vestuário, medicamentos	3,1%
Apoio em dinheiro	0,5%
Atividade cultural (concerto, exposição, debate, etc.)	3,0%
Desporto	1,4%
Ns/Nr	85,7%

Não obstante a elevada frequência da não resposta ou do desconhecimento sobre que resposta dar a esta pergunta, os indivíduos continuam a afirmar que beneficiam de atividades/apoios das Igrejas e comunidades religiosas. Neste contexto, sublinhamos a preponderância da «ajuda espiritual (orientação, oração libertação, etc.)», do «retiro» ou do «acampamento» — áreas nas quais o Estado dificilmente consegue competir na produção de bens seculares alternativos —, do «apoio em alimentos, vestuário e medicamentos» — onde as organizações religiosas têm um papel complementar ao Estado, sendo, inclusive, apoiadas financeiramente pelo último (cf. Moniz, 2014) —, e das «atividades culturais (concertos, exposições, debates, etc.)» — onde as comunidades religiosas, pela sua tradição no trabalho com questões relacionadas com a estética e com diversas formas de arte (cf. Teixeira, 2018), continuam a exercer um papel significativo. Existe ainda algum destaque relativamente a atividades/apoio de cariz desportivo, familiar e de apoio domiciliário. O cruzamento com a pergunta sobre a posição religiosa acrescenta informação relevante (cf. Quadro 36).

Quadro 36 Redes de ajuda/apoio por classes de posição religiosa e não religiosa

P6. Nos últimos dois anos, beneficiou da atividade/apoio das igrejas ou outras comunidades religiosas, nalgum destes âmbitos? (% de casos)	Visitas quando doente	Problemas familiares	Ajuda espiritual	Retiro	Acampamento	Apoio escolar	Apoio jurídico	Apoio em alimentos...	Apoio em dinheiro	Atividade cultural	Desporto	Ns/Nr
Indiferente	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2,1	2,1	0,0	0,0	1,6	96,3
Agnóstico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,3	0,0	98,7
Ateu	0,0	0,0	4,8	0,0	0,0	0,0	0,0	1,1	0,0	3,7	0,8	90,3
Crente sem religião	0,3	1,1	1,5	0,6	0,6	0,5	0,0	0,4	0,0	0,5	0,0	94,5
Católico	1,0	0,4	5,3	2,7	1,3	1,2	0,3	3,0	0,0	3,3	1,3	84,8
Evangélico, protestante	3,5	3,6	32,8	8,8	8,1	0,0	0,0	14,7	6,3	8,1	7,6	47,1
Ortodoxo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	11,6	0,0	0,0	9,3	0,0	79,1
Testemunha de Jeová	4,3	25,0	25,4	5,1	0,0	0,0	0,0	16,7	0,0	16,7	0,0	61,3
Outra confissão cristã	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Budista	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Muçulmano	0,0	9,7	26,7	0,0	0,0	0,0	0,0	29,3	16,7	0,0	0,0	44,0
Outra religião não cristã	20,4	20,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	14,0	0,0	0,0	65,6
NS/NR	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	21,4	78,6
Total	0,9	1,0	5,8	2,1	1,2	0,7	0,4	3,1	0,5	3,0	1,4	85,7

Se analisarmos as quatro primeiras colunas (verticais) da esquerda do quadro, reparamos que os sem religião praticamente não responderam ou não souberam responder se beneficiaram de qualquer atividade ou apoio religioso. Não deixa de ser assinalável que, entre

os sem religião, os ateus sejam os que mais dizem ter beneficiado, nomeadamente de apoio espiritual (4,8 %), estando, neste campo, relativamente próximos dos católicos (5,3 %). Estes últimos são, dentro do universo das autorrepresentações religiosas, com a exceção dos budistas e das outras confissões cristãs que não reportam qualquer tipo de benefício, os que menos sabem responder se beneficiaram de uma atividade/apoio religioso. Destacam-se, porém, as atividades ou o apoio ao nível da «ajuda espiritual», «atividades culturais», «apoio em alimentos, vestuário e medicamentos» e «retiro». Os muçulmanos, não obstante os limiares estatísticos baixos, são os que mais dizem ter beneficiado de atividades e apoio religioso, sendo seguidos de perto pelos evangélicos/protestantes. Em ambos há uma preponderância nos itens «ajuda espiritual» (26,7 % e 32,8 %, respetivamente) e «apoio em alimentos, vestuário e medicamentos» (29,3 % e 14,7 %, respetivamente), sendo que nos primeiros houve ainda um «apoio em dinheiro» (16,7 %) significativo — o maior do conjunto de todos os grupos analisados. Por relação com os outros grupos não cristãos, incluindo budistas, os muçulmanos destacam-se significativamente. Contudo, os grupos não cristãos têm ainda alguma incidência de apoio pessoal, nomeadamente «visitas quando esteve doente» e ajuda na «resolução de problemas familiares», mas também «apoio em dinheiro». Por comparação às outras confissões cristãs, incluindo ortodoxos, os evangélicos/protestantes também sobressaem, nomeadamente nos itens relativos à ajuda espiritual, retiro e acampamento, apresentando os valores mais elevados em todos. Os membros das Testemunhas de Jeová destacam-se igualmente das outras confissões cristãs pela sua frequência relativamente alta nos itens «ajuda espiritual» e «resolução de problemas familiares».

Indicia-se uma certa correspondência entre o envolvimento religioso (frequência da missa, do culto ou outros atos religiosos) e a consciência de que se beneficia de redes de ajuda/apoio religioso. Por exemplo, as Testemunhas de Jeová, os muçulmanos e os evangélicos e outros protestantes são, por esta ordem, os que mais frequentam atos de culto semanalmente, sendo, de igual modo, os que mais dizem beneficiar de atividades e apoio das organizações religiosas (cf. *infra* Capítulo 6). Como concluíram Ellison e George (cf. 1994), Musick *et al.* (cf. 2000) ou Ellison *et al.* (cf. 2010), as pessoas que mais participam nos trabalhos de uma determinada organização religiosa constroem redes sociais maiores e, através dos intercâmbios com os membros destas redes, envolvem-se mais em atividades de apoio/ajuda, adquirindo igualmente uma perceção mais definida de que são beneficiários de atividades religiosas específicas. Os nossos dados parecem precisamente apontar nessa direção.

Como nota final, enfatizamos ainda o facto de, nos últimos dois anos, a esmagadora maioria das pessoas não ter beneficiado ou não se ter apercebido de que beneficiou de qualquer auxílio em sede de «ajuda espiritual (orientação, oração, libertação, etc.)». Embora, no geral, esta seja a/o atividade/apoio mais frequentemente praticada/o pelas igrejas e comunidades religiosas, não deixa ser assinalável que, em média, pouco mais de 10 % das pessoas que pertencem a uma religião tenham dele/a beneficiado em dois anos.

Este resultado exige que se repense, provavelmente, o modo como se constrói a própria pergunta, nesta região de informação. Mas leve-se em consideração, também, que os estudos sobre a ação social em Portugal têm mostrado, por exemplo, que muitos utentes de instituições de solidariedade social, que se inscrevem num habitat institucional religioso, têm um défice de conhecimento quanto à implicação da

própria comunidade religiosa de referência na organização dessa ação (cf. Joaquim, 2012). Dir-se-ia que esta zona de ação das Igrejas e outras comunidades religiosas tende a ser vista como um campo social autónomo, desvinculado do que se representa como ação religiosa.

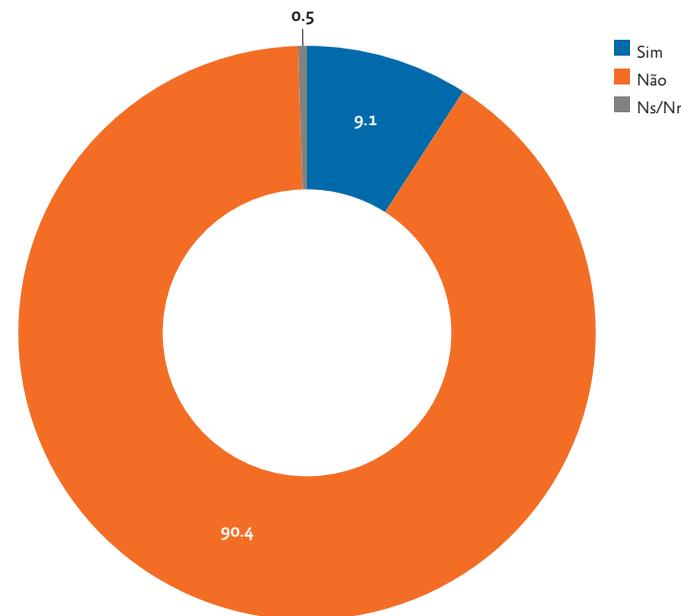
A experiência da discriminação religiosa

A discriminação religiosa pode ser entendida como o ato de tratar uma pessoa de forma desigual ou injusta por conta de algum preconceito relativamente à sua crença, prática ou comunidade religiosa. De igual modo, pode ser a percepção (ou falta dela) que se tem dessa discriminação. O conceito de discriminação religiosa está, como nos explica Fox (cf. 2017), fortemente associado à ideia de liberdade religiosa ou à sua ausência e restrição. Não obstante a sua frequência e o seu aumento a nível global (cf. Fox 2015), em Portugal, segundo vários relatórios ou estudos internacionais (European Commission against Racism and Intolerance; Religion and State Project; Pew Research Center), quase não existem restrições à liberdade religiosa ou discriminações religiosas socialmente visíveis.

Neste contexto, o exame do tópico da discriminação religiosa é relevante porque nos permite entender se o posicionamento religioso é entendido como um entrave às aspirações sociais dos indivíduos ou se, pelo contrário, ele é respeitado o suficiente ou ignorado o bastante para não provocar qualquer tipo de discriminação social. O Gráfico 12 permite-nos confirmar que a esmagadora maioria dos indivíduos, praticamente 91 %, nunca sofreu ou nunca sentiu qualquer tipo de discriminação baseada na sua posição religiosa. Assinale-se, também, o facto de isso ter sucedido, com maior incidência, junto das suas esferas de sociabilidade mais íntimas (cf. Quadro 37).

Gráfico 12 A experiência da discriminação religiosa

P33. Alguma vez sofreu algum tipo de discriminação por causa da sua posição religiosa? (%)



Quadro 37 Situações de discriminação religiosa

P34. (Se sim) Em que situações?	% casos
Na família	38,3
Entre amigos	34,8
No trabalho	26,7
Na escola/universidade	25,7
No hospital ou outra unidade de saúde	7,9
Noutro local público (rua, transportes públicos, outros serviços públicos)	31,0

De facto, a análise do Quadro 37 mostra que os inquiridos sofreram mais discriminação de membros da sua família e dos seus amigos. Parece haver uma correspondência entre o facto de, como vimos, os assuntos religiosos serem na sua esmagadora maioria falados e partilhados com as redes familiares e amicais, e a evidência de que a discriminação que as pessoas mais sentem advir precisamente das suas áreas de sociabilidade próximas. Ou seja, se a discussão sobre temas religiosos raramente sai das esferas familiar e amical, é natural que as posições religiosas não sejam publicamente expostas e que haja maior preponderância de discursos ou práticas discriminatórias junto destes grupos. No entanto, o Quadro 38 evidencia ainda que os inquiridos que já foram discriminados por causa da sua religião também já o sentiram (praticamente ao mesmo nível dos itens anteriores) em alguns locais públicos, como a rua, os transportes públicos ou outros serviços públicos. Um pouco mais abaixo, encontramos os indivíduos que dizem ter sido vítimas de discriminação religiosa no local de trabalho ou em estabelecimentos de ensino. Na medida em que a conversa sobre assuntos religiosos não se limitar à esfera privada, as situações de discriminação podem surgir noutras esferas de sociabilidade menos íntimas.

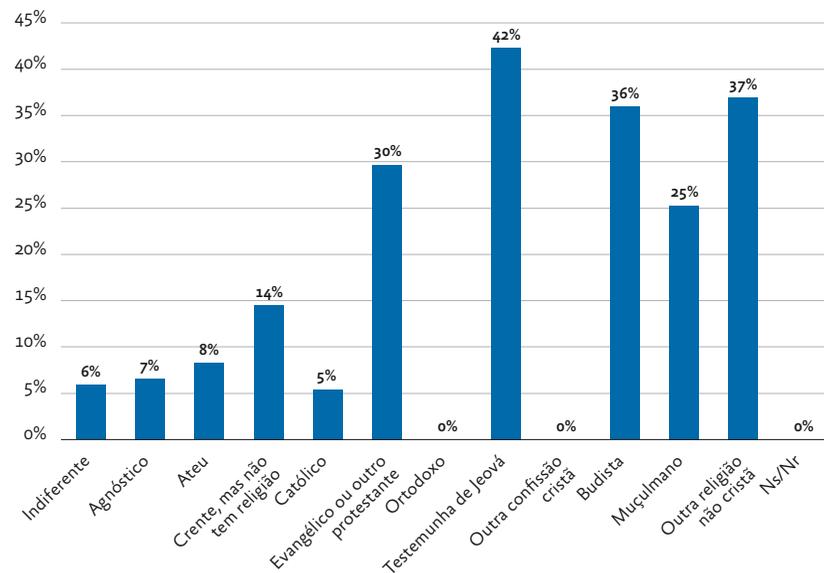
No Gráfico 13 conseguimos analisar a experiência da discriminação religiosa por classes de posição religiosa. As colunas deste quadro mostram que existe uma correlação entre as posições religiosas minoritárias e a discriminação. Isto é, no geral, os grupos mais predominantes como os católicos e os sem religião são os que menos discriminação sofreram ou sentiram. Pelo contrário, as minorias religiosas, no geral, são as que proporcionalmente afirmam mais discriminação religiosa ter sofrido.

Os membros das Testemunhas de Jeová são os que apresentam frequências mais elevadas (42,3 %). Para além de outros fatores, a isso

não deve ser estranho um certo preconceito que emergiu durante o Estado Novo. Em razão da sua objeção de consciência, as Testemunhas de Jeová foram perseguidas e acusadas de atuar contra a segurança estatal, contexto facilitador da divulgação de estereótipos negativos. Elas são seguidas pelas outras religiões não cristãs (36,9 %), budistas (35,9 %), evangélicos/protestantes (29,7 %) e muçulmanos (25,3 %). Os crentes sem religião são, dentro dos sem religião, destacadamente, os que mais dizem ter sofrido algum tipo de discriminação por conta da sua posição crente. Por fim, num plano relativamente idêntico, encontramos os posicionamentos não crentes e os católicos. Os últimos são — salvo as outras confissões cristãs, incluindo ortodoxos — o grupo que, em termos relativos, menor perceção tem de sofrer discriminação (5,4 %) (cf. Gráfico 13).

Estes dados são ainda mais informativos se cruzarmos as situações em que as experiências de discriminação religiosa ocorreram com as classes de posição religiosa e não religiosa (cf. Quadro 38).

Gráfico 13 A experiência de discriminação religiosa, por classes de posição religiosa



Quadro 38 Situações de discriminação religiosa, por classes de posição religiosa

P34. (Se sim) Em que situações? (% casos)	Na família	Entre amigos	No trabalho	Na escola/universidade	Hospital, unidade de saúde	Noutro local público
Indiferente	17,1	21,2	0,0	61,7	0,0	0,0
Agnóstico	11,1	0,0	24,6	0,0	0,0	64,3
Ateu	58,5	43,6	23,5	9,9	0,0	15,1
Crente sem religião	53,9	30,6	14,0	22,6	6,7	26,4
Católico	12,2	35,9	24,3	25,4	6,1	30,7
Evangélico/Protestante	42,6	43,4	52,4	29,1	7,0	25,2
Testemunha de Jeová	72,0	20,4	48,3	67,6	40,1	40,1
Budista	100,0	100,0	35,3	35,3	35,3	100,0
Muçulmano	32,5	0,0	0,0	0,0	0,0	67,5
Outra religião não cristã	100,0	44,6	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	38,3	34,8	26,7	25,7	7,9	31,0

A leitura dos dados comprova que, na esmagadora maioria dos casos, os inquiridos com a percepção de terem sido vítimas de discriminação religiosa foram-no, de forma preponderante, dentro das suas esferas de sociabilidade mais íntimas. Por exemplo, todos os budistas que reportaram terem sofrido discriminação passaram por essa experiência entre familiares e amigos. Em menor escala, mas com uma frequência ainda relativamente elevada, o mesmo sucedeu com os membros de outras confissões, com as Testemunhas de Jeová, com os ateus e com os crentes sem religião. Contudo, em alguns casos, a discriminação religiosa é evidente em esferas de sociabilidade menos próximas. No caso dos

católicos, esse fenómeno surgiu sobretudo em locais públicos diversos, em estabelecimentos de ensino e no local de trabalho. As Testemunhas de Jeová passaram por esta experiência nos mesmos locais públicos dos católicos, mas também em hospitais e noutras unidades de saúde. Elas apresentam mesmo a maior incidência de discriminação neste item, contribuindo provavelmente com alguns traços conhecidos relativos à sua mundividência religiosa. Outro dado que nos parece assinalável é o facto de existir uma certa preponderância de discriminação ou de percepção dela em espaços públicos não demarcados/institucionalizados. Por exemplo, no caso dos agnósticos, crentes sem religião, católicos, budistas ou muçulmanos a maior discriminação que disseram sentir em espaços públicos foi em lugares mais ou menos indiscriminados como a rua, os transportes públicos ou outros. Sublinhamos, por fim, que o item «hospital ou outra unidade de saúde» é, de longe, o que menos provocou experiências de discriminação religiosa nos inquiridos. Talvez a isso não seja alheio o facto de o decreto-lei 253/2009, sobre a «Assistência Espiritual e Religiosa no Serviço Nacional de Saúde» garantir, genericamente, esta assistência a todas as Igrejas e comunidades religiosas legalmente reconhecidas no país.

Sociabilidades associativas

As formas de sociabilidade associativa podem ser entendidas como as conexões que as pessoas estabelecem, voluntariamente, com a vida das suas comunidades — locais ou nacionais (cf. Putnam 1995). Elas são, portanto, uma taquigrafia da rede de relacionamentos sociais que os indivíduos estabelecem e através da qual procuram objetivos comuns, nomeadamente familiares, comunitários, políticos, profissionais, religiosos, culturais e recreativos. No contexto do nosso trabalho, este tipo de sociabilidade é particularmente relevante, uma vez que a forte

relação entre coletividade e dinamismos de associação nos permite analisar a (re)estruturação das redes de sociabilidade dos indivíduos (cf. Vilaça, 1993). A pergunta sobre a inscrição associativa dos respondentes mostra que este dinamismo de sociabilidade não tem, na AML, muita importância. Com efeito, mais de 72 % dos inquiridos declararam não pertencer a qualquer associação (cf. Quadro 39).

Quadro 39 Tipos de pertença associativa

P39. Pertence a algum dos seguintes grupos?	% casos
Sindicato ou associação profissional	8,7
Partido ou movimento político	3,0
Associação recreativa ou cultural	4,9
Associação ou grupo religioso	5,0
Clube desportivo	7,9
Associação de estudantes	0,9
Associação de solidariedade ou ação social	5,5
Não pertence a nenhuma associação	72,2
Outro	2,1

Considerando que quase três quartos dos inquiridos não pertencem a qualquer grupo associativo, o estudo confirma os dados observados por estudos mais especializados neste domínio — o baixo índice de associativismo em Portugal, em comparação com outros contextos europeus, tem sido recorrentemente assinalado (cf. Carvalho, 2002). O parco registo de associativismo apresenta-se muito disperso pelas diferentes categorias. Apesar da fragilidade e dispersão associativa, existe uma preponderância relativa nos itens «sindicato ou associação profissional» e «clube desportivo». A seguir a estes, encontramos as «associações de

solidariedade e ação social», «associação ou grupo religioso» e «associação recreativa ou cultural». Inversamente, se não considerarmos as associações de estudantes, pois remetem, normalmente, para um tipo de associativismo muito específico, verificamos que o associativismo político ou partidário é o que recolhe menos respostas positivas entre os inquiridos. Ou seja, há uma maior frequência de formas de sociabilidade associativa profissional, recreativa/desportiva e sociorreligiosa. Essas preponderâncias são mais inteligíveis se analisadas à luz das diferentes posições religiosas (cf. Quadro 40).

Quadro 40 Pertença associativa, por classes de posição religiosa

P39. Pertence a algum dos seguintes grupos?	% casos
Sindicato ou associação profissional	8,7
Partido ou movimento político	3,0
Associação recreativa ou cultural	4,9
Associação ou grupo religioso	5,0
Clube desportivo	7,9
Associação de estudantes	0,9
Associação de solidariedade ou ação social	5,5
Não pertence a nenhuma associação	72,2
Outro	2,1

P39. Pertence a algum dos seguintes grupos? (% casos)	Sindicato ou associação profissional	Partido ou movimento político	Associação recreativa ou cultural	Associação ou grupo religioso	Clube desportivo	Associação de estudantes	Assoc. de solidariedade ou ação social	Não pertence a nenhuma associação	Outro
Indiferente	4,4	0,0	5,8	0,0	10,1	0,0	1,9	77,5	0,0
Agnóstico	8,2	0,0	9,9	0,0	15,5	0,8	7,1	58,7	8,1
Ateu	18,4	10,9	8,9	0,0	18,4	0,6	4,7	56,8	2,2
Crente sem religião	11,4	3,7	6,0	0,0	8,0	0,8	3,8	70,5	1,8
Católico	6,8	2,0	3,7	5,8	4,5	0,4	5,5	72,5	1,4
Evangélico, protestante	4,4	3,4	0,0	18,2	3,8	2,2	11,0	66,4	1,7
Ortodoxo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Testemunha de Jeová	0,0	0,0	0,0	37,3	0,0	0,0	0,0	62,7	0,0
Outra confissão cristã	14,1	0,0	0,0	0,0	10,0	10,0	35,0	40,9	0,0
Budista	0,0	0,0	0,0	0,0	35,0	0,0	0,0	65,0	0,0
Muçulmano	0,0	0,0	0,0	0,0	12,6	0,0	0,0	75,8	0,0
Outra religião não cristã	20,4	0,0	0,0	16,5	0,0	0,0	0,0	63,1	0,0
NS/NR	7,7	0,0	0,0	21,4	0,0	21,4	0,0	35,4	15,9
Total	8,7	3,0	4,9	5,0	7,9	0,9	5,5	72,2	2,1

Este cruzamento permite verificar, antes de mais, que não há uma diferença significativa entre os pertencentes a uma religião e os sem religião. Entre os últimos, a média de não pertença a qualquer associação é aproximadamente de 66 % e entre os primeiros a média é de 68 %. As diferenças seriam, porém, mais significativas (com maior tendência associativa para sem religião) se excluíssemos a pertença a associações ou grupos religiosos, visto que, por um lado, nenhum dos sem religião afirmou pertencer a uma organização deste tipo e,

por outro lado, há uma preponderância destacada deste tipo de sociabilidade associativa entre Testemunhas de Jeová ou evangélicos/protestantes. Para isso deve contribuir, principalmente no caso dos últimos, o facto de muitas comunidades registadas no país usarem figuras cívicas de associação para organizar a sua presença coletiva na sociedade portuguesa.

Entre os inquiridos com e sem religião identifica-se uma diferença assinalável no que diz respeito às sociabilidades associativas profissionais ou políticas. Com efeito, no geral, os primeiros, sobretudo através dos ateus e dos crentes sem religião, apresentam uma associação a sindicatos ou movimentos políticos muito acima dos outros grupos religiosos — se não considerarmos a preponderância do item «sindicato ou associação profissional» nas outras religiões não cristãs. No que concerne às associações de solidariedade ou ação social notamos que, salvo o caso das outras confissões cristãs, existe uma frequência muito baixa, mesmo entre os pertencentes a uma religião. Ela é mesmo inexistente entre os outros não cristãos, muçulmanos, budistas, ortodoxos ou Testemunhas de Jeová. No que se refere às últimas, isso pode justificar-se pelo seu foco no serviço a Jeová e à sua obra religiosa, o que é evidenciado através da sua agremiação exclusiva a associações religiosas. No entanto, entre católicos este é apenas o terceiro tipo de associativismo mais frequente, estando atrás, por exemplo, dos agnósticos e muito próximo dos ateus, mas também dos crentes sem religião. Os evangélicos/protestantes são os que mais dizem pertencer a uma associação de solidariedade ou ação social.

Importa ainda sublinhar a preponderância das sociabilidades associativas de cariz desportivo. Elas são particularmente salientes entre os sem religião, sobretudo entre os ateus (os que apresentam uma maior dinâmica associativa, entre os grupos analisados, salvo as outras confissões cristãs), mas também entre os budistas. Relativamente a estes últimos, considerando que é a única forma associativa citada, isto pode dever-se ao facto de algumas práticas associadas ao budismo, como a meditação, o relaxamento ou o ioga, serem realizadas em ginásios e outros clubes desportivos.

Deixamos ainda uma última nota sobre as associações recreativas ou culturais, pelo facto de nenhuma classe de posicionamento religioso ter respondido positivamente a este índice, salvo os católicos — reflexo do facto de estarmos perante um tipo de associativismo muito ligado às culturas locais, eixo privilegiado de manutenção da identidade católica. Com efeito, este tipo de pertença associativa é apenas comum entre os católicos e os sem religião, com particular destaque para os agnósticos e ateus.

Capítulo 5

Crenças, atitudes e valores

Deus, a morte, o futuro, a eutanásia

Para analisarmos a relação entre as crenças religiosas e o sistema de valores dos respondentes pediu-se aos inquiridos que se posicionassem perante um conjunto de proposições, utilizando uma escala de um (concordo totalmente) a cinco (discordo totalmente). As proposições dizem respeito a zonas de significado particularmente importantes nos sistemas religiosos: conceções acerca do ser divino ou entidades análogas; representações acerca do além da morte; atitudes face ao futuro (cf. Quadro 41 e 42).

Quadro 41 Enunciados de valores e crenças por posições religiosas (A)³³

P.7 Crenças (média)	a. Poder supremo	b. Deus revelado	c. Deus é criação humana	d. Deus, como natureza	e. Depois da morte, tudo acaba	f. Reencarnação
Indiferente	4,0	4,2	2,8	2,7	2,0	4,0
Agnóstico	3,5	4,3	2,4	2,1	2,3	4,1
Ateu	4,0	4,6	2,2	2,8	2,1	4,3
Crente sem religião	1,8	2,7	3,4	2,3	3,2	3,4
Católico	1,6	1,6	3,5	2,5	3,4	3,2
Evangélico/Protestante	1,4	1,2	4,6	3,9	4,4	4,7
Ortodoxo	1,6	1,3	3,7	1,9	4,6	2,6
Testemunha de Jeová	1,9	1,7	3,8	3,9	2,6	4,3
Outra confissão cristã	1,4	1,8	4,0	2,7	4,3	2,3
Budista	1,4	3,5	3,5	1,3	4,1	1,5
Muçulmano	1,1	1,1	4,6	2,8	4,5	4,2
Outra religião não cristã	1,8	2,7	1,4	2,6	4,3	3,4
NS/NR	3,7	4,1	3,3	1,3	2,2	5,0
Total	2,1	2,4	3,3	2,6	3,2	3,5

Quadro 42 Enunciados de valores e crenças por posições religiosas (B)

P.7 Crenças	g. Depois da morte, veremos Deus	h. Jesus Cristo ressuscitou e venceu a morte	i. Vida é dom de Deus	j. O fim do mundo está próximo	k. Ciência e técnica para um futuro melhor	l. A democracia garante o futuro
Indiferente	4,4	4,4	3,9	4,1	2,1	2,3
Agnóstico	4,4	4,5	4,4	4,3	1,9	2,0
Ateu	4,7	4,7	4,4	4,2	1,8	2,0
Crente sem religião	3,5	2,9	3,3	3,9	2,5	2,5
Católico	2,3	1,7	2,3	4,0	2,5	2,2
Evangélico/Protestante	1,9	1,1	1,5	2,1	3,6	2,9
Ortodoxo	1,9	1,3	2,8	3,2	2,2	2,8
Testemunha de Jeová	3,9	2,2	2,1	2,7	3,1	3,5
Outra confissão cristã	2,7	1,7	2,1	3,1	2,5	3,2
Budista	3,4	3,1	3,7	4,3	3,0	2,3
Muçulmano	1,6	2,4	1,0	2,4	3,4	2,2
Outra religião não cristã	2,9	3,6	2,3	3,7	2,5	1,9
NS/NR	5,0	4,7	3,1	5,0	2,3	1,8
Total	3,0	2,5	2,8	3,9	2,4	2,3

Como se poderia antecipar, observa-se uma distinção muito clara entre os não crentes (indiferentes, agnósticos e ateus) e os crentes (incluindo os crentes sem religião). Assim, o primeiro grupo tende, em geral, para um desacordo em relação a questões que pressupõem a existência de Deus, mostrando uma inclinação para entender Deus como uma criação humana ou para a identificação de Deus com a natureza. Por outro lado, este conjunto destaca-se no plano de uma mais expressiva confiança em valores habitualmente considerados seculares, tais como os relativos à ciência e à democracia.

Em termos gerais, os crentes sem religião aproximam-se mais dos pertencentes a uma religião do que dos não crentes. Este é o seu traço específico. Ou seja, no plano do crer, podem subsistir próximos de um universo religioso de referência, sem que isso se articule a formas de pertença. No que diz respeito à democracia, apenas as Testemunhas de Jeová exprimem uma falta de confiança na democracia enquanto opção política para o futuro. Como era de esperar, os budistas são os que apresentam a mais alta taxa de concordância com a proposição acerca da reencarnação da alma. Para além disso, discordam de que o fim do mundo esteja próximo, à semelhança dos indivíduos não crentes. Logicamente, a crença dos budistas na reencarnação faz com que tendam a discordar fortemente da ideia segundo a qual «depois da morte, tudo acaba».

Um outro grupo, com certas particularidades em relação ao resto, é formado pelos protestantes/evangélicos. Estes mostram uma maior inclinação para desconfiar da ciência e confiam mais na possibilidade de encontrar Deus depois da morte ou na ressurreição de Jesus. É também este grupo que, ao lado dos muçulmanos, sublinha mais expressivamente que a vida é um dom de Deus. Neste sentido, não é surpreendente que estes dois grupos se destaquem na condenação da eutanásia (cf. Quadro 43).

Quadro 43 Opiniões sobre a eutanásia segundo posições religiosas³⁴

P.8 Opinião sobre a eutanásia (%)	Condenável em qualquer situação	Aceitável dentro de certos limites	Aceitável em qualquer situação	NS/NR
Indiferente	3,1	79,3	8,8	8,8
Agnóstico	2,7	84,4	12,1	0,8
Ateu	0,7	90,0	5,9	3,4
Crente sem religião	10,5	77,9	5,5	6,1
Católico	22,3	67,9	3,8	6,0
Evangélico/Protestante	62,9	29,3	6,8	0,9
Ortodoxo	20,0	80,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	46,1	53,9	0,0	0,0
Outra confissão cristã	30,3	55,6	0,0	14,1
Budista	0,0	43,9	21,1	35,0
Muçulmano	68,7	0,0	0,0	31,3
Outra religião não cristã	20,4	79,6	0,0	0,0
NS/NR	0,0	65,5	0,0	34,5
Total	18,6	70,3	5,2	5,9

O estudo foi aplicado no terreno numa altura em que os debates sobre a eutanásia estavam muito presentes na cena pública. Perguntou-se aos indivíduos se concordariam com a possibilidade de provocar «a morte de uma pessoa doente» com a intenção de «pôr termo ao seu extremo sofrimento». 5,2 % dos respondentes aceitam a eutanásia em qualquer circunstância, 70,3 % consideram-na aceitável dentro de certos limites e 18,6 % julgam-na condenável em qualquer circunstância (5,9 % não sabem ou não respondem).

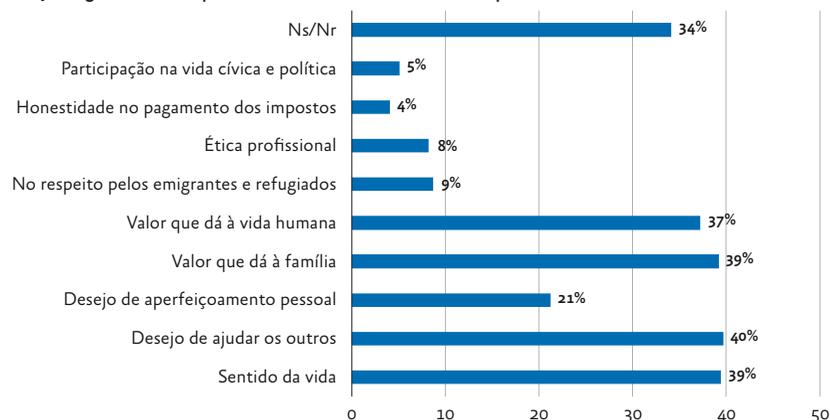
Sabendo que houve pronunciamentos públicos durante a implementação do inquérito por parte de muitas instituições religiosas, de diferentes universos, condenando a eutanásia, importa compreender a distribuição destes resultados por posição religiosa. Há apenas dois grupos nos quais se verifica uma maioria que condena a eutanásia em qualquer situação: 68,7 % dos muçulmanos e 62,9 % dos evangélicos/protestantes são terminantemente contra a eutanásia. 67,9 % dos católicos aceitam a eutanásia «dentro de certos limites» e 22,3 % condenam esta prática em qualquer situação. Tendo em conta que muitos católicos estão bastante afastados de qualquer envolvimento institucional e comunitário, não surpreende este distanciamento em relação à posição oficial da Igreja católica romana. No que diz respeito aos não crentes, a aceitação da eutanásia é particularmente notada entre os ateus: 90 % destes está de acordo com esta prática em certas circunstâncias.

Efeitos do crer no plano da diferenciação de atitudes

A autorrepresentação é uma imagem do conhecimento que temos sobre nós mesmos, incluindo as crenças sobre a nossa personalidade, valores ou objetivos sociais (cf. Stangor e Schaller, 2012). É um fenómeno particularmente interessante porque, ao colocar-nos em contraste com o «outro», evidencia os estereótipos, preconceitos ou retratos éticos dominantes que contribuem para a definição da nossa autoimagem ou identidade (neste caso, na sua dimensão crente). Assim, para analisarmos as representações que descrevem o lugar das crenças religiosas no sistema de valores dos indivíduos, foi-lhes perguntado se consideravam que a sua fé ou crença religiosa os faz sentir diferentes dos outros (crentes ou não crentes) relativamente a alguns aspetos das suas vidas (cf. Gráfico 14).

Gráfico 14 Percepção da diferença e sistemas de valores³⁵

P28. (Se é crente, pertencente ou não a uma religião) Acha que a sua fé ou crença religiosa faz com que se sinta diferente dos outros a respeito de?



A leitura dos dados permite observar que os inquiridos identificam um particular impacto da suas crenças e vivências no domínio das questões relativas aos sistemas de orientação pessoal e à moral humanitária. É significativo que, em média, mais de um terço dos inquiridos considere sobre ambos que a sua fé ou crença religiosa os torna diferentes. Com efeito, relativamente ao primeiro, encontramos uma frequência elevada no que concerne ao «sentido da vida», «valor que dá à família» e «desejo de aperfeiçoamento pessoal». No que respeita à segunda, observamos uma preponderância nos itens relativos ao «desejo de ajudar os outros» e «valor que dá à vida humana». Os valores mais baixos são encontrados ao nível do sistema de moral cívica, por ordem decrescente: o «respeito pelos imigrantes e refugiados», a «ética profissional», a «participação cívica e política» e, derradeiramente, a «honestidade no pagamento dos impostos».

Sublinhamos também o facto de haver uma percentagem relativamente elevada de inquiridos que não soube ou não quis responder a esta questão, mesmo considerando as várias opções disponíveis. Isto pode denunciar que muitos não consideram que a sua fé ou crença religiosa possa ser um elemento particularmente significativo ou distintivo em matéria de construção de valores. Tal parece claro nos itens relativos à moral cívica, visto que apenas um número residual dos indivíduos considera que a sua fé os torna diferentes por comparação a outros grupos. Mas é necessário também ter em conta que, havendo uma larga maioria que pertence a um universo confessional, será de esperar uma certa dificuldade em distinguir entre valores partilhados socialmente e valores construídos a partir de referências religiosas. O cruzamento com as categorias de posicionamento crente permite um retrato mais definido (cf. Quadro 44).

Quadro 44 Autorrepresentações relativas aos efeitos da crença religiosa por posições religiosas³⁶

P28. Efeitos diferenciadores da crença (% de casos)	Sentido da vida	Ajudar os outros	Aperfeiçoamento pessoal	Valor da família	Valor da vida humana
Crente sem religião	35,2	32,3	22,8	31,7	34,3
Católico	38,4	39,7	18,6	40,0	35,7
Evangélico/Protestante	46,2	53,4	29,8	48,3	47,8
Ortodoxo	44,6	33,0	23,7	33,0	16,4
Testemunha de Jeová	69,4	84,2	23,8	44,3	55,4
Outra confissão cristã	56,3	44,3	56,3	55,0	75,9

P28. Efeitos diferenciadores da crença (% de casos)	Sentido da vida	Ajudar os outros	Aperfeiçoamento pessoal	Valor da família	Valor da vida humana
Budista	57,2	12,7	69,5	12,2	48,2
Muçulmano	66,2	34,3	37,5	73,6	64,5
Outra religião não cristã	28,4	32,7	43,3	20,4	46,3
NS/NR	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	39,4	39,7	21,2	39,2	37,2
P28. Efeitos diferenciadores da crença (% de casos)	Emigrantes e refugiados	Ética profissional	Honestidade nos impostos	Vida cívica e política	NS/NR
Crente sem religião	6,8	6,6	4,3	4,6	39,4
Católico	8,4	7,8	3,3	5,1	34,3
Evangélico/Protestante	15,5	12,1	7,3	5,0	27,9
Ortodoxo	0,0	23,7	0,0	0,0	39,0
Testemunha de Jeová	7,0	18,5	25,3	16,7	11,9
Outra confissão cristã	19,6	33,7	14,1	14,1	10,0
Budista	12,2	0,0	0,0	0,0	30,6
Muçulmano	15,6	0,0	0,0	0,0	26,4
Outra religião não cristã	0,0	20,4	0,0	0,0	22,2
NS/NR	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	8,7	8,2	4,1	5,1	34,1

É possível perceber que, no campo dos itens que podem integrar os sistemas de orientação pessoal, os muçulmanos são quem mais fortemente acredita que a sua fé ou crença religiosa os torna diferentes relativamente aos outros. É, aliás, o grupo que destacadamente mais

considera que por ser religioso dá maior valor à família. Logo a seguir surgem as outras confissões cristãs, apesar de não se destacarem propriamente em nenhum item. Em relação à questão sobre o desejo de aperfeiçoamento pessoal, há uma clara predominância dos budistas (69,5%), ao contrário dos católicos que apresentam a menor inclinação para se sentirem distintos quanto a esse desejo (18,6%). Neste campo, deixamos ainda uma nota relativamente às Testemunhas de Jeová, pois são os que mais declaram que a sua crença religiosa os torna distintos no que respeita ao sentido que dão às suas vidas. No sentido inverso, por ordem crescente, encontramos os crentes sem religião, as outras confissões não cristãs, os católicos e os ortodoxos. Estes quatro apresentam, em média, valores muito similares. A diferença entre os primeiros e os últimos é inferior a 4 %.

Nos itens próximos da moral humanitária as Testemunhas de Jeová destacam-se por serem os que mais sublinham, sobretudo no item «desejo de ajudar os outros», a influência das suas crenças. São seguidos das outras confissões cristãs, dos evangélicos/protestantes e dos muçulmanos. Os primeiros destacam-se por serem o grupo que mais considera que a sua fé os distingue relativamente ao valor que dão à vida humana. No lado oposto, isto é, entre os que menos consideram que a sua crença os torna diferentes, situam-se, por ordem crescente, os ortodoxos, os budistas e os crentes sem religião. Enfatizamos o facto de os ortodoxos serem, de longe, os que menos acham que a sua fé os distingue em matéria de valor que dão à vida humana, e o facto de os budistas terem o valor destacadamente mais baixo no item «desejo de ajudar os outros».

Apesar de, no geral, os valores respeitantes à moral cívica estarem entre aqueles que os crentes menos consideram ser distintos,

existem alguns dados que merecem a nossa atenção. Em primeiro lugar sublinhamos que, embora os católicos apresentem sempre números superiores, os seus valores e os dos crentes sem religião são muito semelhantes. Isso adensa, uma vez mais, a ideia de que os últimos são ainda uma «periferia católica», tal como nos diz Teixeira (cf. 2013, p. 123). Em segundo lugar, os membros de outras confissões cristãs, incluindo as Testemunhas de Jeová e os evangélicos e outros protestantes, estão novamente entre os que mais se destacam pela frequência com que consideram que a sua fé ou crença religiosa os tornam singulares. As outras confissões cristãs sublinham a categoria «ética profissional». O mesmo sucede com as Testemunhas de Jeová no que respeita ao item «honestidade no pagamento de impostos». No global da análise de todas as autorrepresentações, eles são os que mais certezas têm acerca da influência da sua fé ou crença religiosa nos seus sistemas de valor. Inversamente, no campo da maior incerteza sobre as qualidades distintivas da sua crença e dos benefícios pessoais, humanitários ou cívicos que delas advêm, encontramos os crentes sem religião, os ortodoxos e os católicos.

Em suma, a análise das perceções acerca dos «efeitos diferenciadores da fé» mostra que há diferenças significativas na importância atribuída aos valores ligados a ética pessoal e orientação individual. Essa diferença esbate-se no caso dos valores cívicos ou políticos. Tratar-se-á de um indício de uma certa apoliticidade do crer.

Capítulo 6

Práticas orantes e práticas cultuais

Oração, uma prática persistente

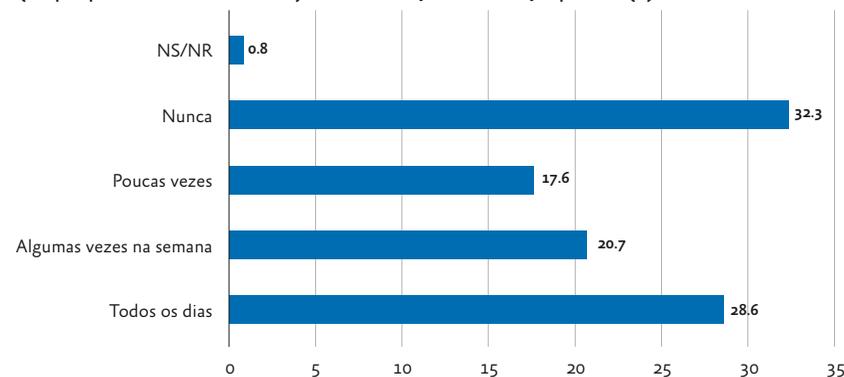
Num ensaio que deixou inacabado, em 1909, Marcel Mauss (cf. 1968) sublinhava a pouca atenção que a oração tinha até então merecido no campo dos modernos estudos da religião. Por seu lado, o antropólogo descobria, na oração, um dos principais laboratórios da religião nas sociedades. Conhecer a oração, nas suas práticas e enunciações, seria assim conhecer o âmago da experiência religiosa numa cultura. Os ritos podem sofrer a usura do tempo que passa. Podem tornar-se fósseis, memórias endurecidas da identidade, eficazes socialmente, mas desprovidos de qualquer interioridade mística. Num movimento inverso, a oração pode permitir, no seu devir, a participação cada vez mais acentuada da consciência individual. Marcel Mauss classificou este processo de espiritualização, processo pelo qual os crentes, independentemente do seu estatuto, incorporam pessoalmente a tradição em que se reconhecem gerados, para além dos constrangimentos do lugar, do tempo, das circunstâncias e das amarras institucionais.

Diferentes estudos, em diversos contextos, veiculam a observação de que as práticas orantes constituem um dos comportamentos religiosos mais persistentes. Tendo em conta outros indicadores de análise, certamente porque é a prática mais moldável, adaptável e portátil, e assim correspondendo às dinâmicas de individualização próprias das sociedades da modernidade avançada.

Os dados que aqui se observam devem ser lidos a partir de dois pressupostos. Por um lado, não pode excluir-se totalmente, apesar dos termos da pergunta, a possibilidade de se incluírem práticas de meditação desvinculadas de qualquer memória religiosa ou de qualquer sentimento religioso. Por outro, a definição desta prática religiosa como «pessoal», distinguindo-a de formas rituais e observâncias de natureza coletiva, pode encontrar significativas diferenças no âmbito das diversas comunidades de pertença religiosa.

Gráfico 15 Frequência de práticas orantes

P9. Sem contar com as cerimónias religiosas, costuma rezar, orar, dirigir-se a Deus (ou qualquer entidade sobrenatural) através da oração ou meditação pessoal? (%)



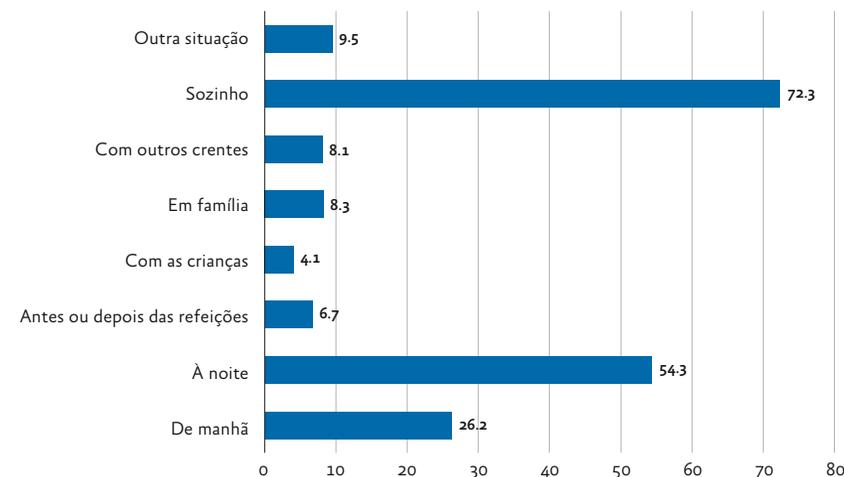
Os dados do gráfico anterior podem ser vistos a partir de uma dupla perspectiva. Por um lado, é necessário sublinhar que 32,3 % da população inquirida não apresenta indícios de qualquer prática orante; por outro, 49,3 % apresentam uma prática regular de oração — 20,7 % algumas vezes por semana e 28,6 % todos os dias (cf. Gráfico 15). Os dados confirmam a observação recorrente de que, mesmo nas sociedades onde se tornou habitual encontrar sinais evidentes de erosão de práticas explicitamente religiosas, a oração permanece como um dos comportamentos mais persistentes. Iremos observar que as práticas orantes tendem a distribuir-se por uma grande parte da população inquirida; apresentam traços de individualização e subjetivação; são solitárias, sem deixarem de ser solidárias; são preponderantemente espontâneas; são um elo determinante na circulação de dons entre os crentes e o ser divino (ou outras entidades), mas também um recurso na demanda de bem-estar; a comunicação com a transcendência convive com novas práticas de comunhão cósmica.

A observação das ocasiões e dos contextos que descrevem essas práticas contribuem para um esclarecimento das possíveis razões que deverão explicar essa persistência (cf. Gráfico 16). A oração como prática individual e solitária é contexto destacadamente mais recorrente. E o final do dia é a ocasião mais frequente, recolhendo 54,3 % das respostas dos inquiridos. Assim, as práticas orantes persistem como formas de ação características de um religioso privado, particularmente articuladas com a experiência do ocaso do dia. Tal evidência diz algo da experiência de oração, nas suas formas mais tradicionais, como prática devocional individual (mental, vocal e corporal), e como disciplina de interioridade particularmente ligada a esse limiar entre o quotidiano público e doméstico e o tempo do sono — no universo católico, esse

foi o contexto de elaboração de diversos reportórios de oração, com um particular destaque para a oração do «Anjo da Guarda». Mas para além desses indícios de tradicionalidade religiosa, os dados apontam para a evidência de que as práticas orantes são facilmente moldáveis à experiência do indivíduo na sua autonomia e subjetividade, ao contrário de outras, mais formalizadas e mais dependentes de ambientes institucionais. A sua concentração nestas duas características — «sozinho» e à «noite» — pode explicar, pelo menos em parte, a persistência deste comportamento religioso.

Gráfico 16 Práticas orantes segundo contextos

P10. Em que ocasiões? (% de casos)



Os dados mostram, também, que as práticas de índole familiar (crianças, refeições, família) apresentam frequências bastante mais baixas do que as que indiciam uma religião individualizada.

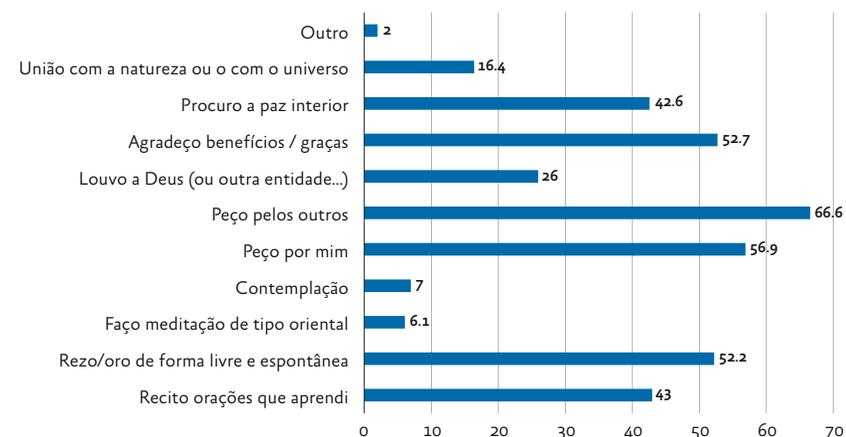
No entanto, verifica-se um universo de alguma criatividade não captável por instrumentos de investigação extensiva. Existe a necessidade de estudos que mobilizem outras escalas para averiguar as possibilidades de reconfiguração das modalidades de oração, nos labirintos da plasticidade própria das atuais gramáticas do crer, profusamente plurais e individualizadas.

Enquanto prática, o facto de transcrever formas religiosas predominantemente individualizadas não significa que se possa definir apenas a partir de uma lógica autocentrada (cf. Gráfico 17). Quando observamos as categorias que nos informam acerca do objeto da oração, uma frequência mais elevada de casos corresponde ao enunciado «peço pelos outros» (66,6 %). Com um peso percentual inferior, apresenta-se o enunciado «peço por mim» (56,9 %). Estas duas direções não se opõem. De algum modo a oração tem como objeto, com frequência, a experiência de vulnerabilidade, que tanto afeta o praticante como os seus círculos de relações — em particular aqueles com os quais se relaciona a partir do imperativo do cuidado. Este aspeto da análise pode esclarecer-se observando a relevância da percentagem de casos relativa ao enunciado «agradeço graças/benefícios» (52,7 %). Na lógica retributiva que caracteriza boa parte das práticas orantes, ao gesto do pedido corresponderá, ulteriormente, o gesto de agradecimento, inscrevendo esta forma de comunicação religiosa no circuito do dom, que é uma importante matriz da atividade religiosa. As formas mais difusas, como «contemplação» (7 %), ou exógenas, como «meditação de tipo oriental» (6,1 %), têm taxas de frequência comparativamente baixas. São mais relevantes as relativas ao bem-estar pessoal («procuro a paz interior», com 42,6 %). Na comparação entre as formas de oração mais espontâneas (52,2 %) e as mais formalizadas (43,0 %), prevalecem as

primeiras — dir-se-ia que a improvisação toma o lugar da memória. No confronto entre modalidades de oração que evocam o ser divino, plural ou singular, ou outras entidades transcendentais (26 %), e aquelas que apelam a uma experiência de índole cósmica (16,4 %), afirmam-se as primeiras, mais tradicionais; mas importa sublinhar que as práticas mais próximas de uma conceção cósmica ou naturalista de oração correspondem a mundividências mais recentes.

Gráfico 17 Descrição das práticas orantes

P11. O que faz habitualmente nesses momentos de oração ou meditação? (% de casos)



Quem reza ou medita?

Como seria de esperar, é entre os que não pertencem a nenhuma religião que encontramos as frequências mais baixas (cf. Quadro 45). Neste caso, o que é assinalável é o facto de, mesmo entre os não crentes, ser possível encontrar algum vestígio das práticas orantes

— será viável perseguir a hipótese de que essas práticas podem documentar a plasticidade própria dos comportamentos religiosos. Entre os crentes sem religião, como acontece no estudo de outras variáveis, sendo uma espécie de periferia crente, encontramos frequências que se distinguem nitidamente tanto dos não crentes como dos que se representam como pertencentes a uma religião. No universo cristão, descobre-se um contraste sintomático entre católicos e evangélicos. Enquanto entre os evangélicos a categoria «todos os dias» reúne 81,0 %, no universo dos católicos reúne 35,8 %. De forma simétrica, entre os evangélicos, o número dos que nunca rezam é residual (1,7 %). É muito mais significativo entre os católicos (13,3 %), comparável, neste aspeto, ao das Testemunhas de Jeová (13,6 %). Esta aproximação pode decorrer do facto de, nestes dois universos, existirem periferias com um certo distanciamento das práticas religiosas, tanto orantes como culturais. No entanto, esta proximidade já não se verifica nas outras categorias, onde, apesar de uma grande distribuição das posições, encontramos o rasto de uma mais intensa atividade orante. Mais do que no campo católico, orar é, no campo evangélico, uma vivência nuclear na construção da identidade crente, unindo, num contínuo religioso, a interioridade do indivíduo, o espaço doméstico e a sua experiência comunitária. Em certa medida, orar, enquanto dinâmica de emblematização da identidade crente, corresponde ao lugar que a prática ritual tem no campo católico. Entre os muçulmanos, apesar de estarmos perante um número de respondentes muito baixo, pode afirmar-se que, tendencialmente, se verificarão frequências elevadas na prática da oração diária (88,9 %), uma vez que esse comportamento religioso é nuclear no regime de observâncias que descreve o quotidiano islâmico — neste contexto, podemos dizer que a oração é uma civilidade quotidiana.

Quadro 45 Frequência de práticas orantes por posição religiosa

Pg. Frequência de práticas orantes (%)	Algumas vezes			
	Todos os dias	na semana	Poucas vezes	Nunca
Indiferente	3,4	0,0	8,6	87,9
Agnóstico	1,2	7,3	12,2	79,3
Ateu	1,7	5,9	3,4	89,0
Crente sem religião	17,8	17,1	27,0	38,2
Católico	35,8	28,7	21,7	13,8
Evangélico/Protestante	81,0	15,5	1,7	1,7
Ortodoxo	16,7	33,3	50,0	0,0
Testemunha de Jeová	60,0	20,0	6,7	13,3
Outra confissão cristã	50,0	16,7	0,0	33,3
Budista	33,3	44,4	11,1	11,1
Muçulmano	88,9	0,0	0,0	11,1
Outra religião não cristã	20,0	20,0	20,0	40,0
Total	28,8	21,0	17,8	32,4

Quadro 46 Contextos e ocasiões de oração ou meditação segundo posições religiosas

P10. Situações de oração ou meditação (% de casos)	Contextos e ocasiões de oração ou meditação							
	De manhã	A noite	Antes ou depois das refeições	Com as crianças	Em família	Com outros crentes	Sozinho	Outra situação
Indiferente	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	68,6	39,2
Agnóstico	3,2	36,7	0,0	0,0	9,3	0,0	78,1	9,0
Ateu	11,7	44,3	0,0	21,4	0,0	0,0	68,7	21,0
Crente sem religião	11,5	39,8	1,9	2,1	0,0	3,2	74,7	11,9
Católico	25,3	56,2	3,9	2,3	5,9	5,9	71,6	8,4
Evangélico/Protestante	63,4	71,5	30,2	23,0	42,9	34,2	74,3	6,3

P10. Situações de oração ou meditação (% de casos)	De manhã	A noite	Antes ou depois das refeições	Com as crianças	Em família	Com outros crentes	Sozinho	Outra situação
Ortodoxo	9,3	62,7	9,3	0,0	0,0	0,0	30,6	51,7
Testemunha de Jeová	40,2	49,6	35,6	5,8	20,5	31,5	58,1	13,6
Outra confissão cristã	21,7	53,5	67,3	0,0	21,7	0,0	54,4	0,0
Budista	25,9	50,5	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Muçulmano	100,0	92,1	58,4	11,0	33,1	57,1	89,0	0,0
Outra religião não cristã	20,8	26,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	28,8

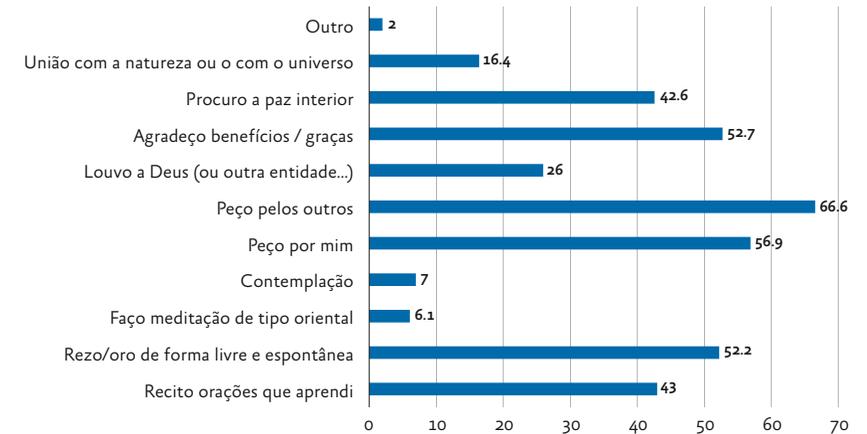
De forma preponderante, as práticas de oração concentram-se no preâmbulo do repouso noturno e concretizam-se de forma solitária (cf. Quadro 46). A oração à noite concentra, entre os católicos, a maior parte das práticas (56,2 %), relevância que se repete, em termos gerais, em todas as classes de posição religiosa, como entre os evangélicos (71,5 %), os ortodoxos (62,7 %) e as Testemunhas de Jeová (49,6 %). Neste caso, as frequências da oração à noite e de manhã (40,2 %) aproximam-se. Os muçulmanos destacam-se por uma forte presença de práticas orantes de manhã e à noite — neste caso, o quotidiano de oração é uma marca identitária forte, com características bastante singulares. A oração em família pronuncia-se sobretudo entre os evangélicos (42,9 %).

A oração com as crianças não é uma prática muito relevante, indicando um certo desinteresse pela transmissão de práticas religiosas dentro da família, fenómeno amplamente estudado nas sociedades do Atlântico Norte. Entre os evangélicos, é a categoria com a frequência mais baixa (excetuando «outra situação»). Entre os católicos, no seio dos quais esta prática foi, no passado, um importante instrumento

de socialização religiosa primária, a categoria recolhe apenas 2,3 %. A apresentação gráfica destes resultados permite uma leitura mais facilitada das preponderâncias (cf. Gráfico 18).

Gráfico 18 Práticas orantes por posição religiosa

P11. O que faz habitualmente nesses momentos de oração ou meditação? (% de casos)



A desagregação dos resultados concernentes às modalidades (ou conteúdos) da oração ou meditação não conduz a leituras muito distintas das realizadas sobre os resultados globais. Entre as identidades religiosas demograficamente preponderantes, as práticas orantes mais salientes concretizam-se em formas de comunicação que articulam o cuidado consigo e o cuidado com os outros (cf. Quadro 47). Os evangélicos apresentam-se mais ativos nas modalidades de oração que exprimem reconhecimento por dons recebidos («louvo», «agradeço»), mas muito menos na procura de paz interior ou união cósmica. No âmbito destes dois últimos itens, os católicos distinguem-se

claramente dos evangélicos quanto à percentagem de casos que procura, na oração, «paz interior» — certamente uma perspetiva mais aculturada, num contexto de valorização da reflexividade das práticas orantes. É este o âmbito que reúne, no budismo, como seria de esperar, as mais elevadas frequências.

Quadro 47 Modalidades de oração ou meditação segundo posições religiosas

P11. Modalidades de oração ou meditação (%)	Peço por mim	Peço pelos outros	Louvo a Deus (ou outra entidade sobrenatural)	Agradeço benefícios/graças	Procuo a paz interior	Procuo uma maior união com a natureza ou com o universo	Outro
Indiferente	32,2	32,2	0,0	9,6	30,5	48,2	0,0
Agnóstico	15,6	25,6	6,9	55,5	55,7	43,9	0,0
Ateu	32,3	40,5	0,0	11,1	34,7	34,1	0,0
Crente sem religião	44,5	53,0	17,0	40,3	51,1	28,3	4,7
Católico	60,3	70,7	26,5	54,2	42,1	12,7	2,0
Evangélico/Protestante	70,6	79,0	53,0	73,7	29,3	12,1	1,2
Ortodoxo	54,4	54,4	0,0	80,0	43,6	19,9	0,0
Testemunha de Jeová	62,0	76,1	39,0	68,5	31,7	0,0	0,0
Outra confissão cristã	68,3	38,1	0,0	54,4	0,0	0,0	0,0
Budista	52,7	52,7	27,8	27,8	90,6	74,1	0,0
Muçulmano	61,0	71,3	38,2	52,5	62,3	18,3	0,0
Outra religião não cristã	0,0	46,8	0,0	49,6	100,0	54,8	0,0

Prática cultural

A prática cultural regular tem sido um fenómeno bastante estudado, quase sempre na perspetiva da sua erosão. De uma forma geral, é necessário afirmar que entre todas as posições de pertença religiosa se encontram importantes conjuntos de crentes que nunca frequentam o culto comunitário regular (neste estudo, entre 6,7 % e 55,6 %). No contexto das grandes Igrejas e comunidades com forte impacto demográfico, nos países europeus, tanto na geografia protestante como na geografia católica, este tem sido um indicador muito usado para falar da desfiliação de muitos crentes. Por oposição, as chamadas minorias religiosas apresentam, na frequência do culto comunitário, um dos sinais da sua vitalidade. 15,8 % dos católicos, nesta região, declaram ir uma vez por semana ao culto. Se juntarmos a este número os que indicam ir mais do que uma vez por semana, poderemos afirmar que 21,4 % se autorrepresentam como católicos observantes. Mas tendo em conta a autonomia com que parte dos católicos gere o seu regime de observâncias culturais, é importante ter em conta o valor percentual dos que declaram frequentar o culto comunitário uma a duas vezes por mês (13,3 %). Se usássemos como critério para definir o católico praticante a frequência do culto pelo menos uma vez por mês, estaríamos perante um conjunto de 34,7 % dos respondentes católicos (cf. Quadro 48).

O exemplo da vitalidade que antes se referia documenta-se particularmente através dos evangélicos/protestantes. A prática cultural comunitária, no seu ritmo semanal, surge referida por 25 % dos pertencentes a esta geografia confessional. Mas 35 % declaram frequentar o culto comunitário mais do que uma vez por semana — não se ignora que estes dados dependem da própria forma de organização do culto, no que diz respeito ao seu calendário e à sua periodicidade (cf. Quadro 48).

Quadro 48 Frequência do culto comunitário por posições religiosas³⁷

P12.1 Frequência do culto comunitário na igreja ou templo (%)	Mais de uma vez por semana	Uma vez por semana	Uma a duas vezes por mês	Várias vezes por ano	Uma a duas vezes por ano	Menos do que uma vez por ano	Nunca
Indiferente	0,0	0,0	0,0	1,7	5,2	5,2	87,9
Agnóstico	0,0	1,2	0,0	1,2	11,0	7,3	79,3
Ateu	0,0	0,0	0,0	0,8	5,1	5,1	89,0
Crente sem religião	0,0	2,0	0,7	4,7	12,1	15,4	65,1
Católico	5,6	15,8	13,3	19,4	12,0	10,5	23,4
Evangélico/Protestante	35,0	25,0	11,7	10,0	1,7	1,7	15,0
Ortodoxo	0,0	14,3	28,6	14,3	14,3	14,3	14,3
Testemunha de Jeová	46,7	20,0	20,0	0,0	0,0	6,7	6,7
Outra confissão cristã	20,0	20,0	20,0	0,0	0,0	0,0	40,0
Budista	0,0	22,2	0,0	0,0	22,2	0,0	55,6
Muçulmano	20,0	40,0	0,0	10,0	0,0	0,0	30,0
Outra religião não cristã	0,0	0,0	20,0	20,0	20,0	0,0	40,0

A vivência da ação cultural no contexto de um pequeno grupo tem um peso relativo baixo entre os católicos, característica que nos aproxima do perfil próprio de uma Igreja «multitudinista» (no sentido weberiano). Quase 84 % dos católicos escolheram a categoria nunca (cf. Quadro 49). Por contraste, entre os evangélicos/protestantes a mesma categoria ultrapassa um pouco os 38 %. É entre estes que se podem identificar indícios de uma maior atividade no âmbito deste tipo de vivência cultural, facto que corresponde à dinâmica própria destas Igrejas, com expressões rituais muito informais, adaptáveis às mais diversas circunstâncias, incluindo o espaço doméstico. Entre as Testemunhas de Jeová encontramos vestígios de alguma atividade cultural com estas características. Mas tenha-se em conta que,

em comunidades pequenas, por vezes de feição celular, a diferença entre a reunião de uma «congregação» ou a reunião de um pequeno grupo pode esbater-se. Assinale-se, também, que 30,0 % dos respondentes muçulmanos escolheram a categoria «mais de uma vez por semana». Apesar da debilidade da amostra, será certamente um indício de uma adaptação das formas culturais ao contexto de vida de muitos muçulmanos, cujo quotidiano pode não ser facilitador da participação nas assembleias das mesquitas instituídas, favorecendo a reunião em contextos grupais — potenciadores, porventura, da criação de novos polos de vivência comunitária islâmica (cf. Quadro 49).

Quadro 49 Frequência do culto num pequeno grupo por posições religiosas³⁸

P12.2 Frequência do culto num pequeno grupo (%)	Mais de uma vez por semana	Uma vez por semana	Uma a duas vezes por mês	Várias vezes por ano	Uma a duas vezes por ano	Menos do que uma vez por ano	Nunca
Indiferente	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,7	98,3
Agnóstico	0,0	1,2	0,0	1,2	1,2	0,0	96,3
Ateu	0,0	0,0	0,0	1,7	0,0	2,5	95,8
Crente sem religião	0,0	0,0	2,0	3,4	5,4	5,4	83,9
Católico	1,3	2,4	2,4	3,0	3,4	3,9	83,7
Evangélico/Protestante	8,3	33,3	6,7	6,7	3,3	3,3	38,3
Ortodoxo	0,0	0,0	0,0	0,0	16,7	0,0	83,3
Testemunha de Jeová	13,3	0,0	13,3	20,0	0,0	6,7	46,7
Outra confissão cristã	0,0	0,0	20,0	0,0	0,0	0,0	80,0
Budista	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Muçulmano	30,0	10,0	20,0	10,0	0,0	0,0	30,0
Outra religião não cristã	0,0	20,0	0,0	20,0	0,0	0,0	60,0

Mais de metade dos católicos tem alguma experiência de acompanhamento de atos de culto pela televisão (cf. Quadro 50). As frequências são mais relevantes na categoria «uma vez por semana» (14,1 %). Esta preponderância deve relacionar-se com a presença histórica da emissão da missa dominical no canal público de televisão, mas também na grelha de um dos mais influentes canais de televisão privados. Tenha-se em conta também, que o acompanhamento de emissões religiosas pela televisão, na Europa, pode estar associado a um comportamento do tipo «crer sem pertencer». Num estudo de referência, para o final do século XX, Grace Davie (cf. 1994) tomava esta Igreja das ondas hertzianas como o fenómeno do crer sem pertencer por excelência, na medida em que as instituições religiosas veem diminuída a capacidade de influenciar as condições de receção das mensagens difundidas — na sua interpretação, este fenómeno daria conta de uma religiosidade do indivíduo, ligada às práticas de consumo, sintetizada na figura de alguém que, no seu sofá, consome a informação sem que isso implique uma forma de mobilização. Nesta perspetiva, de um modo diferente do televangelismo latino-americano, o comportamento apresenta uma expressão mais nítida no espaço denominacional das Igrejas que assumem ou assumiram o lugar de uma espécie de «serviço público» de religião — isto apesar de se encontrar presente, na oferta televisiva por cabo, uma grelha de programação religiosa ligada a outras Igrejas. As frequências relativas aos evangélicos/protestantes e aos ortodoxos são mais relevantes na categoria «mais de uma vez por semana», mas o peso relativo dos que nunca assistem a qualquer emissão de ações cultuais na televisão é muito mais pronunciado.

Quadro 50 Frequência do culto comunitário através da televisão por posições religiosas³⁹

P12.3 Frequência do culto comunitário na televisão (%)	Mais de uma vez por semana	Uma vez por semana	Uma a duas vezes por mês	Várias vezes por ano	Uma a duas vezes por ano	Menos do que uma vez por ano	Nunca
Indiferente	0,0	0,0	1,7	1,7	0,0	0,0	96,6
Agnóstico	0,0	0,0	0,0	1,2	1,2	3,7	93,9
Ateu	0,0	0,0	0,0	0,0	0,8	1,7	97,5
Crente sem religião	0,0	2,7	6,1	6,8	4,1	2,7	77,7
Católico	4,6	14,1	9,4	12,4	5,5	5,5	48,5
Evangélico/Protestante	10,3	5,2	3,4	3,4	1,7	3,4	72,4
Ortodoxo	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	66,7
Testemunha de Jeová	0,0	0,0	6,3	0,0	6,3	0,0	87,5
Outra confissão cristã	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Budista	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Muçulmano	0,0	0,0	11,1	11,1	11,1	0,0	66,7
Outra religião não cristã	20,0	0,0	20,0	0,0	0,0	0,0	60,0

O acompanhamento de ações cultuais, através da rádio, tem uma relevância menor, em comparação com o comportamento anterior (cf. Quadro 51). Só cerca de 17 % dos respondentes católicos têm alguma experiência de acompanhar atos de culto pela rádio, apesar de se reproduzirem contextos análogos aos anteriormente descritos. Ou seja, a presença continuada de emissões religiosas em antenas de ampla difusão. Os comportamentos que descrevem as práticas de ouvir rádio e as práticas de televisionamento são significativamente distintos. Em todo o caso, entre os evangélicos/protestantes encontramos um rasto de alguma atividade neste âmbito, em particular se juntarmos as duas categorias de maior frequência. Aspeto que beneficia do facto de a

noção de culto, neste contexto, poder apresentar uma enorme elasticidade, cobrindo uma variedade de produtos radiofónicos religiosos.

Quadro 51 Acompanhamento de atos de culto na rádio segundo posições religiosas⁴⁰

P12.4 Frequência do culto comunitário pela rádio? (%)	Mais de uma vez por semana	Uma vez por semana	Uma a duas vezes por mês	Várias vezes por ano	Uma a duas vezes por ano	Menos do que uma vez por ano	Nunca
Indiferente	0	0	0	0	0	0	100
Agnóstico	0	0	0	0	1,2	0	98,8
Ateu	0	0	0	0	1,7	0	98,3
Crente sem religião	0	0,7	1,4	0,7	0,7	2	94,6
Católico	2,8	2,8	2,4	5	1,1	2,7	83,2
Evangélico, protestante	10,2	11,9	6,8	1,7	0	0	69,5
Ortodoxo	0	0	0	0	0	0	100
Testemunha de Jeová	0	0	0	6,3	6,3	0	87,5
Outra confissão cristã	0	0	0	0	0	0	100
Budista	0	0	0	0	0	0	100
Muçulmano	0	0	11,1	0	0	0	88,9
Outra religião não cristã	0	0	20	20	0	0	60

Apesar da importância da comunicação em rede, não é possível afirmar-se, sob o ponto de vista macrossocial, que existem práticas ciberculturais significativas na população desta região (cf. Quadro 52). O fenómeno tem sido estudado, no plano microssocial, mas parece não ter ainda suficiente pertinência na sociedade portuguesa, em termos gerais — isto pressupondo que esta região pode ser lida como um laboratório de algumas das mais importantes mudanças quanto ao

comportamento religioso. Mais uma vez, os evangélicos/protestantes surgem, ainda assim, como os mais ativos neste domínio. Não se perca de vista que, no entanto, a pergunta se refere a práticas culturais. Mesmo que para algumas identidades religiosas este objeto possa ser relativamente diversificado. Não se exclui que outro tipo de práticas relativas à religião possa ter, na internet, uma relevância maior.

Quadro 52 Frequência do culto comunitário na internet por posições religiosas⁴¹

P12.5 Frequência do culto comunitário na internet (%)	Mais de uma vez por semana	Uma vez por semana	Uma a duas vezes por mês	Várias vezes por ano	Uma a duas vezes por ano	Menos do que uma vez por ano	Nunca
Indiferente	0,0	0,0	0,0	1,7	0,0	0,0	98,3
Agnóstico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Ateu	0,0	0,0	0,0	0,8	0,0	0,0	99,2
Crente sem religião	0,0	2,0	0,0	2,7	0,0	1,4	93,9
Católico	2,4	0,2	1,6	1,1	0,6	2,5	91,7
Evangélico/Protestante	25,0	5,0	5,0	3,3	5,0	1,7	55,0
Ortodoxo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Testemunha de Jeová	0,0	0,0	7,1	0,0	0,0	14,3	78,6
Outra confissão cristã	0,0	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0	66,7
Budista	0,0	0,0	22,2	22,2	0,0	0,0	55,6
Muçulmano	22,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	77,8
Outra religião não cristã	20,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	80,0

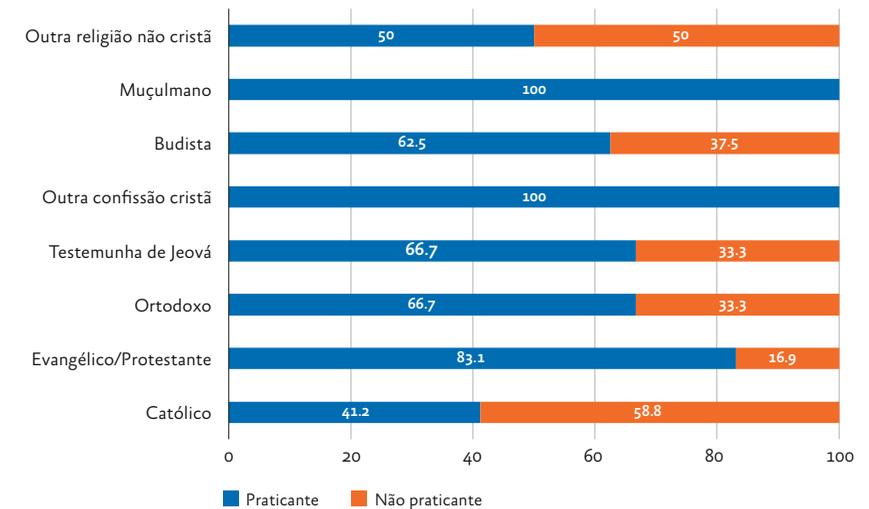
Praticantes e não praticantes

Estudos diversos têm mostrado que os pertencentes a uma religião tendem a considerar-se praticantes (cf. Antunes, 2000; Teixeira, 2013). No estudo de 2011–12 (IRP), o número dos que se autotransferiam praticantes é sempre superior, em todas as posições de pertença religiosa. Mesmo no caso da maioria católica: 56,1 % de praticantes, 43,9 % de não praticantes. Mas esta autotransferência não se articula necessariamente com os comportamentos de pertença comunitária esperados. Trata-se de um dos sintomas mais legíveis daquilo que os sociólogos da religião apelidaram, nos anos 90, de «recomposição individual do religioso». Essa autotransferência dá conta de um trabalho individualizado que pode prescindir da objetividade institucional. A tendência para a preponderância dos praticantes, quanto à autotransferência, mantém-se, em termos gerais (cf. Gráfico 19). No entanto, neste estudo essa tendência não se confirma, uma vez que 58,8 % dos respondentes católicos se reveem na categoria de não praticantes — neste âmbito, se tivermos em conta os dados de 2011, esta região não acompanha a tendência nacional. Sublinhe-se ainda, que o peso relativo dos que se autotransferem como não praticantes tem uma importância significativa entre as Testemunhas de Jeová (33,3 %), agrupamento religioso que, dada a sua forte coesão e organicidade, poderia levar a supor que essa autorrepresentação seria mais residual. De entre as minorias cristãs mais representadas, os evangélicos/protestantes aparecem como o grupo onde a categoria de praticante, como autorrepresentação, é mais relevante (83,1 %). Apesar de poder haver uma certa flutuação quanto à compreensão do que se entende por «praticante» e «não praticante», é certo, no entanto, que os respondentes compreendem o que é ser-se praticante segundo os

critérios da objetividade social esperada, já que a principal alteração no curso da vida, quanto à identidade religiosa, como se observou, é descrita pela proposição «deixei de ser praticante». As razões para este abandono ou são de ordem pragmática ou são relativas à afirmação da autonomia individual. Ou seja, este movimento de distanciamento não exprime, em primeira linha, uma atitude de dissensão.

Gráfico 19 Distribuição dos crentes que pertencem a uma religião, segundo a autotransferência praticante/não praticante

P15. Considera-se praticante ou não da sua religião? (%)



A pergunta acerca das razões pelas quais se é praticante permite descrever o tipo de religiosidade que suporta essa autotransferência (cf. Quadro 53). Retendo os itens que atingem pelo menos 40 % dos

casos em cada posição de pertença religiosa, verifica-se que a ascendência familiar é extraordinariamente relevante no caso dos católicos e muçulmanos, rondando os 80 %; é também proeminente, entre os ortodoxos. São posições fortemente marcadas por um itinerário de lealdade familiar, facto que permite descrever a identidade religiosa como manutenção de uma linhagem crente. Mais afetados por itinerários de mobilidade religiosa, os evangélicos/protestantes apresentam, neste item, uma percentagem de casos muito menor (31,5 %) — isso confirma a leitura de que se está, neste caso, perante uma identidade em que são mais determinantes outros fatores que descrevem o curso de vida, conduzindo a um perfil em que as características que descrevem uma identidade religiosa eletiva têm mais relevância. Decorrente desta observação, sublinhe-se que é entre os evangélicos/protestantes que encontramos a maior percentagem de casos que representam a sua identidade crente a partir da condição de convertidos — quase 41 %. Nesse perfil, são acompanhados pelas Testemunhas de Jeová (38,7) — esta característica está eminentemente ligada ao facto de o catolicismo ter sido, para as Testemunhas de Jeová, a principal bolsa de captação de adesões.

O «conforto espiritual» recolhe uma frequência de casos muito significativa em quase todas as posições de pertença religiosa (cf. Quadro 53). Se observarmos, por contraste, as baixas frequências relativas ao item «melhoria das condições materiais de vida», pode concluir-se que o religioso, enquanto referência e vivência, tem uma particular relação com o bem-estar espiritual e com a sua capacidade de responder à experiência de vulnerabilidade e de incerteza. A representação da religião como conforto relaciona-a com as feridas próprias do curso existencial dos indivíduos. O item «Obtenção de saúde e proteção de

Deus», que tem alguma relevância no conjunto cristão constituído por católicos e evangélicos/protestantes. Neste caso, vale a pena sublinhar a proximidade destes dois subconjuntos confessionais no que toca à valorização das dimensões terapêuticas das vivências religiosas. A sua vinculação ao sucesso material, presente em algumas formas religiosas muito adaptadas ao pragmatismo de uma cultura moderna de mercado, não encontra, nesta amostra, uma particular relevância estatística.

Pode comparar-se também, nesta leitura das diferentes polarizações do religioso, o peso de um imperativo heteronómico («Cumprimento do dever para com Deus») e de um princípio de autonomia («Ser coerente com a minha consciência»). As atitudes distribuem-se, em termos gerais, de forma equilibrada. Mas há idiosincrasias a assinalar (cf. Quadro 53). O princípio de autonomia afirma-se, de forma particular, entre os católicos, outros cristãos e budistas. O princípio de heteronomia é mais saliente entre Testemunhas de Jeová, muçulmanos e outros não cristãos. A comparação dos resultados concernentes a estes itens tem uma particular relação com os habituais indicadores de secularização. As sociologias da secularização enfatizam as dificuldades próprias da condição religiosa no processo de aculturação à modernidade pelo facto de, tradicionalmente, a vivência religiosa estar associada à experiência de desapossamento de si (cf. Gauchet, 1985). Essa atitude própria do crente, que encontra numa transcendência o fundamento da sua própria existência, converte-se recorrentemente em observâncias e práticas vividas na lógica da obrigação. Algumas formas de adaptação dos códigos religiosos recebidos num estilo de vida moderno passam por uma certa desvalorização do sentido da obrigação e por uma revalorização do sentido de autenticidade ou coerência interior. Tendo em conta o carácter mais massificado

da identidade católica, a espiritualidade fortemente individualizada do budismo europeu e o perfil dos outros cristãos, nesta amostra, é compreensível que seja no domínio destas identidades que se encontre um rasto mais visível desta interpretação da secularização.

Quadro 53 As razões da condição de praticante, segundo as posições de pertença religiosa

P16. Por que razões é praticante? (% de casos)	Católico	Evangélico/Protestante	Ortodoxo	Testemunha de Jeová	Outra confissão cristã	Budista	Muçulmano	Outra religião não cristã
Educação e tradição familiar	80,5	31,5	74,7	10,8	0,0	0,0	80,2	41,9
Conforto espiritual	44,5	45,3	69,1	59,0	38,1	61,2	55,1	58,1
Melhoria das condições materiais de vida	4,0	6,7	0,0	7,7	21,7	0,0	19,4	0,0
Porque me converti	2,6	40,9	0,0	38,7	0,0	20,4	8,2	0,0
Cumprimento do dever para com Deus	33,3	37,9	30,8	49,9	38,1	0,0	63,0	41,9
Ser coerente com a minha consciência	47,9	33,4	30,8	23,8	46,6	100,0	31,6	33,8
Obtenção de saúde e proteção de Deus	22,6	28,3	0,0	10,8	0,0	0,0	17,6	41,9
Acontecimento importante vida pessoal	11,0	11,9	16,6	18,6	0,0	58,4	0,0	0,0
Obter a salvação eterna	18,9	43,7	0,0	31,5	37,0	21,2	26,3	24,4
Outro	2,2	4,6	0,0	0,0	38,0	0,0	0,0	33,8
NS/NR	0,2	0,0	0,0	18,0	0,0	0,0	11,6	0,0

O item «acontecimento importante vida pessoal» apenas conhece relevância entre os budistas (cf. Quadro 53). Apesar dos limites da amostra, no que a esta identidade diz respeito esta nota é coerente com o perfil de individualização que se desenha. A referência à importância de um «acontecimento pessoal» implica uma valorização de emergências orientadoras do curso de vida. Nas identidades marcadas pela preponderância das dimensões de filiação numa linhagem crente ou de vinculação comunitária encontramos uma menor atenção a esta dimensão biográfica. O item «obter a salvação eterna» tem uma grande distribuição, particularmente relevante nas «religiões de salvação». Nos dados apresentados, o contraste entre católicos e evangélicos/protestantes é provavelmente a nota mais saliente. Entre os evangélicos/protestantes, 43,7 % de casos; entre os católicos, menos de 19 %. Em termos gerais, a amostra católica evidencia, por um lado, uma identidade menos regulada sob o ponto de vista das suas crenças e, por outro, o rasto de alguma secularização interna, quadro em que as expectativas de uma salvação além da história conhecem alguma erosão.

Quadro 54 As razões da condição de não praticante, segundo as posições de pertença religiosa

P17. Por que razões não é praticante? (% de casos)	Católico	Evangélico/Protestante	Ortodoxo	Testemunha de Jeová	Budista	Outra religião não cristã
Falta de tempo	28,5	8,2	67,0	50,8	0,0	27,3
Mau exemplo dos praticantes	10,2	6,4	0,0	49,2	0,0	0,0
Falta de saúde ou de condições físicas para se deslocar à igreja ou ao templo	7,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Falta de lugar de culto na zona de residência	2,8	28,0	0,0	0,0	25,9	0,0
Acontecimento importante da vida pessoal	3,1	6,4	0,0	49,2	53,1	0,0
Não quer ir à igreja ou templo por causa do padre, pastor, ou responsável	8,1	15,6	0,0	0,0	0,0	0,0
Não vou à Igreja/comunidade mas procuro praticar o bem	28,3	23,4	100,0	0,0	25,9	0,0
Meio ambiente desfavorável à prática religiosa	2,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Tradição familiar e falta de educação religiosa	5,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Entende que pode ter a sua fé sem prática religiosa	38,7	54,9	0,0	49,2	46,9	0,0
Situação irregular face às normas da sua Igreja ou comunidade religiosa	5,7	0,0	0,0	49,2	0,0	0,0
Desleixo, descuido	19,6	22,8	33,0	0,0	0,0	0,0
Outra	8,7	14,6	0,0	0,0	0,0	72,7
NS/NR	2,8	8,9	0,0	0,0	0,0	0,0

As razões apresentadas para justificar a condição de não praticante, enquanto autotaxação, distribuem-se entre a ordem pragmática e casual (como a falta de tempo ou o desleixo pessoal) e a convicção acerca da possibilidade de que a identidade religiosa pode subsistir sem prática cultural regular (cf. Quadro 54). Entre os católicos, as atitudes

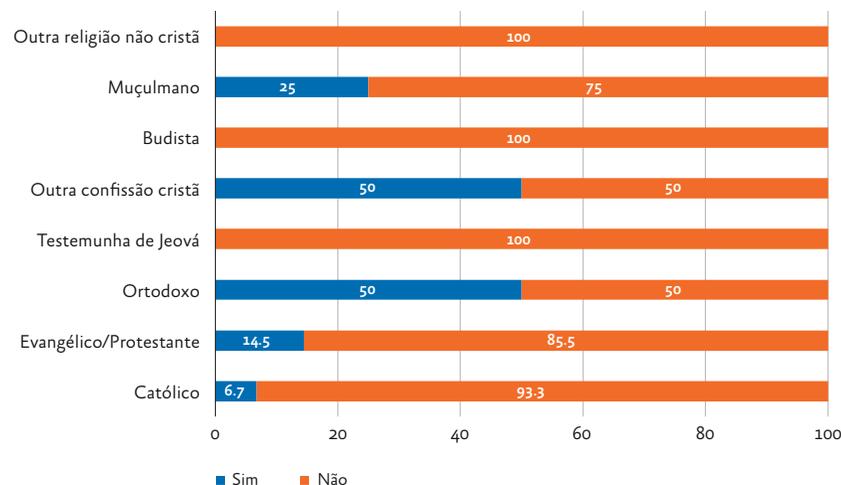
repartem-se, preponderantemente, por dois conjuntos de casos: a falta de tempo e o desleixo (relevante em grande parte da geografia cristã), por um lado; a convicção de que pode ter a sua fé sem ir à Igreja e de que fazer o bem é mais decisivo do que praticar o culto. A falta de local de culto é relevante no caso das minorias religiosas, como os budistas. Mas também no caso de uma geografia crente onde são mais frequentes os espaços de reunião, como é o caso dos evangélicos/protestantes. O item «mau exemplo dos praticantes» só é muito relevante no caso das Testemunhas de Jeová. Porque a sua organização é fortemente agregadora, a desfiliação ou o abandono da prática pode envolver uma experiência de conflito ou de decepção. O facto de se tratar da única identidade religiosa em que o item «situação irregular face às normas da sua Igreja ou comunidade religiosa» tem alguma relevância — observe-se que, no caso dos católicos, este item apresenta um valor residual, mesmo estando perante uma instituição com muitos instrumentos disciplinares, onde se reconhecem, com frequência, expressões de algum conflito em matéria de moral pessoal e de moral familiar. Os dados relativos às Testemunhas de Jeová e aos budistas dão conta de uma presença mais significativa de casos que valorizam um acontecimento importante na vida pessoal. Pode afirmar-se que se trata de histórias de vida em que a condição de não praticante parece estar mais ligada a acontecimentos e situações identificáveis contextualmente e menos a processos de erosão mais difusos.

As investigações conduzidas em contextos de grande densidade de acontecimentos religiosos dão conta de alguma circulação dos crentes em espaços comunitários religiosos que se podem considerar secundários. Este tipo de inclusivismo tem uma escassa representatividade nesta região (cf. Gráfico 20). Nos grupos em que o número

de respondentes é suficientemente consistente para que se possa ler este comportamento minoritário, as frequências são baixas. Nesse domínio destacam-se os evangélicos/protestantes. Em todo o caso, deve referir-se que, nesse contexto denominacional, a circulação pode acontecer entre Igrejas diferentes, mas próximas quanto ao domínio evangélico de referência.

Gráfico 20 Frequência de outros cultos por posições religiosas

P22. (Se é crente e tem uma religião) Para além da comunidade religiosa que frequenta regularmente, também costuma ir a cultos de outra confissão ou religião?



Quadro 55 Razões para a frequência de cultos de outra confissão ou religião⁴²

P23. Razões para ir a cultos de outra religião (% de casos)	Católico	Evangélico/Protestante	Ortodoxo	Testemunha de Jeová	Outra confissão cristã	Muçulmano
Para resolver problemas de saúde	2,3	0,0	0,0	0,0	0,0	2,3
Para resolver problemas de dinheiro	4,2	0,0	0,0	0,0	0,0	4,2
Para resolver problemas familiares	2,3	0,0	0,0	0,0	0,0	2,3
Para resolver problemas espirituais	2,3	16,2	0,0	0,0	0,0	2,3
Porque me sinto muito bem acolhido/a	37,1	9,3	41,5	48,5	0,0	37,1
Porque encontro paz interior	33,3	9,2	58,5	0,0	0,0	33,3
Para acompanhar familiares ou amigos	46,1	26,6	0,0	0,0	40,6	46,1
Outros	18,2	57,2	0,0	51,5	0,0	18,2
NS/NR	10,2	0,0	0,0	0,0	59,4	10,2

Em todo o caso, a circulação entre comunidades confessionais distintas é um fenómeno raro, mesmo num contexto social de pronunciada individualização. No conjunto dos que frequentam outros cultos, destacam-se as razões que se prendem com a necessidade de acompanhar algum familiar ou amigo (cf. Quadro 55). Outros repartem-se pela valorização da experiência de acolhimento ou de paz interior. Ou seja, este tipo de comportamento, num escasso número de respondentes, explica-se pelas solidariedades familiares e amicais e, em menor número de casos, pela experiência de si que esses contextos facilitam.

Frequência de lugares de culto

O espaço quotidiano da população crente é, em alguns casos, definido também pelos lugares de culto que, à semelhança de outras tarefas diárias ou semanais como trabalhar, estudar ou fazer compras, definem a primeira esfera de integração da população no seu lugar de residência, na sua cidade ou na sua comunidade local. É a partir destes lugares que se organizam ou definem os seus hábitos diários, o seu conhecimento do território, os seus laços comunitários, em suma, as suas sociabilidades.

No contexto da população crente observante de uma religião (64,1 % da população da AML), verifica-se que os membros das Testemunhas de Jeová são os mais fidelizados com um lugar de culto, não alargando nem diversificando os lugares onde praticam a sua fé. Ou seja, 96,1 % da população integrada nesta posição religiosa frequenta sempre, ou quase sempre, o mesmo lugar de culto. A população, na sua prática religiosa, tem apenas um movimento, uma direção e, de forma consequente, está inserida apenas numa única comunidade. Também os crentes evangélicos ou outros protestantes registam comportamento semelhante, uma vez que 77,4 % dos inquiridos frequentam sempre ou quase sempre o mesmo lugar de culto (cf. Quadro 56).

Distingue-se neste contexto a população budista e ortodoxa que frequenta diferentes lugares de culto na AML e, por isso mesmo, evidencia um maior desprendimento relativamente a esses mesmos lugares. Porventura esta mobilidade permite e potencia uma relação menos centralizada e direcionada com os lugares de culto, não sendo despiendo o facto de se tratar de um grupo totalmente composto por população estrangeira e que se encontra há menos anos no seu atual local

de residência; por estas razões, há uma mobilidade intrínseca nos seus laços interpessoais que caracteriza a sua forma de estar na sociedade.

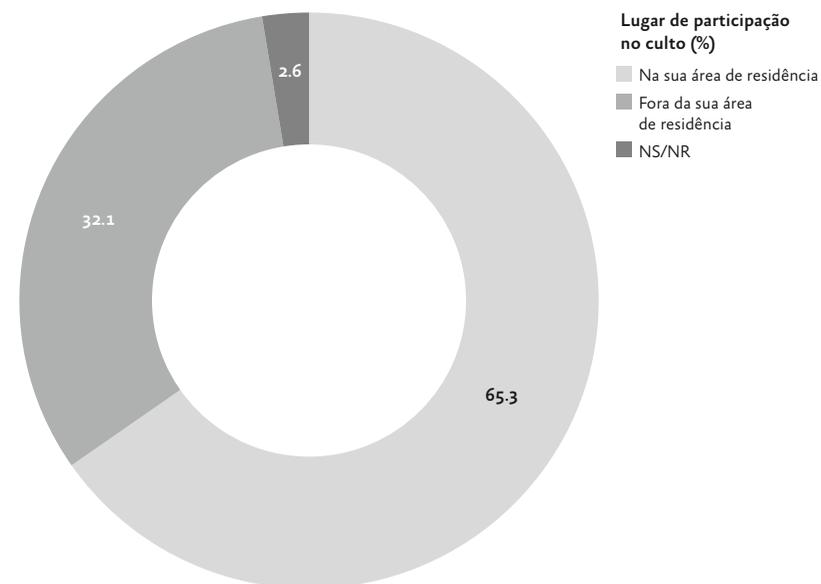
Importa observar, também, a existência de posições religiosas com uma percentagem elevada de crentes que não frequentam lugares de culto — aí se incluem os budistas (42,8 %). Possivelmente estamos perante grupos para os quais não existem lugares de culto associados ou institucionalizados ou, também, perante grupos que têm um menor conhecimento do território da AML, desconhecendo a existência de lugares de culto relativos às suas comunidades de pertença religiosa. Noutros casos, a prática religiosa está associada a uma esfera mais íntima e fechada, podendo ser o espaço doméstico o lugar privilegiado para o efeito.

Quadro 56 Lugares de participação no culto⁴³

P18. Quando vai ao culto, frequenta sempre ou quase sempre o mesmo lugar, ou diferentes lugares?	Sempre ou quase sempre o mesmo lugar	Em lugares diferentes	Não vou ao culto	NS/NR
Católico	43,7	28,7	27,1	0,5
Evangélico/Protestante	77,4	16,2	6,4	0,0
Ortodoxo	29,2	38,7	32,1	0,0
Testemunha de Jeová	96,1	0,0	3,9	0,0
Outra confissão cristã	45,3	0,0	24,7	0,0
Budista	21,3	35,9	42,8	0,0
Muçulmano	63,6	20,8	15,6	0,0
Outra religião não cristã	48,8	28,9	22,2	0,0
NS/NR	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	47,3	27,0	25,3	0,4

Acresce a estas observações o facto de 65,3 % da população crente, pertencente a uma religião, frequentar os lugares de culto que estão localizados dentro da sua área de residência e apenas 32,1 % frequentar lugares de culto que se encontram fora do perímetro residencial (cf. Gráfico 21). Nestas circunstâncias, a população despende pouco tempo na deslocação, os fluxos são direccionados e menos distendidos no espaço. A mobilidade é menor do que aquela que seria necessária para chegar a outros lugares fora da sua área de residência, existindo portanto um menor contacto com o território, com diferentes lugares e uma menor percepção das diferentes paisagens que compõem a AML. Daqui se depreende que o efeito «localização» tem uma importância acrescida quando se analisam as vivências religiosas da população. A integração num determinado território, neste caso na freguesia de residência, é importante não apenas para estabelecer laços de vizinhança e de familiaridade com quem reside de forma próxima, mas também para a integração numa comunidade de pertença com características acrescidas e que se associam à própria identidade religiosa da população.

Gráfico 21 Lugar de participação no culto, a partir da área de residência⁴⁴



Quadro 57 População crente e com religião, por lugar de participação no culto, a partir da área de residência

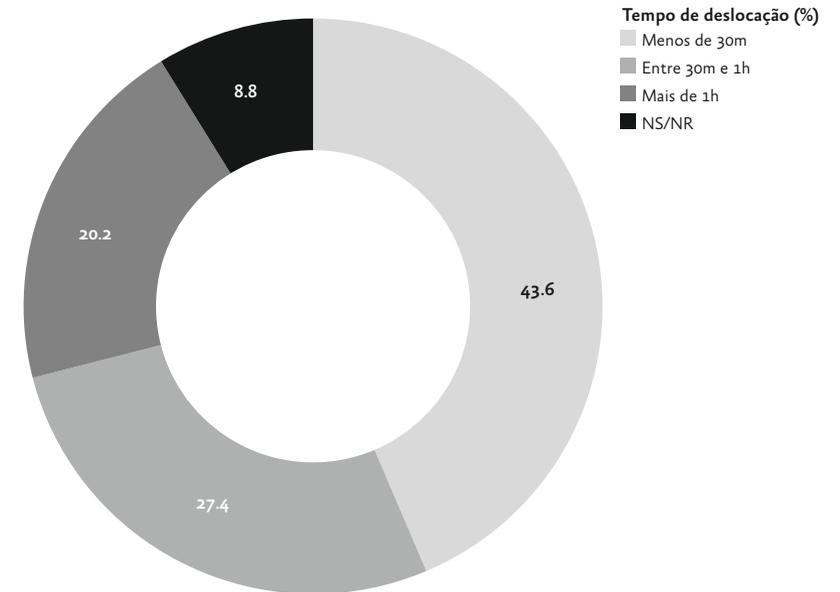
P19. O lugar (ou lugares) onde vai mais frequentemente ao culto é?	Na sua área de residência	Fora da sua área de residência	NS/NR
Católico	69,1	28,0	2,9
Evangélico/Protestante	41,2	58,8	0,0
Ortodoxo	13,7	86,3	0,0
Testemunha de Jeová	93,7	6,3	0,0
Outra confissão cristã	31,1	28,9	0,0
Budista	0,0	100,0	0,0
Muçulmano	46,3	53,7	0,0

P19. O lugar (ou lugares) onde vai mais frequentemente ao culto é?	Na sua área de residência	Fora da sua área de residência	NS/NR
Outra religião não cristã	41,6	39,2	19,2
NS/NR	0,0	0,0	0,0
Total	65,3	32,1	2,6

A relação mais direta e linear entre os lugares de culto e a área de residência está associada aos membros das Testemunhas de Jeová, uma vez que 93,7 % da população integrada neste grupo frequenta os lugares de culto que estão localizados na freguesia onde reside atualmente (cf. Quadro 57). Outro grupo onde esta situação se verifica é a população católica (71,2 %), o que é concordante com a própria história e geografia paroquial católica. No universo cristão, os evangélicos/protestantes distinguem-se da população católica por apresentarem frequências mais elevadas de práticas culturais fora da residência (58,8 %). A totalidade da população budista frequenta lugares de culto fora da sua área de residência e 86,3 % da população ortodoxa também tem o mesmo comportamento. Uma eventual explicação para este facto é a existência de um menor número de lugares de culto quando comparados com outras posições religiosas, implicando que a população efetue deslocamentos para os poder frequentar.

No caso da população que se desloca a lugares de culto fora da sua área de residência, verifica-se que 43,6 % demora menos de 30 minutos, 27,4 % entre 30 minutos e uma hora e 20,2 % mais de uma hora (cf. Gráfico 22).

Gráfico 22 Tempo de deslocação para os lugares de culto localizados fora da área de residência⁴⁵



No caso da população muçulmana, por exemplo, 26,4 % demora mais de uma hora para se deslocar ao seu lugar de culto (cf. Quadro 59). Este valor é significativo, visto implicar ida e vinda, concluindo-se que há, de facto, uma mobilidade cultural associada a este grupo religioso.

A totalidade da população integrada no grupo das Testemunhas de Jeová que afirmou frequentar lugares de culto fora da sua área de residência apenas despense menos de 30 minutos na deslocação. Daqui também se percebe que os crentes deste grupo ou frequentam os lugares da sua área de residência, ou no caso de ultrapassarem este limite geográfico a sua deslocação demora pouco tempo. Existe

uma sobreposição entre o espaço de residência e o espaço de culto, misturando-se, no mesmo território, os percursos e os fluxos inerentes às diferentes atividades quotidianas. A população católica e os evangélicos/protestantes revelam também que os lugares de culto que frequentam estão localizados a menos de meia hora da sua residência.

Quadro 58 Duração média de deslocação ao lugar de culto fora da área de residência, segundo posição religiosa

P20. Quando se desloca para o culto, fora da sua área de residência, quanto tempo, em média, demora a lá chegar?

	Menos de 30m	Entre 30m e 1h	Mais de 1h	NS/NR
Católico	40,7	28,4	21,6	9,3
Evangélico/Protestante	59,1	23,5	14,5	2,9
Ortodoxo	33,9	19,8	18,3	27,9
Testemunha de Jeová	100,0	0,0	0,0	0,0
Outra confissão cristã	65,9	34,1	0,0	0,0
Budista	40,6	37,2	0,0	22,2
Muçulmano	37,6	0,0	26,4	0,0
Outra religião não cristã	0,0	67,1	0,0	32,9
NS/NR	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	43,6	27,4	20,2	8,8

Quadro 59 Principais razões que justificam a escolha do lugar de culto

P21. Quais as principais razões por que vai ao culto nesse(s) lugar(es)?

	% casos
Está mais perto da residência principal	56,3
Está mais perto da residência secundária, de fim de semana	5,2
Tem a localização mais compatível com as suas ocupações habituais	11,2
Tem o horário que lhe convém mais	13,1
Gosta mais do culto que aí se realiza	19,7
Gosta mais do padre, pastor ou outro ministro de culto	17,6
Encontra outras pessoas amigas ou de grupos de que faz parte	21,8
O templo ou sala tem boas condições	7,4
Porque acha que é aí que tem a obrigação de ir	3,0
Porque considera que essa é a sua comunidade	19,3
Porque estou habituado a frequentar esse lugar	20,1
Outra razão	7,7
NS/NR	2,9

Ainda relativamente à questão dos lugares de culto, conclui-se que a população crente e que tem uma religião indica que a escolha dos lugares de culto que frequenta está associada a razões de natureza geográfica, uma vez que a proximidade ao seu local de residência é a principal razão intrínseca à sua escolha e frequência (56,3 %). Também por motivos geográficos, embora em percentagem muito menos significativa, a população refere o facto de os lugares escolhidos terem uma localização mais compatível com as suas ocupações habituais (11,2 %) ou, ainda, que são «mais perto da residência secundária ou de fim de semana» (5,2 %) (cf. Quadro 59).

Quadro 60 Razões para a escolha do lugar de culto, segundo as posições de pertença religiosa

P21. Quais as principais razões por que vai ao culto nesse(s) lugar(es)?	Católico	Evangélico/Protestante	Ortodoxo	Testemunha de Jeová	Outra confissão cristã	Budista	Muçulmano	Outra religião não cristã	Total
Está mais perto da residência principal	60,0	28,6	25,0	78,6	0,0	40,0	42,9	25,0	56,3
Está mais perto da residência secundária, de fim de semana	6,1	1,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	5,2
Tem a localização mais compatível com as suas ocupações habituais	11,9	12,5	0,0	0,0	0,0	0,0	12,5	0,0	11,2
Tem o horário que lhe convém mais	14,4	7,3	0,0	0,0	0,0	40,0	0,0	0,0	13,1
Gosta mais do culto que aí se realiza	16,9	39,3	25,0	6,7	50,0	60,0	50,0	0,0	19,7
Gosta mais do padre, pastor ou outro ministro de culto	18,5	14,3	0,0	6,7	0,0	0,0	25,0	25,0	17,6
Encontra outras pessoas amigas ou de grupos de que faz parte	18,5	46,4	0,0	28,6	33,3	40,0	28,6	25,0	21,8
O templo ou sala tem boas condições	6,8	1,5	25,0	14,3	0,0	40,0	25,0	25,0	7,4
Porque acha que é aí que tem a obrigação de ir	2,1	5,4	0,0	6,7	0,0	40,0	12,5	25,0	3,0
Porque considera que essa é a sua comunidade	15,9	39,3	50,0	35,7	0,0	20,0	37,5	33,3	19,3
Porque estou habituado a frequentar esse lugar	18,4	32,1	50,0	26,7	0,0	20,0	25,0	25,0	20,1
Outra razão	7,6	5,5	0,0	0,0	66,7	0,0	12,5	25,0	7,7
NS/NR	3,0	1,8	25,0	0,0	0,0	0,0	0,0	25,0	2,9

As práticas de culto comunitário são, preponderantemente, práticas de proximidade, mesmo reconhecendo que segundo outras investigações em contexto de mobilidades facilitadas e integradas possam sofrer amplas remodelações quanto à sua inscrição no território (cf. Teixeira, 2005, pp. 261–307). A prioridade do princípio de proximidade é particularmente evidente nas identidades religiosas institucionalmente mais formalizadas, como é o caso da Igreja católica romana e das Testemunhas de Jeová (cf. Quadro 60). Os fatores de ordem eletiva, como «gosta mais do culto que aí se realiza», têm maior incidência entre budistas, muçulmanos e evangélicos/protestantes. De forma talvez inesperada, a percentagem de casos que sublinham a importância do padre ou pastor pronuncia-se mais entre os católicos do que entre evangélicos/protestantes — num contexto cultural mais dependente da «pregação», o «pregador» tem uma particular centralidade. As posições invertem-se no caso do valor dado à experiência convivial ou à identificação grupal — «encontra outras pessoas amigas ou de grupos de que faz parte». Esta é a ordem de razões mais sublinhada pelos evangélicos/protestantes, tornando evidente que as suas assembleias de culto se estruturam, de forma mais vincada, nas relações pessoais dos seus próprios membros. No caso dos evangélicos/protestantes, esse traço confirma-se no destaque dado ao item «porque considera que essa é a sua comunidade».

Lendo os dados com mais detalhe, verifica-se que os inquiridos integrados nas Testemunhas de Jeová (78,6 %), logo seguidos dos católicos (60,0 %), são o grupo de inquiridos para os quais a proximidade ao lugar de residência é uma razão determinante para a escolha dos lugares de culto. São grupos que manifestam uma dinâmica muito

própria, em que o sentido comunitário está associado a uma dinâmica de proximidade, neste caso do lugar de residência (cf. Quadro 60).

O segundo grupo de razões explicativas está associado não a questões geográficas, mas a questões de integração e de fidelidade a um grupo muito específico. Isto porque a população considerou que, ao frequentar os lugares de culto habituais, costuma encontrar outras pessoas amigas ou grupos dos quais faz parte (21,8 %), bem como considera que essa é a comunidade à qual pertence (19,3 %). Ao ser o espaço preferencial das manifestações de fé e das práticas religiosas mais convencionais, o lugar de culto possibilita o encontro e a partilha entre as pessoas e as comunidades e, neste sentido, contribui para o reforço dos laços afetivos e íntimos entre quem o frequenta, densificando o sentido de pertença e contribuindo para a apropriação simbólica dos lugares. Os evangélicos/protestantes apresentam-se como o grupo de inquiridos que mais justifica a sua opção de escolha dos lugares de culto a partir do sentido de integração e de pertença a uma comunidade. Para 46,4 % dos inquiridos evangélicos/protestantes, é nos lugares de culto que frequentam que encontram pessoas amigas ou de grupos de que fazem parte e 39,3 % consideram que essa é a sua comunidade.

O terceiro grupo de razões está também associado a questões muito subjetivas, íntimas e relacionadas com o gosto pessoal de cada inquirido. Isto significa que, no conjunto de respostas dadas, as razões «gosto mais do culto que aí se realiza» (19,7 %) e «gosto mais do padre, pastor ou outro ministro de culto» (17,6 %) acolheram, também, uma percentagem significativa de respostas. Em particular, a justificação «gosto mais do culto que aí se realiza» foi referida por 62,8 % dos inquiridos budistas, logo seguidos dos grupos das outras confissões cristãs e dos muçulmanos.

Outra análise complementar e importante para o presente estudo é que apenas uma pequena parte da população inquirida entende que frequentar os lugares de culto é uma obrigação (3,0 %). A crescente autonomia face às instituições religiosas, a par da liberdade crescente no que diz respeito às práticas religiosas, faz com que as questões religiosas sejam cada vez mais uma opção pessoal e não uma obrigação. No entanto, observa-se que, nesta amostra, são os budistas que se revelam o grupo que mais sublinha a frequência de um lugar de culto enquanto obrigação (37,2 %).

Capítulo 7

Caracterização sociográfica das identidades

Para este momento de análise incluem-se apenas os quadros de cruzamento das variáveis a analisar com a posição religiosa. Como estes quadros integram na última linha os totais por categoria da variável a analisar, torna-se desnecessário apresentar o quadro de frequências, para aligeirar a apresentação. As baixas frequências que caracterizam as posições religiosas inferiores ao limiar dos evangélicos/protestantes exigem que essas identidades sejam olhadas a partir de uma perspectiva mais aproximativa. O facto de se estar perante um número pouco significativo de respondentes implica alguma prudência quando se pretende uma caracterização sociográfica mais fina — o conjunto dos respondentes pode não garantir diversidade suficiente.⁴⁶

Os núcleos domésticos assentam mais em casais (mais de metade), os quais podem incluir filhos (cerca de um terço; cf. Quadro 61, pergunta de resposta múltipla). Nos grupos com um peso relativo maior, para núcleos de casais as percentagens são aproximadas, exceto para os ateus, em que a percentagem é a menor; para núcleos com filhos as percentagens variam dos evangélicos/protestantes, com percentagem maior, aos indiferentes, com percentagem menor. Nos grupos com um peso relativo menor, para os núcleos de casais, nas percentagens maiores destacam-se os ortodoxos, outras confissões cristãs e budistas; com percentagens menores destacam-se os muçulmanos; nos núcleos com filhos, com percentagens maiores destacam-se os budistas; com percentagens menores destacam-se os outros não cristãos. Nos núcleos com

pais destacam-se indiferentes e ateus; com irmãos, muçulmanos; com outros familiares, outros cristãos e muçulmanos, também ortodoxos e evangélicos/protestantes; a viver sozinhos, outros não cristãos.

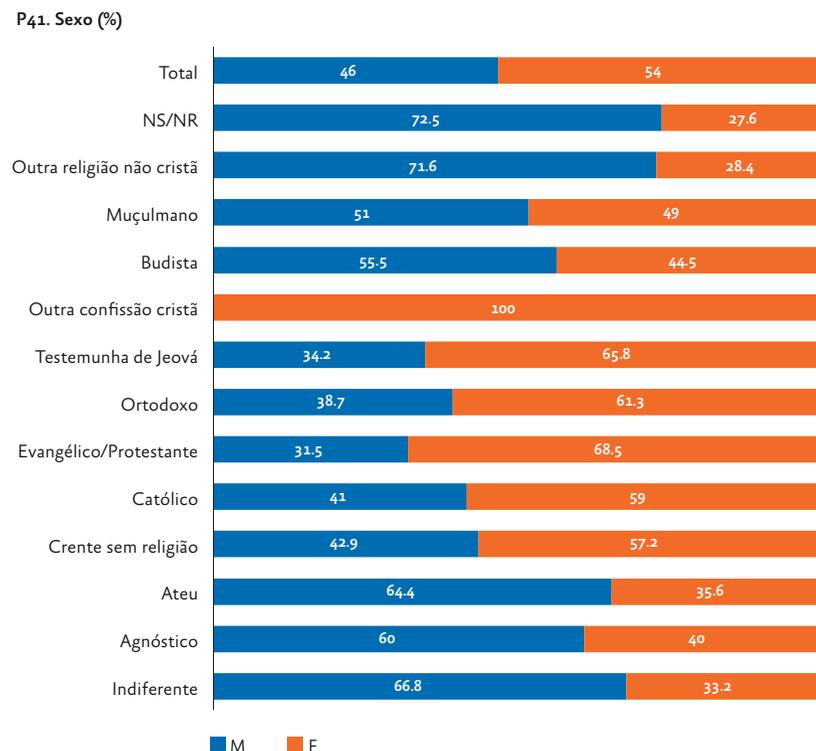
Quadro 61 Elementos do núcleo doméstico por posição religiosa

P40. Com quem está a viver atualmente? (%)	Pais	Irmãos	Cônjuge/companheiro	Filhos	Outros familiares	Outras pessoas	Sozinho	NS/NR
Indiferente	28,5	15,5	54,3	26,7	3,8	4,2	12,3	0,0
Agnóstico	17,5	13,2	59,0	38,7	1,6	3,8	12,1	1,8
Ateu	27,4	14,1	43,3	35,5	5,7	5,6	17,0	0,0
Crente sem religião	13,6	7,2	59,3	33,2	3,1	2,2	15,6	0,5
Católico	12,1	6,3	57,0	38,9	4,8	2,5	17,9	0,3
Evangélico/Protestante	5,7	6,2	60,9	43,9	17,8	6,7	11,2	0,0
Ortodoxo	9,3	0,0	90,7	39,0	23,7	0,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	11,9	11,9	71,5	52,2	0,0	0,0	5,0	0,0
Outra confissão cristã	0,0	0,0	90,0	35,4	35,0	0,0	10,0	0,0
Budista	0,0	0,0	88,2	76,8	0,0	0,0	0,0	0,0
Muçulmano	20,0	30,5	38,1	39,3	34,6	9,1	7,9	0,0
Outra religião não cristã	0,0	0,0	71,6	14,0	0,0	0,0	28,4	0,0
NS/NR	29,6	29,6	24,3	35,2	6,2	0,0	12,5	7,6
Total	14,7	8,5	56,5	37,7	5,4	3,1	16,0	0,4

A amostra é relativamente equilibrada, sendo ligeiramente mais feminina (cf. Gráfico 23). Nos grupos com um peso relativo maior, há mais homens entre os indiferentes, agnósticos, ateus, enquanto se encontram mais mulheres entre os evangélicos/protestantes. Nos grupos com um peso relativo menor, há mais homens nos outros não cristãos, mas mais mulheres nas Testemunhas de Jeová e nos ortodoxos; o grupo dos outros cristãos é, nesta amostra, totalmente preenchido por mulheres. Nos restantes, a mostra apresenta-se mais equilibrada. Nuns casos, ligeiramente mais masculino (budistas) noutros, ligeiramente mais feminino (crentes sem religião e católicos); nos muçulmanos verifica-se um grande equilíbrio.

Comparando os resultados da nossa amostra da AML com a amostra nacional de IRP (cf. Teixeira, 2013, p. 126), há algumas diferenças relevantes: os não crentes a nível nacional podem comparar-se aos indiferentes, agnósticos e ateus na AML, havendo semelhança no que se refere à maior presença masculina nos grupos; entre os crentes sem religião existem mais elementos femininos na AML e mais masculinos na amostra de Portugal continental; a distribuição dos católicos é bastante semelhante; os evangélicos/protestantes apresentavam distribuição equilibrada na amostra nacional, situando-se na AML o grupo mais feminino.

Gráfico 23 Distribuição por sexo e posição religiosa



A amostra é relativamente maior nos mais velhos e ligeiramente mais pequena nos mais novos, situando-se a mediana nos 45–54 anos (cf. Quadro 62). Nos grupos com um peso relativo maior, indiferentes, agnósticos e ateus são mais jovens (mediana nos 35–44 anos) do que crentes sem religião, católicos e evangélicos/protestantes (mediana nos 45–54 anos). Nos grupos com um peso relativo menor, os ortodoxos são o grupo com a mediana mais jovem (25–34 anos) (no geral também), distribuindo-se igualmente pelos 25–34 anos e 35–44 anos;

a mediana de outros cristãos e muçulmanos encontra-se nos 35–44 anos, enquanto para os Testemunhas de Jeová, budistas e outros não cristãos está nos 45–54 anos; os outros cristãos têm a maior percentagem de jovens, enquanto Testemunhas de Jeová e outros não cristãos têm as maiores percentagens de idosos (para além dos católicos); outros cristãos estão distribuídos só até aos 45–54 anos; budistas distribuem-se entre 25–34 e 55–64 anos.

Comparando os nossos resultados da AML com a amostra nacional de IRP (cf. Teixeira, 2013, pp. 125), denota-se claramente que as amostras de cada grupo são bastante mais jovens ao nível nacional do que na AML, bastando olhar para a junção dos grupos etários 15–24 anos com 25–34 anos: não crentes (66 %), sendo indiferentes (43 %), agnósticos (33 %) e ateus (40 %); crentes sem religião (IRP 52 %; AML 29 %); católicos (IRP 29 %; AML 18 %); evangélicos/protestantes (IRP 63 %; AML 25 %).

Quadro 62 Classes etárias por posição religiosa

P42. Classes etárias (%)	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	>64	Mediana
Indiferente	21,6	21,5	16,9	10,6	12,9	16,5	35-44
Agnóstico	18,1	14,5	23,1	11,4	17,4	15,6	35-44
Ateu	20,9	18,9	23,8	16,9	5,6	13,9	35-44
Crente sem religião	12,4	16,5	17,9	17,9	12,4	22,9	45-54
Católico	8,7	9,2	16,2	16,9	16,7	32,4	45-54
Evangélico/Protestante	6,5	18,3	19,4	21,3	18,2	16,3	45-54
Ortodoxo	0,0	50,8	49,2	0,0	0,0	0,0	25-34
Testemunha de Jeová	11,9	16,7	18,5	11,7	10,3	30,9	45-54
Outra confissão cristã	35,0	10,0	24,8	30,3	0,0	0,0	35-54
Budista	0,0	0,0	20,6	44,3	35,1	0,0	45-54

P42. Classes etárias (%)	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	>64	Mediana
Muçulmano	12,6	16,5	29,6	17,6	7,0	16,7	35-54
Outra religião não cristã	0,0	34,4	0,0	16,5	0,0	49,1	45-54
NS/NR	36,9	12,5	19,7	8,3	13,9	8,8	35-44
Total	11,9	13,0	18,2	16,6	14,7	25,7	45-54

A amostra é maior no secundário e na licenciatura, correspondendo a mediana ao primeiro (cf. Quadros 63, 64). Nos grupos com um peso relativo maior, agnósticos e ateus são mais instruídos (mediana no curso médio) do que indiferentes, crentes sem religião, católicos e evangélicos/protestantes (mediana no secundário). Nos grupos com um peso relativo menor, os ortodoxos e os outros cristãos são os mais instruídos (mediana na licenciatura), tendo os restantes grupos a mediana no secundário. As percentagens maiores no mestrado e doutoramento encontram-se nos outros cristãos e ateus (para além de crentes sem religião e agnósticos), enquanto as maiores percentagens de licenciados se pronunciam nos outros cristãos, ortodoxos e agnósticos. Quase metade dos evangélicos/protestantes têm o secundário, cerca de metade dos ortodoxos licenciatura e mais de metade dos budistas também o secundário.

Comparando os nossos resultados da AML com a amostra nacional de IRP (cf. Teixeira, 2013, p. 128), denota-se claramente que as amostras de cada grupo são bastante menos escolarizadas em Portugal do que na AML, bastando olhar para a junção dos grupos com grau de instrução de licenciatura e mestrado/doutoramento: não crentes (29 %), sendo indiferentes (24 %), agnósticos (48 %) e ateus (43 %); crentes sem religião (IRP 16 %; AML 32 %); católicos (IRP 11 %; AML 30 %); evangélicos/protestantes (IRP 8 %; AML 18 %).

Quadro 63 Grau de instrução por posição religiosa (percentagens)

P43.1 Grau de instrução (%)	Nunca	1.º ciclo EB	2.º ciclo EB	3.º ciclo EB	Secun.	Méd/ Frq. ES	Licenc.	Mest./ Dout.	NS/NR
Indiferente	3,7	5,0	1,1	25,5	33,1	7,4	18,8	5,5	0,0
Agnóstico	0,0	1,5	1,6	5,7	31,9	11,7	38,2	9,4	0,0
Ateu	0,0	2,5	0,0	20,5	25,6	8,8	28,9	13,7	0,0
Crente sem religião	2,5	0,0	7,5	12,7	28,7	8,0	21,9	9,9	0,0
Católico	3,1	21,5	5,5	14,3	23,3	7,1	20,4	4,7	0,1
Evangélico/Protestante	3,6	10,7	3,2	16,7	43,8	3,4	14,6	3,8	0,0
Ortodoxo	0,0	0,0	0,0	37,3	10,7	0,0	52,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	5,0	9,0	0,0	9,5	36,2	11,9	28,4	0,0	0,0
Outra confissão cristã	0,0	0,0	0,0	0,0	14,1	0,0	65,3	20,6	0,0
Budista	0,0	0,0	0,0	12,2	54,9	8,4	24,5	0,0	0,0
Muçulmano	0,0	26,3	0,0	12,6	26,1	7,9	17,3	9,7	0,0
Outra religião não cristã	22,2	11,9	0,0	0,0	36,9	14,0	14,9	0,0	0,0
NS/NR	0,0	0,0	8,3	24,3	35,2	19,7	4,9	0,0	7,6
Total	2,6	14,5	4,4	14,8	26,8	7,7	22,6	6,5	0,2

Quadro 64 Grau de instrução por posição religiosa (mediana)

P43.1 Grau de instrução	Mediana
Indiferente	Sec.
Agnóstico	Méd.
Ateu	Méd.
Crente sem religião	Sec.
Católico	Sec.
Evangélico/Protestante	Sec.
Ortodoxo	Lic.
Testemunha de Jeová	Sec.
Outra confissão cristã	Lic.
Budista	Sec.
Muçulmano	Sec.
Outra religião não cristã	Sec.
NS/NR	Sec.
Total	Sec.

A amostra é maior no 1.º ciclo, onde se encontra a mediana, o que demonstra uma escolaridade menor evidente dos pais em relação aos filhos (cf. Quadros 65, 66). Nos grupos com um peso relativo maior, os pais dos católicos são os menos instruídos (mediana no 1.º ciclo), enquanto os dos indiferentes, agnósticos, ateus e crentes sem religião são mais instruídos (mediana no 3.º ciclo) e situando-se os dos evangélicos/protestantes no meio (mediana no 2.º ciclo). Nos grupos com um peso relativo menor, os pais dos budistas apresentam a escolaridade maior (mediana no curso médio), enquanto os das Testemunhas de Jeová e outros não cristãos têm a menor (mediana no 1.º ciclo); os pais dos ortodoxos e outros cristãos têm mediana no 3.º ciclo e dos muçulmanos situa-se no 2.º ciclo. Quase metade dos pais dos católicos,

Testemunhas de Jeová e muçulmanos têm o 1.º ciclo; mais de metade dos pais dos ortodoxos têm o 3.º ciclo; as percentagens maiores na licenciatura encontram-se nos budistas e outros cristãos, enquanto as maiores percentagens de mestrado e doutoramento se situam nos outros cristãos também; as respostas NS/NR encontram-se mais nos evangélicos/protestantes, nos grupos com um peso relativo maior; nos budistas, nos grupos com um peso relativo menor.

Quadro 65 Grau de instrução do pai por posição religiosa (percentagem)

P43.2 Grau de instrução do pai (%)	Nunca	1.º ciclo EB	2.º ciclo EB	3.º ciclo EB	Secun.	Méd./Frq. ES	Licenc.	Mest./Dout.	NS/NR
Indiferente	10,4	30,2	5,1	10,6	18,7	2,5	12,9	1,0	8,6
Agnóstico	6,0	34,6	8,4	8,1	15,7	9,4	14,0	2,0	1,8
Ateu	4,4	32,3	10,1	10,6	19,5	2,1	13,7	6,1	1,3
Crente sem religião	11,2	34,1	3,4	8,4	18,2	2,1	11,2	3,5	8,0
Católico	14,6	42,8	5,0	6,8	8,5	3,5	6,1	1,3	11,3
Evangélico/Protestante	7,7	34,4	9,2	2,3	16,5	4,3	4,7	3,3	17,7
Ortodoxo	0,0	9,3	11,6	54,3	24,8	0,0	0,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	17,1	44,0	0,0	0,0	32,9	0,0	0,0	0,0	6,0
Outra confissão cristã	0,0	33,7	0,0	35,0	0	0,0	20,7	10,6	0,0
Budista	12,2	31,6	0,0	0,0	0	8,4	24,5	0,0	23,3
Muçulmano	7,0	42,0	11,6	0,0	31,5	0,0	0,0	0,0	7,9
Outra religião não cristã	34,2	16,5	0,0	20,4	14,9	14,0	0,0	0,0	0,0
NS/NR	0,0	17,1	19,7	0,0	6,2	12,5	0,0	0,0	44,5
Total	11,7	38,4	5,8	7,6	12,8	3,6	8,3	2,2	9,6

Quadro 66 Grau de instrução do pai por posição religiosa (mediana)

P43.2 Grau de instrução do pai	Mediana
Indiferente	3.º
Agnóstico	3.º
Ateu	3.º
Crente sem religião	3.º
Católico	1.º
Evangélico/Protestante	2.º
Ortodoxo	3.º
Testemunha de Jeová	1.º
Outra confissão cristã	3.º
Budista	Méd.
Muçulmano	2.º
Outra religião não cristã	1.º
NS/NR	Méd.
Total	1.º

A amostra é maior no 1.º ciclo, onde se encontra a mediana, o que demonstra a escolaridade menor evidente das mães em relação aos filhos (cf. Quadros 69, 70). Nos grupos com um peso relativo maior, as mães dos católicos e crentes sem religião são as menos instruídas (mediana no 1.º ciclo), as dos indiferentes, agnósticos e ateus são mais instruídas (mediana no 2.º ciclo, inferior à dos pais) e as dos evangélicos/protestantes são as mais instruídas, situando-se a mediana no secundário, superior à dos pais (maior no geral com ortodoxos). Nos grupos com um peso relativo menor, as mães dos ortodoxos têm a escolaridade maior (mediana no secundário), acima dos pais, seguidas dos outros cristãos (mediana no 3.º ciclo), enquanto as das Testemunhas de Jeová, budistas, muçulmanos e outros não cristãos têm

a menor (mediana no 1.º ciclo, inferior à dos pais nos budistas). Quase metade das mães dos muçulmanos nunca estudaram, nos católicos têm o 1.º ciclo, e nos outros cristãos e outros não cristãos o 3.º ciclo; as percentagens maiores na licenciatura encontram-se nos ortodoxos, enquanto no mestrado e doutoramento se situam nas Testemunhas de Jeová e nos outros cristãos; as respostas NS/NR encontram-se mais nos evangélicos/protestantes, nos grupos com um peso relativo maior, nos muçulmanos, nos grupos com um peso relativo menor.

Quadro 67 Grau de instrução da mãe por posição religiosa (percentagem)

P43.2 Grau de instrução da mãe (%)	Nunca	1.º ciclo EB	2.º ciclo EB	3.º ciclo EB	Secun.	Méd./Frq. ES	Licenc.	Mest./Dout.	NS/NR
Indiferente	14,4	32,7	6,6	4,6	17,1	2,5	17,7	2,2	2,3
Agnóstico	7,2	36,0	8,7	6,7	11,5	4,0	17,5	7,8	0,6
Ateu	5,1	42,3	6,1	4,8	23,2	1,9	12,2	2,9	1,6
Crente sem religião	16,6	36,2	6,2	6,1	15,6	4,6	10,2	0,5	4,0
Católico	21,0	43,7	4,5	6,8	9,1	3,3	3,6	1,7	6,4
Evangélico/Protestante	13,2	22,5	4,9	7,4	18,1	3,5	5,8	3,8	20,9
Ortodoxo	0,0	9,3	0,0	22,4	24,8	0,0	43,6	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	38,8	27,5	5,1	0,0	0,0	11,9	0,0	16,7	0,0
Outra confissão cristã	0,0	19,6	0,0	49,1	0,0	0,0	20,7	10,6	0,0
Budista	35,5	31,6	0,0	12,7	0,0	8,4	11,8	0,0	0,0
Muçulmano	40,9	24,1	0,0	0,0	17,3	0,0	0,0	0,0	17,7
Outra religião não cristã	34,2	16,5	0,0	49,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
NS/NR	8,8	22,1	0,0	41,1	0,0	4,9	15,5	0,0	7,6
Total	17,4	39,4	5,1	7,1	12,2	3,4	7,5	2,4	5,6

Quadro 68 Grau de instrução da mãe por posição religiosa (mediana)

P43.2 Grau de instrução da mãe	Mediana
Indiferente	2.º
Agnóstico	2.º
Ateu	2.º
Crente sem religião	1.º
Católico	1.º
Evangélico/Protestante	Sec.
Ortodoxo	Sec.
Testemunha de Jeová	1.º
Outra confissão cristã	3.º
Budista	1.º
Muçulmano	1.º
Outra religião não cristã	1.º
NS/NR	3.º
Total	1.º

Os trabalhadores e os reformados constituem os principais destaques nesta amostra (cf. Quadro 69). Nos grupos com um peso relativo maior, nos trabalhadores distinguem-se católicos e indiferentes, por percentagens menores; nos reformados as percentagens variam entre os católicos, com percentagem maior, e os ateus, com percentagem menor. Nos grupos com um peso relativo menor, distinguem-se por percentagens maiores budistas e ortodoxos, nos trabalhadores, e outros não cristãos, no caso dos reformados (maiores no geral em ambos). Distinguem-se ainda os estudantes, evangélicos/protestantes e católicos, com percentagens menores nos grupos com um peso relativo maior; com percentagens maiores, nos estudantes trabalhadores, outros cristãos

(e também ortodoxos); nos desempregados, muçulmanos e budistas (e também Testemunhas de Jeová); nas domésticas, muçulmanas.

Para os respondentes que estudam, a amostra distingue-se sobretudo no ensino superior e no ensino secundário (cf. Quadro 70). Nos grupos com maior dimensão, no ensino superior, as percentagens variam dos agnósticos, com percentagem maior, aos evangélicos/protestantes, com percentagem menor; no ensino secundário, as percentagens variam dos evangélicos/protestantes, com percentagem maior, aos agnósticos, com percentagem menor. Nos grupos com menor dimensão, no ensino superior, distinguem-se ortodoxos, Testemunhas de Jeová e outros cristãos, com percentagem maior; o ensino secundário não apresenta ninguém; nos budistas, muçulmanos e outros cristãos não se encontra ninguém a estudar. Indiferentes, crentes sem religião e católicos têm percentagens no ensino superior à volta de 50 %; há ainda alguns crentes sem religião no ensino básico.

Quadro 69 Ocupação por posição religiosa

P44. Ocupação (%)	Só estuda	Estuda e trabalha	Trabalha	Desempregado	Reformado	Incapacitado	Doméstica	NS/NR
Indiferente	16,1	7,7	52,2	5,5	15,8	1,6	1,1	0,0
Agnóstico	15,7	4,9	58,3	1,9	19,3	0,0	0,0	0,0
Ateu	13,4	7,1	63,5	4,9	11,2	0,0	0,0	0,0
Crente sem religião	8,3	2,2	57,3	3,4	25,9	0,0	2,9	0,0
Católico	4,9	2,8	48,4	5,2	33,6	1,0	3,6	0,6
Evangélico/Protestante	1,6	0,0	62,2	10,4	18,9	0,0	4,7	2,2
Ortodoxo	0,0	23,7	76,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	11,9	0,0	41,9	15,3	24,9	6,0	0,0	0,0
Outra confissão cristã	0,0	45,0	44,3	0,0	0,0	0,0	10,7	0,0
Budista	0,0	0,0	76,8	23,3	0,0	0,0	0,0	0,0
Muçulmano	0,0	0,0	51,0	23,7	0,0	0,0	25,3	0,0
Outra religião não cristã	0,0	0,0	50,9	0,0	49,1	0,0	0,0	0,0
NS/NR	0,0	21,4	63,6	0,0	15,0	0,0	0,0	0,0
Total	7,2	3,8	53,1	5,2	26,7	0,7	2,9	0,4

Quadro 70 Nível de ensino que frequenta, por posição religiosa

P45. Nível de ensino que frequenta (%)	Ens. básico	Ens. secund.	Ens. téc. prof.	Ens. superior
Indiferente	0,0	30,7	12,0	57,4
Agnóstico	0,0	6,8	7,5	85,7
Ateu	0,0	50,6	13,4	36,0
Crente sem religião	16,4	27,1	10,9	45,7
Católico	4,2	33,5	6,7	55,7
Evangélico/Protestante	0,0	100,0	0,0	0,0
Ortodoxo	0,0	0,0	0,0	100,0
Testemunha de Jeová	0,0	0,0	0,0	100,0
Outra confissão cristã	0,0	0,0	0,0	100,0
Budista	0,0	0,0	0,0	0,0
Muçulmano	0,0	0,0	0,0	0,0
Outra religião não cristã	0,0	0,0	0,0	0,0
NS/NR	0,0	0,0	100,0	0,0
Total	3,7	30,5	10,5	55,3

A profissão com maior percentagem está nos especialistas das atividades intelectuais e científicas (cf. Quadros 71, 72). Nos grupos com um peso relativo maior, entre os especialistas as percentagens variam dos ateus, com percentagem maior, aos evangélicos/protestantes, com percentagem menor. Nos grupos com um peso relativo menor, entre os especialistas destacam-se budistas, com percentagens maiores. Esta profissão apresenta-se como a categoria mais frequente (moda amostral) em todos os grupos, exceto nos evangélicos/protestantes, ortodoxos, outros cristãos e outros não cristãos (trabalhadores dos serviços) e nos muçulmanos (trabalhadores não qualificados); nas Testemunhas de Jeová esta categoria encontra-se depois da categoria «não responde»; nos budistas esta profissão está a par de técnicos e de

trabalhadores dos serviços. Com percentagens maiores, no grupo dos RPLOE, destacam-se outros cristãos; nos especialistas, ateus, agnósticos e budistas; nos técnicos, budistas e agnósticos; nos trabalhadores de serviços, outros não cristãos, ortodoxos, outros cristãos e budistas; nos trabalhadores qualificados, ortodoxos, outros cristãos e indiferentes; nos operários, ortodoxos e muçulmanos; nos trabalhadores não qualificados, muçulmanos (evangélicos/protestantes e também católicos, nos grupos com um peso relativo maior); entre os que não respondem, as Testemunhas de Jeová são preponderantes.

Comparando os nossos resultados da AML com a amostra nacional de IRP (cf. Teixeira, 2013, p. 129), apresentam-se algumas diferenças (pelo menos 10 % ou muito próximo): os especialistas estão mais representados nos ateus (46 %) do que nos não crentes (30 %), os técnicos estão mais representados nos agnósticos (28 %) do que nos não crentes (9 %), os trabalhadores qualificados estão menos representados nos ateus (0 %) e agnósticos (5 %) do que nos não crentes (17 %); nos crentes sem religião da AML há mais especialistas (Portugal: 11 %; AML: 22 %) e técnicos (Portugal: 4 %; AML: 13 %) e menos trabalhadores de serviços (Portugal: 28 %; AML: 17 %); nos católicos da AML há mais especialistas (Portugal: 9 %; AML: 20 %) e menos técnicos qualificados (Portugal: 29 %; AML: 11 %); nos evangélicos/protestantes não há diferenças relevantes a assinalar.

Quadro 71 Profissão por posição religiosa (A)⁴⁷

P46. Profissão (%)	RPLOE	EAIC	TPNI	PA	TSPPSV
Indiferente	1,4	27,4	12,0	14,5	13,0
Agnóstico	6,5	36,6	27,5	9,0	10,4
Ateu	4,7	46,1	14,4	6,8	11,8
Crente sem religião	6,5	21,7	13,4	12,8	16,9
Católico	6,6	19,7	13,3	10,2	15,1
Evangélico/Protestante	3,0	14,8	6,4	15,3	20,7
Ortodoxo	0,0	0,0	0,0	0,0	43,6
Testemunha de Jeová	8,0	19,0	0,0	13,9	4,0
Outra confissão cristã	23,1	0,0	0,0	15,8	39,2
Budista	0,0	32,9	33,5	0,0	33,6
Muçulmano	13,0	0,0	12,2	0,0	9,4
Outra religião não cristã	0,0	14,9	0,0	0,0	50,9
NS/NR	0,0	24,6	13,9	0,0	8,8
Total	5,9	23,5	13,7	10,3	15,2

Quadro 72 Profissão por posição religiosa (B)

P46. Profissão (%)	ATQAPF	TQICA	OIMTM	TNQ	PFA	NR
Indiferente	0,0	18,0	6,4	2,9	0,0	4,5
Agnóstico	0,0	0,0	0,0	3,6	2,9	3,6
Ateu	1,1	4,8	2,5	2,0	1,4	4,6
Crente sem religião	2,3	11,6	2,3	7,7	1,9	2,9
Católico	1,6	10,7	3,8	14,7	1,6	2,8
Evangélico/Protestante	2,3	10,0	8,1	17,4	0,0	2,1
Ortodoxo	0,0	22,4	16,4	9,3	0,0	8,4
Testemunha de Jeová	0,0	11,3	0,0	9,3	4,9	29,7
Outra confissão cristã	0,0	0,0	0,0	22,0	0,0	0,0

P46. Profissão (%)	ATQAPF	TQICA	OIMTM	TNQ	PFA	NR
Budista	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Muçulmano	0,0	0,0	15,6	49,8	0,0	0,0
Outra religião não cristã	0,0	22,2	0,0	11,9	0,0	0,0
NS/NR	0,0	0,0	15,5	21,4	0,0	15,9
Total	1,4	9,7	3,7	11,5	1,5	3,5

O estado civil mais comum é o casado religiosamente (28,2 %) e o solteiro (25,9 %), que perfazem mais de metade (cf. Quadro 73). Nos grupos com um peso relativo maior, entre os casados religiosamente as percentagens variam dos católicos, com percentagem maior, aos ateus, com percentagem menor (menor no geral); entre os solteiros as percentagens variam dos ateus, com percentagem maior (no geral), aos evangélicos/protestantes, com percentagem menor. Nos grupos com um peso relativo menor, entre os casados religiosamente destacam-se os ortodoxos, com percentagem maior (no geral), os outros cristãos, com percentagens menores; entre os solteiros destacam-se os muçulmanos, com percentagem maior. Casados civilmente são mais as Testemunhas de Jeová e outros cristãos; uniões de facto encontram-se sobretudo nos ortodoxos e outros cristãos (menos os católicos, nos grupos com um peso relativo maior); separados são mais os budistas e muçulmanos; divorciados os outros não cristãos, nos grupos com um peso relativo menor, variando dos indiferentes, com percentagem menor, aos evangélicos/protestantes, com percentagem maior; nos grupos com um peso relativo maior, viúvos nas Testemunhas de Jeová e outros não cristãos.

Quadro 73 Estado civil, por posição religiosa

P47. Estado civil (%)	Solteiro	Cas. rel.	Cas. civ.	Un. facto	Separ.	Divorc.	Viúvo	NS/NR
Indiferente	40,7	19,8	13,0	17,8	0,0	6,0	2,6	0,0
Agnóstico	28,4	15,8	21,2	18,6	0,9	10,0	5,2	0,0
Ateu	48,5	9,9	13,7	14,7	0,6	8,8	3,9	0,0
Crente sem religião	25,1	17,2	23,8	11,4	2,6	11,4	8,5	0,0
Católico	22,0	36,4	13,4	6,3	1,0	9,6	10,8	0,5
Evangélico/Protestante	15,5	25,9	20,2	15,5	2,9	17,0	3,0	0,0
Ortodoxo	0,0	60,0	0,0	40,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	11,9	30,1	41,4	0,0	0,0	0,0	16,7	0,0
Outra confissão cristã	10,0	14,1	40,9	35,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Budista	0,0	33,1	23,1	20,6	23,3	0,0	0,0	0,0
Muçulmano	45,3	38,1	0,0	0,0	16,7	0,0	0,0	0,0
Outra religião não cristã	0,0	35,4	14,0	22,2	0,0	16,5	11,9	0,0
NS/NR	33,9	17,1	0,0	15,5	0,0	25,9	0,0	7,6
Total	25,9	28,2	15,9	10,2	1,5	9,8	8,3	0,4

A classe social mais comum é a média, seguida da média-baixa (cf. Quadro 74). Em todos os grupos a mediana encontra-se na classe média, exceto nas Testemunhas de Jeová, que se encontra na classe média-baixa. Nos grupos com um peso demográfico maior, a classe média está distribuída à volta de 50 %, sendo mais preponderante nos ateus e agnósticos e menos nos crentes sem religião; a classe média-baixa encontra-se à volta de 25 %, sobretudo nos crentes sem religião e indiferentes; a classe baixa encontra-se menos nos agnósticos e ateus, a classe média-alta distribui-se dos indiferentes, com percentagem menor, aos agnósticos, com percentagem maior. Nos grupos com um peso demográfico menor, a percentagem de classe média é maior entre

os ortodoxos e budistas, e menor entre os muçulmanos, outros não cristãos e Testemunhas de Jeová; a classe média-baixa está mais representada nas Testemunhas de Jeová, seguida pelos outros não cristãos, num valor próximo de 50 %, e menos representada nos ortodoxos e outros cristãos.

Quadro 74 Classe social segundo autoclassificação, por posição religiosa

P48. Classe social segundo autoclassificação (%)	Baixa	Média-baixa	Média	Média-alta	Alta	Nenh.	NS/NR
Indiferente	12,0	29,6	54,1	3,1	0,0	0,0	1,2
Agnóstico	0,7	23,4	58,2	11,6	0,0	3,0	3,1
Ateu	3,4	25,8	59,5	8,0	0,0	2,2	1,1
Crente sem religião	11,6	31,6	43,6	7,0	0,0	3,5	2,7
Católico	10,7	25,1	52,8	6,2	0,2	1,3	3,7
Evangélico/Protestante	10,6	23,4	49,0	6,1	2,6	4,7	3,6
Ortodoxo	0,0	16,4	83,6	0,0	0,0	0,0	0,0
Testemunha de Jeová	0,0	63,3	36,7	0,0	0,0	0,0	0,0
Outra confissão cristã	0,0	19,6	69,8	10,6	0,0	0,0	0,0
Budista	0,0	21,3	78,7	0,0	0,0	0,0	0,0
Muçulmano	0,0	30,2	31,8	0,0	0,0	0,0	38,0
Outra religião não cristã	0,0	42,4	35,4	0,0	0,0	0,0	22,2
NS/NR	0,0	30,2	40,1	0,0	0,0	6,2	23,6
Total	8,9	26,6	52,4	6,5	0,2	1,9	3,6

Uma breve sinopse relativa aos grupos com um peso relativo maior, assente nas análises anteriores, permite um retrato sociográfico focado nas variáveis estudadas neste capítulo:

- *Indiferentes*: sobretudo masculinos e jovens, menos instruídos, com pais mais instruídos e mães medianamente instruídas, com peso

menor de trabalhadores e maior de trabalhadores qualificados (TQICA), revelando uma das maiores pertenças à classe média-baixa e a menor à classe média-alta; apresenta o peso inferior de divorciados, peso superior de núcleos com pais e o inferior com filhos.

- *Agnósticos*: sobretudo masculinos, jovens e instruídos (com o peso maior de pessoas com licenciatura e dos pesos maiores de pessoas com mestrado/doutoramento), com pais mais instruídos e mães medianamente instruídas, com o peso superior de estudantes no ensino superior e inferior no ensino secundário, com um dos pesos maiores de especialistas (EAIC) e peso maior de técnicos (TPN); com uma das maiores pertenças à classe média, a maior à classe média-alta e a menor à classe baixa.
- *Ateus*: sobretudo masculinos, jovens e instruídos (com o peso maior de pessoas com mestrado/doutoramento), com pais mais instruídos e mães medianamente instruídas, com o menor peso de reformados, com o peso maior de especialistas (EAIC); com a maior pertença à classe média e das menores à classe baixa; com o peso menor de núcleos em casal e dos maiores com pais (peso maior de solteiros e peso menor de casados religiosamente).
- *Crentes sem religião*: equilibrados em termos de sexo (ligeiramente mais mulheres), mais velhos, menos instruídos (embora com um dos maiores pesos de pessoas com mestrado/doutoramento), com pais mais instruídos e mães menos instruídas; com a pertença menor à classe média e a maior à classe média-baixa.
- *Católicos*: equilibrados em termos de sexo (percentagem ligeiramente superior de mulheres), mais velhos, menos instruídos, com pais e mães menos instruídos, com o menor peso de trabalhadores, dos menores pesos de estudantes e o peso maior nos reformados; com um dos

maiores pesos de trabalhadores não qualificados (TNQ), de casados religiosamente e com as menores frequências de uniões de facto.

- *Evangélicos/protestantes*: mais mulheres e mais velhos, menos instruídos, com pais medianamente instruídos e mães mais instruídas (mais do que os pais) (embora seja neste grupo que se encontra o peso maior de respostas NS/NR para ambos, pais e mães); com o peso menor de estudantes (inferior no ensino superior e superior no ensino secundário); com o peso menor de especialistas (EAIC) e o maior entre os trabalhadores não qualificados (TNQ); com o peso maior de núcleos com filhos e com outros familiares, o peso menor de solteiros e o maior de divorciados.

Conclusão

Um pouco mais de metade da população declara-se católica (54,9 %) na Área Metropolitana de Lisboa. Esta região apresenta-se, assim, como uma das regiões onde o peso relativo dos católicos é menor. Em contrapartida, o número de indivíduos que declara não pertencer a nenhuma religião é cada vez mais significativo, situando-se em quase 35 %.

Dentro deste grupo, o peso dos não crentes aproxima-se dos 22 % e o grupo dos crentes sem religião ultrapassa ligeiramente os 13 %, confirmando a sua tendência de afirmação. O conjunto dos crentes fora do universo católico ascende aos 9,2 %, número que mostra alguma estabilidade relativamente aos dados anteriores. É então possível afirmar que, nesta região, se verifica uma diminuição da maioria histórica dos católicos, a progressão dos sem religião e a estabilização, em termos gerais, do conjunto das chamadas minorias religiosas.

A maior parte da população inquirida conheceu na infância, quer na escola, quer na família, algum tipo de socialização religiosa. Essa socialização primária pode contribuir para um mínimo de literacia religiosa e para a manutenção de uma memória religiosa familiar, mas não garante a reprodução das posições religiosas. Para além dos católicos, os sem religião, as Testemunhas de Jeová e, em menor número, os evangélicos/protestantes, conheceram uma ascendência católica.

Não abundam as trajetórias de alteração de posição religiosa ao longo da vida. Um pouco mais de metade da população inquirida nesta região não conheceu qualquer alteração da sua posição religiosa. A alteração mais acentuada diz respeito aos que deixaram de ser praticantes, mas continuam a acreditar (perto de 24 %), indiciando uma certa

desarticulação entre crer e pertencer. Os respondentes sem religião autocompreendem-se a partir de referências à convicção pessoal e à sua discordância face à doutrina e aos códigos morais religiosos. Mas isso não os conduz ao desinteresse pelas questões religiosas, na sua dimensão pública.

A região de Lisboa é marcada pela experiência da mobilidade territorial. 32,4 % dos habitantes da amostra são naturais da sua área de residência, 52,4 % naturais de outros concelhos de Portugal e 15 % têm nacionalidade estrangeira. No que concerne aos cidadãos estrangeiros, a população é maioritariamente natural de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, do Brasil e de países da União Europeia. Quanto aos católicos nascidos no estrangeiro, África é a sua principal origem (66,7 %). No caso dos evangélicos/protestantes, sobressai o Brasil (65,8 %) como país de origem. A vasta maioria das Testemunhas de Jeová nascidas no estrangeiro provém de África (66,7 %) e do Brasil (33,3 %). Os muçulmanos nasceram sobretudo em África (66,7 %), mas também na Ásia (33,3 %).

As práticas de fim de semana estão entre os fatores que mais caracterizam os estilos de vida. O estudo deu conta de uma certa polarização entre as práticas mais ligadas ao espaço doméstico e à família e as atividades mais associadas ao espaço não doméstico e ao indivíduo. As práticas religiosas rituais e coletivas não chegam a 12 % dos casos. O ato de ir à missa, ao culto ou a outro ato religioso tem um peso similar a outras práticas, como «passar o fim de semana fora» ou «fazer desporto». Em todo o caso, continua a ser mais frequente do que ir a

um espetáculo, sair à noite e ter aulas ou estudar. Em termos gerais, é possível dizer que, para uma grande parte da população, a frequência de contextos culturais não faz parte da cultura do fim de semana.

Encontram-se alguns indícios de privatização do religioso. Mais de metade dos respondentes não falou, no último mês, sobre assuntos religiosos. Genericamente, o religioso parece ser entendido pelos inquiridos como algo reservado à sua esfera social mais íntima ou privada. Neste contexto, há diferenças importantes entre os católicos e os crentes sem religião e as chamadas minorias religiosas.

Na análise sobre as redes de amizade, descobriu-se que os católicos estão amplamente distribuídos por todas as posições religiosas — como seria de esperar, por se tratar de uma maioria amplamente inscrita nesta sociedade. Mas também é necessário destacar o facto de um pouco mais de 16 % dos inquiridos não saber ou não ter querido responder à pergunta sobre a posição religiosa da maioria dos seus amigos. Relacionando esta observação com os resultados relativos à importância dos assuntos religiosos na conversação quotidiana, torna-se evidente que, para um conjunto significativo da população, a posição religiosa do outro pode não fazer parte do conhecimento disponível.

O inquérito mostrou dificuldades em captar o lugar que as Igrejas e outras comunidades religiosas desempenham nas redes de ajuda. Tendo em conta o que se conhece de outros estudos, parece existir uma dificuldade em identificar o enquadramento religioso de muitas ações neste domínio. Quando se cruzam estes dados com as posições religiosas, descobre-se uma certa correspondência entre o envolvimento religioso (frequência da missa, do culto ou outros atos religiosos) e

a consciência de que se beneficia de apoio das Igrejas ou de outras comunidades religiosas.

Com frequência, o senso comum descreve a sociedade portuguesa como um contexto facilitador da tolerância para com outras etnias e religiões. Neste estudo, a esmagadora maioria dos indivíduos, praticamente 91 %, afirma nunca ter sentido qualquer tipo de discriminação baseada na sua posição religiosa. Entre os poucos que dizem ter sido vítimas de situações de discriminação, as ocorrências tendem a concentrar-se nas esferas de sociabilidade amical e familiar.

Como seria de esperar, é no domínio das crenças que se evidencia um contraste maior entre os não crentes (indiferentes, agnósticos e ateus) e os crentes (incluindo os crentes sem religião). Por um lado, o primeiro conjunto tende a discordar das afirmações que pressupõem a existência de Deus, mostrando uma inclinação para entender Deus como uma criação humana, ou ainda para a identificação de Deus com a natureza. Por outro lado, mostra uma maior confiança na ciência e na democracia. Regra geral, os crentes sem religião aproximam-se mais dos pertencentes a uma religião do que dos não crentes — é nesta população que mais se aprofunda uma certa desarticulação entre os planos da crença e da pertença.

As práticas orantes são um dos mais relevantes indicadores de religiosidade. Segundo este estudo, 32,3 % da população inquirida não apresenta indícios de qualquer prática orante, enquanto 49,3 % apresenta uma prática regular de oração. Observou-se que as práticas orantes tendem a distribuir-se por uma grande parte da população inquirida, sob formas preponderantemente individualizadas e espontâneas.

A prática cultural distribui-se de forma precária nesta população. 21,4 % dos católicos declaram ir uma vez ou mais por semana ao culto comunitário. Mas, tendo em conta a autonomia com que parte dos católicos gere o seu regime de prática cultural, é importante não esquecer o peso dos que declaram frequentar o culto comunitário uma a duas vezes por mês (13,3 %). As frequências relativas à prática cultural dos evangélicos/protestantes documentam a vitalidade destas comunidades. A prática cultural comunitária, no seu ritmo semanal, é mencionada por 25 % dos pertencentes a este conjunto denominacional. Para além disso, 35 % destes fiéis declaram frequentar o culto comunitário mais do que uma vez por semana.

A religiosidade tende a ser uma prática de proximidade. 67 % da população crente pertencente a uma religião frequenta lugares de culto que estão localizados na sua área de residência e apenas 33 % frequenta contextos culturais que estão fora do seu perímetro residencial. Nestas circunstâncias a população despence pouco tempo na sua deslocação.

Neste estudo, apenas uma pequena parte da população inquirida entende que frequentar os lugares de culto é uma obrigação (1,4 %). A crescente autonomia face às instituições religiosas, a par da liberdade crescente no que diz respeito às práticas culturais comunitárias, faz com que as questões religiosas sejam cada vez mais compreendidas como uma opção pessoal e menos como um dever ou obrigação.

Os resultados desta investigação permitirão avançar, num outro momento, para estudos de carácter intensivo, sobre certos grupos religiosos em expansão nesta região, identificando os seus lugares de culto, as suas formas de organização e inscrição no espaço público, as suas representações do pluralismo na sociedade portuguesa,

as sociabilidades que descrevem os modos de pertença, bem como o seu papel na construção de redes de solidariedade. Nesse momento posterior, preparado por este projeto, dar-se-á uma particular importância às formas de regulação local da diversidade religiosa, dossiê que está por estudar na sociedade portuguesa do início do século XXI. O conjunto destes resultados poderá ter um importante impacto internacional, tendo em conta o crescente interesse pelo estudo sociorreligioso das grandes áreas metropolitanas. Neste contexto, este projeto terá a possibilidade de se inscrever numa vasta rede internacional de estudos comparativos.

Bibliografia

AITCHISON, Cara, HOPKINS, Peter E. e KWAN, Mei-Po (2007), *Geographies of Muslim Identities: Diaspora, Gender and Belonging*, Ashgate, Farnham.

ALMEIDA, Ronaldo de e MONTEIRO, Paula (2003), «Trânsito Religioso no Brasil», *São Paulo em Perspectiva*, vol. 15, n.º 3, pp. 92–100.

AMARAL, Bruno Vieira (2015), *Aleluia!*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.

BAINBRIDGE, William Sims e STARK, Rodney (1981), «Friendship, Religion, and the Occult: A Network Study», *Review of Religious Research*, vol. 22, n.º 4, p. 313.

BECKFORD, James (2003), *Social Theory and Religion*, Cambridge, Cambridge University Press.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas (1966), *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge*, Londres, Penguin Books.

BRUCE, Tricia (2018), «Cultural Catholics in the United States», em *The Changing Faces of Catholicism: National Processes and Central, Local and Institutional Strategies*, ed. Solange Lefebvre e Alfonso Pérez-Agote, Leiden/ Boston, Brill, pp. 83–106.

CAMPICHE, Roland J. (ed.) (1997), *Cultures Jeunes et Religions en Europe*, Paris, Cerf.

CARVALHO, A. Melo de (2002), *Associativismo, Inovação Social, Desenvolvimento*, Algés, Confederação do Desporto de Portugal.

CARVALHO, Xénia Venusta de (2014), *Identidade e Memória na Comunidade Israelita de Lisboa*, Lisboa, ICS – Instituto de Ciências Sociais.

CLEMENTE, Manuel (2008), *Portugal e os Portugueses*, Lisboa, Assírio e Alvim.

COUTINHO, José Pereira (2011), «Modernidade, Religiosidade e Universidade», Tese de doutoramento em sociologia, Lisboa, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

CRUZ, Manuel Braga da e GUEDES, Natália Correia (ed.) (2000), *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal, 1950–2000*, Lisboa, Universidade Católica Editora.

DAVIE, Grace (1994), *Religion in Britain Since 1945: A Persisting Paradox*, Oxford, Wiley-Blackwell.

DEMERATH, N. Jay (2000), «The Rise of “Cultural Religion” in European Christianity: Learning from Poland, Northern Ireland, and Sweden», *Social Compass*, vol. 47, n.º 1, pp. 127–39.

DIX, Steffen (2013), «A Visibilidade e a Invisibilidade das Pessoas “sem Religião” na Sociedade Portuguesa», *Didaskalia*, vol. 43, n.º 1–2, pp. 57–80.

— (2010), «As Esferas Seculares e Religiosas na Sociedade Portuguesa», *Análise Social*, vol. 45, n.º 194, pp. 5–27.

DOMINGUES, Frei Bento (1988), *A Religião dos Portugueses*, Porto, Lisboa, Figueirinhas.

ELLISON, Christopher e GEORGE Linda K. (1994), «Religious Involvement, Social Ties, and Social Support in a Southeastern Community», *Journal for the Scientific Study of Religion*, vol. 33, n.º 1, pp. 46–61.

ELLISON, Christopher, HUMMER, Robert A., BURDETTE, Amy M. e BENJAMINS, Maureen (2010), «Race, Religious Involvement, and Health: The Case of African American», em *Religion, Families, and Health: Population-based Research in the United States*, ed. Christopher Ellison e Robert Hummer, New Brunswick, NJ, Rutgers University Press, pp. 321–48.

FOX, Jonathan (2017), «Religious Discrimination in European and Western Christian-majority Democracies», *Zeitschrift für Religion, Gesellschaft und Politik*, vol. 1, pp. 185–209.

— (2015), *Political Secularism, Religion, and the State: A Time Series Analysis of Worldwide Data*, Cambridge, Cambridge University Press.

FRANCA, Margarida (2016), «A Expressão Territorial da Identidade Religiosa da População Católica Portuguesa. Estudo de caso da diocese de Coimbra», Tese de doutoramento em Geografia, ramo de Geografia Humana, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

GAUCHET, Marcel (1985), *Le Désenchantement du Monde. Une Histoire Politique de la Religion*, Paris, Gallimard.

GURUNG, Regan A. R. (2006), «Coping and Social Support», em *Health Psychology: A Cultural Approach*, Thomson Wadsworth CA, Belmont, pp. 145–81.

HEELAS, Paul (2008), *Spiritualities of Life. New Age Romanticism and Consumptive Capitalism*, Blackwell Publishing, Maiden/Oxford.

HERVIEU-LÉGER, Danièle (2005), *O Peregrino e o Convertido*, Lisboa, Gradiva.

— (2000), *Religion as Chain of Memory*, New Brunswick, NJ, Rutgers University Press.

INE (2017), «Série Estimativas Provisórias Anuais da População Residente», Instituto Nacional de Estatística, disponível aqui.

JOAQUIM, Henrique (2012), *Lógicas de Acção Social no Contexto Católico*, Lisboa, Universidade Católica Editora.

MAPRIL, José (2012), *Islão e Transnacionalismo: Uma Etnografia entre Portugal e o Bangladeche*, Lisboa, ICS – Instituto de Ciências Sociais.

MAUSS, Marcel (1968), *Œuvres, Tome 1: Les Fonctions sociales du sacré*, Paris, Editions de Minuit.

MENÉNDEZ, Millán Arroyo (2007), «Religiosidade e Valores em Portugal: Comparação com a Espanha e a Europa Católica», *Análise Social*, n.º 42, pp. 757–87.

MONIZ, Jorge Botelho (2014), «Igreja Católica e Caridade em Portugal. Do múnus bíblico de ajudar o outro à sua indispensabilidade no século XXI», *Revista Brasileira de História das Religiões*, vol. 7, n.º 19, pp. 223–56.

MONTEIRO, Teresa Líbano (2012), «Dinâmica Social e Religião», em *Identidades em Portugal. Ensaio Interdisciplinar*, org. Alfredo Teixeira, 1.ª ed., Lisboa, Paulinas Editora, pp. 69–129.

— (2011), «Fés, Credos e Religiões», em *História da Vida Privada em Portugal. Os Nossos Dias*, ed. Ana Nunes de Almeida e ed. José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores & Temas e Debates, vol. IV, pp. 278–307.

— (2005), «Famílias e Novos Movimentos Religiosos: Trajectória Familiar, Individualização e Identidade Espiritual», Tese de doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

MUSICK, Marc A., TRAPHAGAN, John W., KOEING, Harold G. e LARSON David B. (2000), «Spirituality in Physical Health and Aging», *Journal of Adult Development*, vol. 7, n.º 2, pp. 73–86.

NORRIS, Pippa e INGLEHART, Ronald (2004), *Sacred and Secular: Religion and Politics Worldwide*, Cambridge University Press, Cambridge.

PRC (2018), «Being Christian in Western Europe», Pew Research Center, disponível aqui.

PUTNAM, Robert D. (1995), «Bowling Alone: America's Declining Social Capital», *Journal of Democracy*, vol. 6, n.º 1, pp. 65–78.

SANTOS, Luís Aguiar (2002), «Pluralidade Religiosa: Correntes Cristãs e não-Cristãs no Universo Religioso Português», em *História Religiosa de Portugal*, vol. III, ed. Carlos Moreira de Azevedo, Círculo de Leitores, pp. 339–501.

SEF (2017), «Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo», Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, disponível aqui.

STANGOR, Charles e SCHALLER, Mark (2000), «Stereotypes as Individual and Collective Representations», em *Stereotypes and Prejudice: Essential Readings*, ed. Charles Stangor, Philadelphia, Pa., Psychology Press, pp. 64–82.

STOLZ, Jörg (2010), «A Silent Battle. Theorizing the Effects of Competition between Churches and Secular Institutions», *Review of Religious Research*, vol. 51, n.º 3, pp. 253–76.

TAYLOR, Charles (2007), *A Secular Age*, Cambridge, MA, Harvard University Press.

TAYLOR, Robert Joseph e CHATTERS, Linda M. (1988), «Church Members as a Source of Informal Social Support», *Review of Religious Research*, vol. 30, n.º 2, pp. 193–203.

TEIXEIRA, Alfredo (ed.) (2018), «Arte é Liturgia», *REVER – Revista de Estudos da Religião*, vol. 18, n.º 1, pp. 1–359.

— (2013), «A Eclesiosfera Católica: Pertença Diferenciada», *Didaskalia*, vol. 43, n.º 1–2, pp. 115–205.

— (ed.) (2012), *Identidades Religiosas em Portugal: Ensaio Interdisciplinar*, Lisboa, Paulinas.

VAKIL, Abdool Karim (2004), «Do Outro ao Diverso. Islão e Muçulmanos em Portugal: História, Discursos, Identidades», *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, vol. 3, n.º 5–6, pp. 283–312.

VILAÇA, Helena (2013), «Novas Paisagens Religiosas em Portugal: Do Centro às Margens», *Didaskalia*, vol. 42, n.º 1–2, pp. 81–114.

— (2008), *Imigração, Etnicidade e Religião: O Papel das Comunidades Religiosas na Integração dos Imigrantes da Europa de Leste*, Lisboa, Paulinas.

— (2006), *Da Torre de Babel às Terras Prometidas: Pluralismo Religioso em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento.

— (1993), «Território e Identidade na Problemática dos Movimentos Sociais: Algumas Propostas de Pesquisa», *Sociologia*, vol. 3, pp. 51–71.

WILSON, Bryan (1996), «Religious Toleration, Pluralism and Privatization», *Religion and Modernity — Modes of Co-existence*, ed. Pål Repstad, Oslo, Scandinavian University Press, pp. 11–34.

WOODHEAD, Linda e CATTO, Rebecca (ed.) (2012), *Religion and Change in Modern Britain*, Oxon, Routledge.

Anexo

Questionário

Tel. Do respond.: _____ INQ. N.º _____

Identidades religiosas e dinâmica social na área metropolitana de Lisboa – 2018

Data ____/____/2018 Hora do início ____:____ Hora do fim ____:____

Entrevistador: _____

Freguesia _____ Rua _____

Boa tarde [Boa noite]. Chamo-me _____ e estou a colaborar com o Centro de Estudos e Sondagens de Opinião num inquérito sobre atitudes e comportamentos religiosos da população portuguesa. Peço-lhe o favor de me responder, com toda a verdade, a algumas perguntas sobre estes assuntos. As suas respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para fins estatísticos.

PERGUNTE QUEM, NA FAMÍLIA, TENDO 15 ANOS OU MAIS, É O PRÓXIMO A FAZER ANOS. PEÇA A ESSA PESSOA PARA RESPONDER AO INQUÉRITO

P1. É natural desta localidade?

- Sim → **PASSA À P3**
- Não
- Ns/Nr* → **PASSA À P3**

P2. (SE NÃO) Em que concelho (ou país) nasceu?

P3. Há quanto tempo está a viver no local onde reside actualmente? (LER)

- Viveu sempre aqui
- Vive aqui há mais de 10 anos
- Há 2 a 10 anos
- Há menos de 2 anos
- Ns/Nr*

P4. Quais destas coisas fez no último fim-de-semana?
(MOSTRAR CARTÃO 1. LER. MÚLTIPLA)

- Foi trabalhar
- Passou o fim-de-semana fora
- Deu um passeio
- Foi a um espetáculo, cinema, exposição, etc.
- Leu livros, revistas ou jornais
- Fez desporto
- Foi às compras
- Foi à missa, ao culto ou a outro ato religioso
- Ficou em casa a tratar da casa
- Recebeu ou fez visitas
- Ficou em casa a descansar
- Teve aulas, ou ficou a estudar

- Saiu à noite (foi a uma discoteca, a um bar, etc.)
- Foi jantar ou almoçar fora
- Ns/Nr*

P5. Lembra-se de ter falado alguma vez de assuntos religiosos, no último mês, com: (LER. MÚLTIPLA)

- Familiares
- Amigos
- Colegas de trabalho
- Vizinhos
- Outras pessoas
- Não falou de assuntos ou temas religiosos

P6. Nos últimos dois anos, beneficiou da atividade/apoio das Igrejas ou outras comunidades religiosas, nalgum destes âmbitos? (MOSTRAR CARTÃO 2. LER MÚLTIPLA)

- Visitas quando esteve doente
- Resolução de problemas familiares
- Ajuda espiritual (orientação, oração, libertação, etc.)
- Retiro
- Acampamento
- Apoio escolar
- Apoio jurídico
- Apoio em alimentos, vestuário, medicamentos
- Apoio em dinheiro
- Atividade cultural (concerto, exposição, debate, etc.)
- Desporto
- Ns/Nr*

P7. Vou ler várias afirmações. Indique o seu grau de concordância: (LER ITENS. LER ESCALA)

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	N/concordo n/discordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente	NS/NR
a. Existe um poder supremo	<input type="checkbox"/>					
b. Deus existe e revelou-se	<input type="checkbox"/>					
c. A ciência mostrou que Deus é uma criação humana	<input type="checkbox"/>					
d. Não há um Deus pessoal, Deus é a natureza	<input type="checkbox"/>					
e. Depois da morte, tudo acaba	<input type="checkbox"/>					
f. A alma reencarna numa outra vida	<input type="checkbox"/>					
g. Depois da morte encontraremos Deus	<input type="checkbox"/>					
h. Jesus Cristo ressuscitou e venceu a morte	<input type="checkbox"/>					
i. A vida é um dom de Deus, o ser humano não tem o direito de decidir quando deve morrer	<input type="checkbox"/>					
j. O fim do mundo está próximo	<input type="checkbox"/>					
k. A ciência e a técnica preparam um futuro melhor para a humanidade	<input type="checkbox"/>					
l. A democracia é a melhor garantia para o futuro da humanidade	<input type="checkbox"/>					

P8. Entendendo a eutanásia como a situação em que é provocada a morte de uma pessoa doente para pôr termo ao seu extremo sofrimento, qual das seguintes frases se aproxima mais da sua opinião? (LER)

- A eutanásia é um ato condenável em qualquer situação
- A eutanásia é um ato aceitável dentro de certos limites
- A eutanásia é um ato aceitável em qualquer situação
- Ns/Nr*

P9. Sem contar com as cerimónias religiosas, costuma rezar, orar, dirigir-se a Deus (ou qualquer entidade sobrenatural) através da oração ou meditação pessoal? (LER)

- Todos os dias
- Algumas vezes na semana
- Poucas vezes
- Nunca → **PASSA À P12**
- Ns/Nr* → **PASSA À P12**

P10. Em que ocasiões? (LER. MÚLTIPLA)

- De manhã
- À noite
- Antes ou depois das refeições
- Com as crianças
- Em família
- Com outros crentes
- Sozinho
- Outra situação _____

P11. O que faz habitualmente nesses momentos de oração ou meditação? (MOSTRAR CARTÃO 3. LER. MÚLTIPLA)

- Recito orações que aprendi
- Rezo/oro de forma livre e espontânea
- Faço meditação de tipo oriental
- Contemplação
- Peço por mim
- Peço pelos outros
- Louvo a Deus (ou outra entidade sobrenatural)

- Agradeço benefícios / graças
- Procuo a paz interior
- Procuo uma maior união com a natureza ou o com o universo
- Outro _____

P12. Sem contar com casamentos, batizados e funerais, com que frequência costuma participar ou assistir a atos de culto comunitários (como, por exemplo, a missa ou outras reuniões de culto): (LER ITENS. LER ESCALA)

	Mais de uma vez por semana	Uma vez por semana	Uma a duas vezes por mês	Várias vezes por ano	Uma a duas vezes por ano	Menos do que uma vez por ano	Nunca
a. Na igreja ou templo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b. Num pequeno grupo, em casa de amigos ou conhecidos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c. Na televisão?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d. Na rádio?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e. Na internet (Facebook, etc.)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

P13. Qual a sua posição religiosa atual? (LER)

- Crente, mas não tem religião → **PASSA À P14**
- Indiferente → **PASSA À P14**
- Agnóstico → **PASSA À P14**
- Ateu → **PASSA À P14**
- Católico → **PASSA À P15**
- Evangélico ou outro protestante → **PASSA À P15**

- Testemunha de Jeová → **PASSA À P15**
- Mórmon → **PASSA À P15**
- Outra confissão cristã. Qual? _____ → **PASSA À P15**
- Muçulmano → **PASSA À P15**
- Outra religião não cristã. Qual? _____ → **PASSA À P15**
- Ns/Nr* → **PASSA À P30**

P14. Por que é que não tem qualquer religião?
(MOSTRAR CARTÃO 4. LER. MÚLTIPLA ATÉ 5 RESPOSTAS)

- Educação e tradição familiar
- Acontecimento marcante da vida pessoal (doença, sofrimento, alegria...)
- Não concorda com a doutrina de nenhuma Igreja ou religião
- Não concorda com as regras morais das Igrejas ou religiões
- Comportamento dos padres, pastores ou outros responsáveis religiosos
- Exemplos e influências de amigos, colegas, professores
- A religião não tem nada que me interesse
- Convicção pessoal
- Outra _____
- Ns/Nr*
- **PASSA À P28** SE FOR CRENTE SEM RELIGIÃO
- **PASSA À P30** SE FOR INDIFERENTE, AGNÓSTICO OU ATEU

P15. (SE É CRENTE E TEM UMA RELIGIÃO) Considera-se praticante ou não da sua religião (LER)?

- Praticante
- Não praticante → **PASSA À P17**
- Ns/Nr* → **PASSA À P18**

P16. (SE É PRATICANTE) Por que razões é praticante? (MOSTRAR CARTÃO 5. LER. MÚLTIPLA, ATÉ 5 RESPOSTAS)

- Educação e tradição familiar
- Conforto espiritual
- Melhoria das condições materiais de vida
- Porque me converti
- Cumprimento do dever para com Deus
- Ser coerente com a minha consciência
- Obtenção de saúde e proteção de Deus
- Acontecimento importante da vida pessoal (doença, sofrimento, alegria, etc.)
- Obter a salvação eterna
- Outro. Qual? _____
- Ns/Nr*
- **PASSA À P18**

P17. (SE NÃO É PRATICANTE) Porque é que não pratica?
(MOSTRAR CARTÃO 6. LER. MÚLTIPLA, ATÉ 5 RESPOSTAS)

- Falta de tempo
- Mau exemplo dos praticantes
- Falta de saúde ou de condições físicas para se deslocar à igreja ou ao templo
- Falta de lugar de culto na zona de residência
- Acontecimento importante da vida pessoal (doença, sofrimento, alegrias...)
- Não quer ir à igreja ou templo por causa do padre, pastor, ou responsável
- Não vou à Igreja/comunidade mas procuro praticar o bem

- Meio ambiente desfavorável à prática religiosa
- Tradição familiar e falta de educação religiosa
- Entende que pode ter a sua fé sem prática religiosa
- Situação irregular face às normas da sua Igreja ou comunidade religiosa
- Desleixo, descuido
- Outra _____
- Ns/Nr*

P18. (SE É CRENTE E TEM UMA RELIGIÃO) Quando vai ao culto, frequenta sempre ou quase sempre o mesmo lugar, ou lugares diferentes (LER)?

- Sempre ou quase sempre no mesmo lugar
- Em lugares diferentes
- Não vou ao culto → **PASSA À P24**
- Ns/Nr*

P19. (SE É CRENTE E TEM UMA RELIGIÃO) O lugar (ou lugares) onde vai mais frequentemente ao culto é (LER):

- Na sua área de residência → **PASSA À P21**
- Fora da sua área de residência
- Ns/Nr*

P20. Quando se desloca para o culto, fora da sua área de residência, quanto tempo, em média, demora a lá chegar (LER):

- Menos de 30 minutos
- Entre 30m e 1h
- Mais de 1h
- Ns/Nr*

P21. (SE É CRENTE E TEM UMA RELIGIÃO) Quais as principais razões por que vai ao culto nesse(s) lugar(es)? (MOSTRAR CARTÃO 7. LER. MÚLTIPLA, ATÉ 5 RESPOSTAS)

- Está mais perto da residência principal
- Está mais perto da residência secundária, de fim-de-semana
- Tem a localização mais compatível com as suas ocupações habituais
- Tem o horário que lhe convém mais
- Gosta mais do culto que aí se realiza
- Gosta mais do padre, pastor ou outro ministro de culto
- Encontra outras pessoas amigas ou de grupos de que faz parte
- O templo ou sala tem boas condições
- Porque acha que é aí que tem a obrigação de ir
- Porque considera que essa é a sua comunidade
- Porque estou habituado a frequentar esse lugar
- Outra razão. Qual? _____
- Ns/Nr*

P22. (se é crente e tem uma religião) Para além da comunidade religiosa que frequenta regularmente, também costuma ir a cultos de outra confissão ou religião? (LER)

- Sim. Qual? _____
- Não → **PASSA À P24**
- Ns/Nr* → **PASSA À P24**

P23. (SE FREQUENTA OUTROS CULTOS) Quais são as razões? (MOSTRAR CARTÃO 8. LER. MÚLTIPLA)

- Para resolver problemas de saúde
- Para resolver problemas de amor

- Para resolver problemas de dinheiro
- Para resolver problemas familiares
- Para resolver problemas espirituais
- Porque me sinto muito bem acolhido/a
- Porque encontro paz interior
- Para acompanhar familiares ou amigos
- Outros? _____
- Ns/Nr*

P24. (SE É CRENTE E TEM UMA RELIGIÃO) Indique o seu grau de concordância para estas afirmações: (LER ITENS. LER ESCALA)

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	N/concordo n/ discordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente	NS/NR
a. Sou membro ou frequento uma Igreja ou comunidade religiosa e aí espero continuar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b. Sou membro ou frequento uma Igreja ou comunidade, mas posso vir a pertencer a outra que responda melhor aos meus interesses	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

P25. (SE É CRENTE E TEM UMA RELIGIÃO) Qual destas afirmações corresponde melhor à sua opinião? (LER)

- Existe verdade em todas as religiões.
- Há muitas religiões que contêm verdade, mas eu prefiro a minha.
- Só a minha religião é verdadeira.
- Só a minha religião é verdadeira, mas há verdades em algumas religiões
- Ns/Nr*

P26. (SE É CRENTE E TEM UMA RELIGIÃO) Pertence, neste momento, a algum grupo, movimento ou associação dentro da sua Igreja ou comunidade religiosa? (LER)

- Sim
- Não
- Ns/Nr*

P27. (SE É CRENTE E TEM UMA RELIGIÃO) Atualmente, desempenha alguma função ou tarefa regulares na sua Igreja ou comunidade religiosa? (LER)

- Sim
- Não
- Ns/Nr*

P28. (SE É CRENTE, PERTENCENTE OU NÃO A UMA RELIGIÃO) Acha que a sua fé ou crença religiosa faz com que se sinta diferente dos outros a respeito de: (MOSTRAR CARTÃO 9. LER. MÚLTIPLA, até 5 respostas)

- Sentido da vida
- Desejo de ajudar os outros
- Desejo de aperfeiçoamento pessoal
- Valor que dá à família
- Valor que dá à vida humana
- No respeito pelos emigrantes e refugiados
- Ética profissional
- Honestidade no pagamento dos impostos
- Participação na vida cívica e política
- Ns/Nr*

P29. (SE É CRENTE, PERTENCENTE OU NÃO A UMA RELIGIÃO) Pode indicar-me que influência pessoas ou acontecimentos tiveram nas suas atuais convicções religiosas: (LER ITENS. LER ESCALA)

	6 Muita influência	5	4	3	2	1 Nenhuma influência	Ns/Nr
a. Um amigo, amiga ou familiar	<input type="checkbox"/>						
b. Uma peregrinação, acampamento ou um retiro	<input type="checkbox"/>						
c. Um curso, formação ou catequese	<input type="checkbox"/>						
d. A participação num grupo ou instituição	<input type="checkbox"/>						
e. O ensino religioso na escola	<input type="checkbox"/>						
f. O exemplo de alguém ou de algum grupo	<input type="checkbox"/>						
g. As palavras ou a ação de uma personalidade religiosa	<input type="checkbox"/>						
h. Um acontecimento pessoal	<input type="checkbox"/>						
i. A leitura de um livro religioso ou espiritual	<input type="checkbox"/>						
j. Um movimento juvenil	<input type="checkbox"/>						
k. Uma emissão de rádio ou tv	<input type="checkbox"/>						
l. Um sítio na Internet ou redes sociais (Facebook, etc.)	<input type="checkbox"/>						

[TODOS OS RESPONDENTES]

P30. Entre os 6 e os 15 anos teve algum tipo de ensino religioso na escola? (LER)

- Sim
- Não
- Ns/Nr

P31. Quanto à sua posição religiosa ao longo da vida, escolha a frase que melhor descreve a sua situação? (LER)

- Deixei de ser praticante, mas continuo a acreditar
- Deixei de ser católico e converti-me a outra religião
- Passei a ser católico
- Deixei de pertencer a qualquer religião, mas continuo a acreditar
- Deixei de praticar, acreditar e pertencer a qualquer religião
- Não houve alterações importantes na minha posição face à religião ou na forma de viver a minha religião
- Outro _____
- Ns/Nr

P32. Qual é posição religiosa da maior parte dos seus amigos? (LER)

- Crente, mas não tem religião
- Não crente
- Católico
- Evangélico ou outro protestante
- Outra confissão cristã
- Religião não cristã
- Ns/Nr

P33. Alguma vez sofreu algum tipo de discriminação por causa da sua posição religiosa? (LER)

- Sim
- Não → **PASSA À P35**
- Ns/Nr → **PASSA À P35**

P34. (SE SIM) Em que situações? (LER. MÚLTIPLA)

- Na família
- Entre amigos
- No trabalho
- Na escola/universidade
- No hospital ou outra unidade de saúde
- Noutro local público (rua, transportes públicos, outros serviços públicos)

P35. Qual era a posição religiosa do seu pai e da sua mãe quando o(a) Senhor(a) tinha 10 anos, e qual é essa posição actualmente, ou a última, se já faleceram? (LER)

Posição religiosa	10 anos		Actual / última	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
a. Não crente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b. Crente, mas sem religião	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c. Católico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d. Evangélico ou outro protestante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e. Testemunha de Jeová	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f. Mórmon	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g. Outro cristão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h. Muçulmano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
i. Outro não cristão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
m. <i>Ns/Nr</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

P36. Se os pais eram ou são crentes, o seu pai e a sua mãe tinham as seguintes práticas religiosas quando o(a) Senhor (a) tinha 10 anos, e têm-nas agora, ou quando faleceram? (LER)

Práticas religiosas	10 anos		Actual/ última	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
a. Vai ou ia ao culto semanalmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b. Reza ou rezava diariamente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c. Pertence ou pertencia a um ou mais grupos ou movimentos religiosos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d. Desempenha(va), tarefas regularmente na Paróquia ou comunidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

P37. Quantos filhos tem? ____ → (SE O PASSA À P39)

P38. (SE TEM, OU TEVE, FILHOS) Os seus filhos tiveram instrução religiosa? (LER. MÚLTIPLA)

- Não
- Sim, dada por si/cônjuge
- Sim, dada pelos avós e outros familiares
- Sim, na Igreja ou comunidade religiosa
- Sim, na escola

P39. Pertence a algum dos seguintes grupos? (LER. MÚLTIPLA)

- Sindicato ou associação profissional
- Partido ou movimento político
- Associação recreativa ou cultural
- Associação ou grupo religioso
- Clube desportivo

- Associação de estudantes
- Associação de solidariedade ou acção social
- Não pertence a nenhuma associação (Não Ler)
- Outro _____

P40. Com quem está a viver actualmente? (LER. MÚLTIPLA)

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Pais | <input type="checkbox"/> Irmãos |
| <input type="checkbox"/> Cónjuge/companheiro/a | <input type="checkbox"/> Filhos |
| <input type="checkbox"/> Outros familiares | <input type="checkbox"/> Outras pessoas |
| <input type="checkbox"/> Sozinho/a | <input type="checkbox"/> <i>Ns/Nr</i> |

P41. (SEM PERGUNTAR) Sexo

- Masculino _____ Feminino _____

P42. Que idade tem? ____ anos

P43. Qual o seu grau de instrução, e o do seu pai e o da sua mãe?
(GRAU MAIS ELEVADO QUE COMPLETOU)

	Inquirido	Pai	Mãe
a. Nunca andou na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b. 4.º ano/ 1.º ciclo do Ensino Básico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c. 6.º ano/ 2.º ciclo do Ensino Básico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d. 9.º ano/ 3.º ciclo do Ensino Básico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e. Secundário/ 12.º ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f. Curso Médio/Freq. ensino superior	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g. Curso Superior, Licenciatura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h. Mestrado, Doutoramento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

i. *Ns/Nr*

P44. Indique em qual (ou quais) destas situações se encontra actualmente:
(LER)

- Só estuda
- Estuda e trabalha
- Trabalha → **PASSA À P46**
- Está desempregado → **PASSA À P46**
- É reformado → **PASSA À P46**
- É incapacitado para o trabalho → **PASSA À P46**
- É doméstica → **PASSA À P47**
- Ns/Nr* → **PASSA À P47**

P45. (SE ESTUDA) Em que tipo e grau de ensino está a estudar? (LER)

- Ensino básico
- Ensino secundário
- Ensino técnico-profissional
- Ensino superior
- Ns/Nr*

P46. (SE TRABALHA OU TRABALHOU) Qual a sua principal profissão/
ocupação, actual ou última? (ESPECIFICAR)

P47. Qual é o seu estado civil? (LER)

- | | |
|--|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Solteiro | <input type="checkbox"/> Separado |
| <input type="checkbox"/> Casamento religioso | <input type="checkbox"/> Divorciado |

- Casado pelo civil Viúvo
 Vive em união de facto *Ns/Nr*

P48. Considerando que a sociedade portuguesa está dividida em classes sociais, em que classe é que se incluiria? (LER)

- Classe baixa Classe alta
 Classe média-baixa Nenhuma destas
 Classe média *Ns/Nr*
 Classe média-alta

FINAL:

1. Verificar se todas as perguntas foram feitas e respondidas
2. Pedir número de telefone para eventual controlo de qualidade e escrevê-lo no início
Agradecer e despedir-se.

Notas

- < 1. Adota-se aqui a Nomenclatura Comum de Unidades Territoriais para fins Estatísticos (NUTS), estabelecida pelo regulamento comunitário n.º 868/2014, no segundo nível de divisão (II), tal como se pode encontrar no Anuário Estatístico do Instituto Nacional de Estatística (INE).
- < 2. Este tipo de identificação refere-se sempre à numeração das perguntas no questionário aplicado (Anexo I).
- < 3. Opções de resposta completas: 1.ª: educação e tradição familiar; 2.ª: acontecimento marcante da vida pessoal (exemplo: doença, sofrimento, alegria); 3.ª: não concorda com a doutrina de nenhuma Igreja ou religião; 4.ª: não concorda com as regras morais das Igrejas ou religiões; 5.ª: comportamento dos padres, pastores ou outros responsáveis religiosos; 6.ª: exemplos e influências de amigos, colegas, professores; 7.ª: a religião não tem nada que me interesse; 8.ª: convicção pessoal.
- < 4. Pergunta completa: «(Se é crente e tem uma religião) Pertence, neste momento, a algum grupo, movimento ou associação dentro da sua Igreja ou comunidade religiosa?»
- < 5. Pergunta completa: «(Se é crente e tem uma religião) Atualmente desempenha alguma função ou tarefa regulares na sua Igreja ou comunidade religiosa?»
- < 6. Sendo um o grau mais elevado de concordância e cinco o grau de maior discordância.
- < 7. Observações:
a) Pergunta completa: «(Se é crente e tem uma religião) Indique o seu grau de concordância para estas afirmações:»
b) Proposições completas: Sou membro ou frequento uma Igreja ou comunidade religiosa e aí espero continuar; Sou membro ou frequento uma Igreja ou comunidade, mas posso vir a pertencer a outra que responda melhor aos meus interesses.
c) Categorias de resposta: 1. concordo totalmente; 2. concordo parcialmente; 3. não concordo nem discordo; 4. discordo parcialmente; 5. discordo totalmente.
- < 8. Proposições completas: Deixei de ser praticante, mas continuo a acreditar; Deixei de ser católico e converti-me a outra religião; Passei a ser católico; Deixei de pertencer a qualquer religião, mas continuo a acreditar; Deixei de praticar, acreditar e pertencer a qualquer religião; Não houve alterações importantes na minha posição face à religião ou na forma de viver a minha religião.
- < 9. Pergunta completa: «(Se é crente e tem uma religião) Qual destas afirmações corresponde melhor à sua opinião?»
- < 10. Por si e/ou cônjuge: *Sim, dada por si/cônjuge*. Avós e família: *Sim, dada pelos avós e outros familiares*. Com. religiosa: *Sim, na Igreja ou comunidade religiosa*. Escola: *Sim, na escola*.
- < 11. Para uma aproximação contextual e comparativa, podem consultar-se vários trabalhos. Destaca-se aqui, relativamente à Europa, Campiche (1997) — uma coletânea de vários autores sobre as culturas jovens e as religiões na Europa. Em Portugal, pelo menos dois autores trataram da socialização religiosa nas suas teses de doutoramento, Monteiro (2005) e Coutinho (2011).
- < 12. Culto semanal: *la ao culto semanalmente*. Oração diária: *Rezava diariamente*. Pertença grupos: *Pertencia a um ou mais grupos ou movimentos religiosos*. Tarefas: *Desempenhava tarefas regularmente na Paróquia ou comunidade*.
- < 13. Em IRP considerou-se, nas percentagens, a amostra total de cada grupo religioso. Nesta análise só consideramos os filhos de crentes (condição que se encontra como filtro da pergunta).
- < 14. Culto semanal: *la ao culto semanalmente*. Oração diária: *Rezava diariamente*. Pertença grupos: *Pertencia a um ou mais grupos ou movimentos religiosos*. Tarefas: *Desempenhava tarefas regularmente na Paróquia ou comunidade*.
- < 15. Parte-se de diferenças pelo menos iguais a 10 %; quando a percentagem é próxima de 10 %, mas inferior, assinala-se essa determinação com o termo «ligeiramente».
- < 16. Observações:
• Pergunta completa: (Se é crente, pertencente ou não a uma religião) «Pode indicar-me que influência pessoas ou acontecimentos tiveram nas suas atuais convicções religiosas?»
• Afirmações completas: 1.ª: Um amigo, amiga ou familiar; 2.ª: Uma peregrinação, acampamento ou um retiro; 3.ª: Um curso, formação ou catequese; 4.ª: A participação num grupo ou instituição; 5.ª: O ensino religioso na escola; 6.ª: O exemplo de alguém ou de algum grupo; 7.ª: As palavras ou a ação de uma personalidade religiosa; 8.ª: Um acontecimento pessoal; 9.ª: A leitura de um livro religioso ou espiritual; 10.ª: Um movimento juvenil; 11.ª: Uma emissão de rádio ou TV; 12.ª: Um sítio na internet ou redes sociais (Facebook, etc.).
• Categorias de resposta: de um (nenhuma influência) a seis (muita influência). Média efetuada com estas categorias.
• % NS/NR em cada afirmação: 1.ª: 2,0; 2.ª: 2,3; 3.ª: 2,1; 4.ª: 2,6; 5.ª: 1,9; 6.ª: 3,2; 7.ª: 2,5; 8.ª: 3,1; 9.ª: 2,4; 10.ª: 2,8; 11.ª: 2,5; 12.ª: 2,7.
- < 17. Em IRP (Teixeira, 2013) havia uma pergunta anterior que filtrava quem tinha mudado de posição religiosa. No estudo sobre a AML, a manutenção da identidade e os cenários de alteração, mais exaustivos, apresentam-se numa única pergunta.
- < 18. Proposições completas: Deixei de ser praticante, mas continuo a acreditar. Deixei de ser católico e converti-me a outra religião. Passei a ser católico. Deixei de pertencer a qualquer religião, mas continuo a acreditar. Deixei de praticar, acreditar e pertencer a qualquer religião. Não houve alterações importantes na minha posição face à religião ou na forma de viver a minha religião.
- < 19. Em 2001 25,7 % do total da população portuguesa residia na AML, em 2011 aumentou para 26,7 % e em 2017 estima-se que seja 27,5 % (INE).
- < 20. Em 2017 a densidade populacional da AML era de 940 hab/km², sendo que no concelho de Lisboa ascendeu aos 5058 hab/Km² (INE).

- < 21. No ano de 2011, 51,7 % da população residente vivia nas cidades da AML e apenas 11,7 % da população residia em lugares com menos de dois mil habitantes (INE).
- < 22. Na AML, em 2011, a percentagem de população entre os zero e os 14 anos foi de 15,5 %, e em 2017 a estimativa aponta para os 15,9 %. Entre 2001 e 2011 esta foi a única região do país que registou uma variação positiva deste grupo etário (10,5 %), tendência que, embora menos expressiva, continua em 2017 (INE).
- < 23. Em 2011 a percentagem de população com 65 anos ou mais era de 18,9 %, e em 2017 esta percentagem aumentou para 21,6 % (INE).
- < 24. Nos Censos de 2011 a dimensão média das famílias portuguesas era de 2,6 membros, na AML este valor desce para os 2,4 membros por agregado familiar e no concelho de Lisboa para 2,2 (INE).
- < 25. Na região de Lisboa, os núcleos familiares sem filhos em 2001 representavam 33,1 % e em 2011 representavam 36,1 %. O crescimento situa-se na ordem dos 17,3 %. Em 2011, nos concelhos de Lisboa e do Barreiro, estas famílias representam quase 40 % do total dos núcleos familiares (INE).
- < 26. Em 2011 a percentagem de população casada era de 41,3 % e a percentagem de população divorciada de 7,4 % (INE).
- < 27. No Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação, de 2017, em Portugal 76,9 % das famílias tinham acesso à internet em casa e 76,4 % tinham ligação de banda larga. A AML supera percentualmente estes valores.
- < 28. Índice de Preços ao Consumidor.
- < 29. Fonte: *Estimativas da População Residente*, INE, 2017.
- < 30. O quadro recolhe as cinco práticas preponderantes nas categorias de posição religiosa que mais se destacam, em termos estatísticos. O esbatimento da cor cinza, do mais escuro para o mais claro, assinala um movimento decrescente.
- < 31. Segundo Teixeira (cf. 2013), os católicos nominais nunca frequentam a missa (correspondiam a 10,3 % em 2011), os praticantes ocasionais vão uma a duas vezes à missa por ano (correspondiam a 25,2 %) e os irregulares vão, no máximo, 11 vezes ao longo do ano (15,4 %).
- < 32. Na análise dos dados deste quadro, toma-se como universo a população que respondeu a esta pergunta e procura-se interpretar o número elevado de não respostas.
- < 33. Observações:
a) Pergunta principal completa: «Vou ler várias afirmações. Indique o seu grau de concordância:»
b) Afirmações completas: a. Existe um poder supremo; b. Deus existe e revelou-se; c. A ciência mostrou que Deus é uma criação humana; d. Não há um Deus pessoal, Deus é a natureza; e. Depois da morte, tudo acaba; f. A alma reencarna numa outra vida; g. Depois da morte encontraremos Deus; h. Jesus Cristo ressuscitou e venceu a morte; i. A vida é um dom de Deus, o ser humano não tem o direito de decidir quando deve morrer; j. O fim do mundo está próximo; k. A ciência e a técnica preparam um futuro melhor para a humanidade; l. A democracia é a melhor garantia para o futuro da humanidade.
c) Categorias de resposta para cada afirmação: 1: Concordo totalmente. 2: Concordo parcialmente. 3: Não concordo nem discordo. 4: Discordo parcialmente. 5: Discordo totalmente. 6: NS/NR (não é contabilizada na média). Cada dado representa a média (1–5).
d) % NS/NR em cada pergunta: a: 4,0 %; b: 5,4 %; c: 8,9 %; d: 7,2 %; e: 9,3 %; f: 12,5 %; g: 14,1 %; h: 7,7 %; i: 5,1 %; j: 12,7 %; k: 6,9 %; l: 7,0 %.
- < 34. Pergunta completa: «Entendendo a eutanásia como a situação em que é provocada a morte de uma pessoa doente para pôr termo ao seu extremo sofrimento, qual das seguintes frases se aproxima mais da sua opinião?»
- < 35. Pergunta completa: (Se é crente, pertencente ou não a uma religião) Acha que a sua fé ou crença religiosa faz com que se sinta diferente dos outros a respeito de...
Categorias: Sentido da vida; Desejo de ajudar os outros; Desejo de aperfeiçoamento pessoal; Valor que dá à família; Valor que dá à vida humana; No respeito pelos emigrantes e refugiados; Ética profissional; Honestidade no pagamento dos impostos; Participação na vida cívica e política.
- < 36. Pergunta completa: (Se é crente, pertencente ou não a uma religião) Acha que a sua fé ou crença religiosa faz com que se sinta diferente dos outros a respeito de...
Categorias: Sentido da vida; Desejo de ajudar os outros; Desejo de aperfeiçoamento pessoal; Valor que dá à família; Valor que dá à vida humana; No respeito pelos emigrantes e refugiados; Ética profissional; Honestidade no pagamento dos impostos; Participação na vida cívica e política.
- < 37. Pergunta completa: «Sem contar com casamentos, batizados e funerais, com que frequência costuma participar ou assistir a atos de culto comunitários na igreja ou templo?»
- < 38. Pergunta completa: «Sem contar com casamentos, batizados e funerais, com que frequência costuma participar ou assistir a atos de culto comunitários num pequeno grupo, em casa de amigos ou conhecidos?»
- < 39. Pergunta completa: «Com que frequência costuma participar ou assistir a atos de culto comunitários na televisão?»
- < 40. Pergunta completa: «Com que frequência costuma participar ou assistir a atos de culto comunitários pela rádio?»
- < 41. Pergunta completa: «Com que frequência costuma participar ou assistir a atos de culto comunitários na internet (Facebook, etc.)?»
- < 42. Pergunta completa: «Quais são as razões por que costuma ir a cultos de outra confissão ou religião?»

- < 43. Pergunta completa: «(Se é crente e tem uma religião) Quando vai ao culto, frequenta sempre ou quase sempre o mesmo lugar, ou diferentes lugares?»
- < 44. Pergunta completa: «(Se é crente e tem uma religião) O lugar (ou lugares) onde vai mais frequentemente ao culto é...?»
- < 45. Pergunta completa: «Quando se desloca para o culto, fora da sua área de residência, quanto tempo, em média, demora a chegar?»
- < 46. Nas perguntas de resposta múltipla os totais nunca equivalem a 100 %, correspondendo à percentagem de casos no total da amostra de respondentes nessa questão. Nas restantes perguntas, que são a maioria, os totais são sempre 100 %, pelo que não serão apresentados, para simplificar os quadros. Com o objetivo de comparar alguns resultados, usa-se o estudo de Teixeira (2013), assente no inquérito de 2011 para Portugal continental também implementado pelo CESOP e coordenado por Alfredo Teixeira (UCP), apresentando assim vários pontos comuns. Esta comparação permite analisar as diferenças relevantes entre Portugal continental — IRP (Teixeira 2013) e a AML. Compara-se, deste modo, uma amostra nacional com uma amostra regional, uma macroperspetiva com uma mesoperspetiva, somente em relação aos grupos maiores, em que as amostras respetivas têm dimensões relevantes.
- < 47. Classes de profissões: RPLOE – Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos. EAIC – Especialistas das atividades intelectuais e científicas. TPNI – Técnicos e profissões de nível intermédio. PA – Pessoal administrativo. TSPPSV – Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores. ATQAPF – Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta. TQICA – Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices. OIMTM – Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem. TNQ – Trabalhadores não qualificados. PFA – Profissões das Forças Armadas. NR – Não responde.

Índice de gráficos

- 10 Gráfico 1** Posições religiosas na Área Metropolitana de Lisboa
- 14 Gráfico 2** Participação em grupo, movimento ou associação, no interior das comunidades religiosas
- 14 Gráfico 3** Desempenho de funções ou tarefas regulares na comunidade religiosa
- 41 Gráfico 4** Distribuição da população do concelho de Lisboa, por posição religiosa
- 42 Gráfico 5** Distribuição da população da Zona Norte do Tejo, por posição religiosa
- 42 Gráfico 6** Distribuição da população da Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal, por posição religiosa
- 43 Gráfico 7** População católica, por área geográfica da AML
- 44 Gráfico 8** Testemunhas de Jeová, por área geográfica da AML
- 44 Gráfico 9** População muçulmana, por área geográfica da AML
- 46 Gráfico 10** Naturalidade da população inquirida, por área geográfica da AML
- 49 Gráfico 11** População inquirida segundo a duração do atual domicílio
- 61 Gráfico 12** A experiência da discriminação religiosa
- 63 Gráfico 13** A experiência de discriminação religiosa, por classes de posição religiosa
- 70 Gráfico 14** Perceção da diferença e sistemas de valores
- 73 Gráfico 15** Frequência de práticas orantes
- 74 Gráfico 16** Práticas orantes segundo contextos
- 75 Gráfico 17** Descrição das páticas orantes
- 77 Gráfico 18** Práticas orantes por posição religiosa
- 82 Gráfico 19** Distribuição dos crentes que pertencem a uma religião, segundo a autoclassificação praticante/não praticante
- 86 Gráfico 20** Frequência de outros cultos por posições religiosas
- 88 Gráfico 21** Lugar de participação no culto, a partir da área de residência
- 89 Gráfico 22** Tempo de deslocação para os lugares de culto localizados fora da área de residência
- 94 Gráfico 23** Distribuição por sexo e posição religiosa

Índice de tabelas

- 11** **Quadro 1** Razões para a não pertença religiosa
- 12** **Quadro 2** Outras razões para a não pertença religiosa
- 15** **Quadro 3** Disponibilidade para a mudança de afiliação religiosa
- 15** **Quadro 4** Itinerários de mudança quanto à posição religiosa
- 16** **Quadro 5** Atitudes (exclusivismo/inclusivismo) face à verdade religiosa
- 19** **Quadro 6** Número médio de filhos e sua instrução religiosa, por posição religiosa
- 21** **Quadro 7** Ensino religioso na escola, por posição religiosa
- 22** **Quadro 8** Posição religiosa do pai quando respondente tinha dez anos, por posição religiosa
- 23** **Quadro 9** Posição religiosa da mãe quando respondente tinha dez anos, por posição religiosa
- 23** **Quadro 10** Práticas religiosas do pai quando respondente tinha dez anos, por posição religiosa
- 24** **Quadro 11** Práticas religiosas da mãe quando respondente tinha dez anos, por posição religiosa
- 25** **Quadro 12** Posição religiosa atual do pai, atualmente ou quando faleceu, por posição religiosa
- 26** **Quadro 13** Práticas e sociabilidades religiosas do pai, atualmente ou quando faleceu, por posição religiosa
- 27** **Quadro 14** Posição religiosa atual da mãe, atualmente ou quando faleceu, por posição religiosa
- 28** **Quadro 15** Práticas e sociabilidades religiosas da mãe, atualmente ou quando faleceu, por posição religiosa
- 29** **Quadro 16** Influência de pessoas ou acontecimentos nas convicções religiosas, por posição crente
- 31** **Quadro 17** Mobilidade religiosa ao longo da vida por posição religiosa
- 35** **Quadro 18** População sem religião, crente sem religião e crente com religião, por áreas geográficas da AML
- 37** **Quadro 19** Posições religiosas da população residente na AML, por áreas geográficas
- 40** **Quadro 20** Síntese de indicadores demográficos da região de Lisboa, por concelho, 2017
- 43** **Quadro 21** Distribuição de cada posição religiosa nas três áreas geográficas da AML
- 45** **Quadro 22** Naturalidade da população inquirida, por área geográfica e total da AML
- 45** **Quadro 23** Naturalidade da população inquirida, por posição religiosa
- 47** **Quadro 24** População inquirida natural de outros concelhos de Portugal, por posição religiosa e regiões administrativas
- 47** **Quadro 25** População inquirida natural de outros países, por posição religiosa e grandes áreas geográficas do mundo
- 48** **Quadro 26** População inquirida, por posição religiosa, concelho ou país de naturalidade
- 49** **Quadro 27** População inquirida segundo a duração do atual domicílio, por posição religiosa
- 51** **Quadro 28** Práticas de fim de semana por classes de posição religiosa
- 52** **Quadro 29** Práticas de fim de semana por classes de posição religiosa
- 53** **Quadro 30** Tabela de preponderâncias relativa às práticas de fim de semana
- 55** **Quadro 31** Presença do religioso nas interlocuções quotidianas

- 55 **Quadro 32** Retórica religiosa quotidiana por classes de posição religiosa
- 56 **Quadro 33** Posição religiosa da maior parte dos amigos
- 57 **Quadro 34** Posição religiosa da maior parte dos amigos, por classes de posição religiosa
- 58 **Quadro 35** Contacto com a atividade de apoio das comunidades religiosas
- 59 **Quadro 36** Redes de ajuda/apoio por classes de posição religiosa e não religiosa
- 61 **Quadro 37** Situações de discriminação religiosa
- 63 **Quadro 38** Situações de discriminação religiosa, por classes de posição religiosa
- 64 **Quadro 39** Tipos de pertença associativa
- 65 **Quadro 40** Pertença associativa, por classes de posição religiosa
- 67 **Quadro 41** Enunciados de valores e crenças por posições religiosas (A)
- 68 **Quadro 42** Enunciados de valores e crenças por posições religiosas (B)
- 69 **Quadro 43** Opiniões sobre a eutanásia segundo posições religiosas
- 70 **Quadro 44** Autorrepresentações relativas aos efeitos da crença religiosa por posições religiosas
- 76 **Quadro 45** Frequência de práticas orantes por posição religiosa
- 76 **Quadro 46** Contextos e ocasiões de oração ou meditação segundo posições religiosas
- 78 **Quadro 47** Modalidades de oração ou meditação segundo posições religiosas
- 79 **Quadro 48** Frequência do culto comunitário por posições religiosas
- 79 **Quadro 49** Frequência do culto num pequeno grupo por posições religiosas
- 80 **Quadro 50** Frequência do culto comunitário através da televisão por posições religiosas
- 81 **Quadro 51** Acompanhamento de atos de culto na rádio segundo posições religiosas
- 81 **Quadro 52** Frequência do culto comunitário na internet por posições religiosas
- 84 **Quadro 53** As razões da condição de praticante, segundo as posições de pertença religiosa
- 85 **Quadro 54** As razões da condição de não praticante, segundo as posições de pertença religiosa
- 86 **Quadro 55** Razões para a frequência de cultos de outra confissão ou religião
- 87 **Quadro 56** Lugares de participação no culto
- 88 **Quadro 57** População crente e com religião, por lugar de participação no culto, a partir da área de residência
- 90 **Quadro 58** Duração média de deslocação ao lugar de culto fora da área de residência, segundo posição religiosa
- 90 **Quadro 59** Principais razões que justificam a escolha do lugar de culto
- 91 **Quadro 60** Razões para a escolha do lugar de culto, segundo as posições de pertença religiosa
- 93 **Quadro 61** Elementos do núcleo doméstico por posição religiosa
- 95 **Quadro 62** Classes etárias por posição religiosa
- 96 **Quadro 63** Grau de instrução por posição religiosa (percentagens)
- 96 **Quadro 64** Grau de instrução por posição religiosa (mediana)
- 97 **Quadro 65** Grau de instrução do pai por posição religiosa (percentagem)

Índice de cartogramas

- 97 **Quadro 66** Grau de instrução do pai por posição religiosa (mediana)
- 98 **Quadro 67** Grau de instrução da mãe por posição religiosa (percentagem)
- 98 **Quadro 68** Grau de instrução da mãe por posição religiosa (mediana)
- 99 **Quadro 69** Ocupação por posição religiosa
- 100 **Quadro 70** Nível de ensino que frequenta, por posição religiosa
- 101 **Quadro 71** Profissão por posição religiosa (A)
- 101 **Quadro 72** Profissão por posição religiosa (B)
- 102 **Quadro 73** Estado civil, por posição religiosa
- 102 **Quadro 74** Classe social segundo autoclassificação, por posição religiosa
- 8 **Cartograma 1** Área Metropolitana de Lisboa (NUTS II)
- 36 **Cartograma 2** População crente, pertencente a uma religião, na AML, por áreas geográficas
- 36 **Cartograma 3** População crente sem religião, na AML, por áreas geográficas
- 37 **Cartograma 4** População não crente, na AML, por áreas geográficas
- 38 **Cartograma 5** Percentagem de população católica, por área geográfica da Área Metropolitana de Lisboa
- 39 **Cartograma 6** Percentagem de população não crente (indiferentes, agnósticos e ateus), por área geográfica da Área Metropolitana de Lisboa
- 41 **Cartograma 7** Percentagem de população pertencente a uma religião não cristã, por área geográfica da AML

Autores

TEIXEIRA, Alfredo

é doutorado em Antropologia Política (ISCTE-IUL) e mestre em Teologia Sistemática (FT-UCP). É professor associado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, onde exerce o cargo de diretor do Instituto de Estudos de Religião. Integra a Comissão da Liberdade Religiosa (Ministério da Justiça).

VILAÇA, Helena

é doutorada em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde é professora auxiliar com agregação no Departamento de Sociologia. Em 2011, foi professora convidada do Departamento de Teologia da Universidade de Uppsala (Suécia) e em 2013 foi eleita para o Conselho da International Society for the Sociology of Religion.

MONIZ, Jorge Botelho

é doutorado em Ciência Política (FCT), especialidade de Teoria e Análise Política (FCSH/NOVA; UFSC). Entre 2014 e 2016 foi bolseiro de doutoramento do Erasmus Mundus Action 2 Programme da União Europeia na UFSC.

COUTINHO, José Maria Pereira

é licenciado em engenharia agrónómica (ISA-UTL), mestre em Gestão de Empresas e doutorado em Sociologia (ISCTE-IUL). Foi investigador da NÚMENA e é atualmente investigador integrado do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (UCP). Trabalha, preponderantemente, sobre crenças, práticas e atitudes religiosas no universo da juventude.

FRANCA, Margarida

doutorou-se em Geografia Humana (FL-UC). Atualmente trabalha na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro. Nesta instituição está envolvida em projetos de investigação financiados pelo H2020 e é coordenadora científica de doutorados contratados pela CCDRC, no âmbito de Bolsas de Ciência e Tecnologia.

DIX, Steffen

formou-se em Ciência de Religiões (com especialização em fenómenos religiosos na literatura europeia), Filosofia e Filologia Portuguesa e doutorou-se na Universidade de Tübingen em Ciência de Religiões. Nos últimos anos, trabalhou paralelamente sobre o modernismo em Fernando Pessoa (nomeadamente em relação aos seus escritos teóricos) e sobre a teoria da secularização (nomeadamente em Portugal).

Fundação Francisco Manuel dos Santos

Estudos Publicados

Economia

O Cadastro e a Propriedade Rústica em Portugal

Coordenado por Rodrigo Sarmento de Beires; 2013.

Custos e Preços na Saúde: Passado, presente e futuro

Coordenado por Carlos Costa; 2013.

25 anos de Portugal Europeu:

A economia, a sociedade e os fundos estruturais

Coordenado por Augusto Mateus; 2013.

Que economia queremos?

Coordenado por João Ferrão; 2014.

A Economia do Futuro: A visão de cidadãos, empresários e autarcas

Coordenado por João Ferrão; 2014.

Três Décadas de Portugal Europeu:

Balço e perspectivas

Coordenado por Augusto Mateus; 2015.

Empresas Privadas e Municípios:

Dinâmicas e desempenhos

Coordenado por José Tavares; 2016.

Investimento em Infra-Estruturas em Portugal

Coordenado por Alfredo Marvão Pereira; 2016.

Benefícios do Ensino Superior

Coordenado por Hugo Figueiredo e Miguel Portela; 2017.

Diversificação e Crescimento da Economia Portuguesa

Coordenado por Leonor Sopas; 2018.

Dinâmica Empresarial e Desigualdade

Coordenado por Rui Baptista; 2018.

Encerramento de Multinacionais: O capital que fica

Coordenado por Pedro de Faria; 2018.

Instituições

Droga e Propinas: Avaliações de impacto legislativo

Coordenado por Ricardo Gonçalves; 2012.

Justiça Económica em Portugal: A citação do réu no processo civil

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Factos e números

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Gestão processual e oralidade

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Meios de resolução alternativa de litígios

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Novo modelo processual

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: O sistema judiciário

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Produção de prova

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Recuperação do IVA

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Síntese e propostas

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Segredo de Justiça

Coordenado por Fernando Gascón Inchausti; 2013.

Feitura das Leis: Portugal e a Europa

Coordenado por João Caupers, Marta Tavares de Almeida e Pierre Guibentif; 2014.

Portugal nas Decisões Europeias

Coordenado por Alexander Trechsel, Richard Rose; 2014.

Valores, Qualidade Institucional e Desenvolvimento em Portugal

Coordenado por Alejandro Portes e M. Margarida Marques; 2015.

O Ministério Público na Europa

Coordenado por José Martín Pastor, Pedro Garcia Marques e Luís Eloy Azevedo; 2015.

Juízes na Europa: Formação, selecção, promoção e avaliação

Coordenado por Carlos Gómez Ligüerre; 2015.

Limitação de Mandatos: O impacto nas finanças locais e na participação eleitoral

Coordenado por Francisco Veiga e Linda Veiga; 2017.

O Estado por Dentro: Uma etnografia do poder e da administração pública em Portugal

Coordenado por Daniel Seabra Lopes; 2017.

O Impacto Económico dos Fundos Europeus: A experiência dos municípios portugueses

Coordenado por José Tavares; 2017.

Orçamento, Economia e Democracia: Uma proposta de arquitetura institucional

Coordenado por Abel M. Mateus; 2018.

Instituições e Qualidade da Democracia: Cultura política na Europa do Sul

Coordenado por Tiago Fernandes; 2019.

Sociedade

Como se aprende a ler?

Coordenado por Isabel Leite; 2010.

Fazer contas ensina a pensar?

Coordenado por António Bivar; 2010.

Desigualdade Económica em Portugal

Coordenado por Carlos Farinha Rodrigues; 2012.

Projeções 2030 e o Futuro

Coordenado por Maria Filomena Mendes e Maria João Valente Rosa; 2012.

Envelhecimento Activo em Portugal: Trabalho, reforma, lazer e redes sociais

Coordenado por Manuel Villaverde Cabral; 2013.

Escolas para o Século XXI: Liberdade e autonomia na educação

Coordenado por Alexandre Homem Cristo; 2013.

Informação e Saúde

Coordenado por Rita Espanha; 2013.

Literatura e Ensino do Português

Coordenado por José Cardoso Bernardes e Rui Afonso Mateus; 2013.

Processos de Envelhecimento em Portugal: Usos do tempo, redes sociais e condições de vida

Coordenado por Manuel Villaverde Cabral; 2013

Que ciência se aprende na escola?

Coordenado por Margarida Afonso; 2013.

Inquérito à Fecundidade 2013

INE e FFMS; 2014.

A Ciência na Educação Pré-Escolar

Coordenado por Maria Lúcia Santos, Maria Filomena Gaspar, Sofia Saraiva Santos; 2014.

Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento da População Portuguesa (1950–2011): Evolução e perspectivas

Coordenado por Mário Leston Bandeira; 2014.

Ensino da Leitura no 1.º Ciclo do Ensino Básico: Crenças, conhecimentos e formação dos professores

Coordenado por João A. Lopes; 2014.

Ciência e Tecnologia em Portugal: Métricas e impacto (1995–2012)

Coordenado por Armando Vieira e Carlos Fiolhais; 2014.

Mortalidade Infantil em Portugal:

Evolução dos indicadores e factores associados de 1988 a 2008

Coordenado por Xavier Barreto e José Pedro Correia; 2014.

Os Tempos na Escola:

Estudo comparativo da carga horária em Portugal e noutros países

Coordenado por Maria Isabel Festas; 2014.

Cultura Científica em Portugal

Coordenado por António Granado e José Vítor Malheiros; 2015.

O Multimédia no Ensino das Ciências

Coordenado por João Paiva; 2015.

O Quinto Compromisso: Desenvolvimento de um sistema de garantia de desempenho educativo em Portugal

Coordenado por Margaret E. Raymond; 2015.

Desigualdade do Rendimento e Pobreza em Portugal: As consequências sociais do programa de ajustamento

Coordenado por Carlos Farinha Rodrigues; 2016.

Determinantes da Fecundidade em Portugal

Coordenado por Maria Filomena Mendes; 2016.

Será a repetição de ano benéfica para os alunos?

Coordenado por Luís Catela Nunes; 2016.

Justiça entre Gerações: Perspectivas interdisciplinares

Coordenado por Jorge Pereira da Silva e Gonçalo Almeida Ribeiro; 2017.

Migrações e Sustentabilidade Demográfica: Perspectivas de evolução da sociedade e economia portuguesas

Coordenado por João Peixoto; 2017.

Mobilidade Social em Portugal

Coordenado por Teresa Bago d'Uva; 2017.

Porque melhoraram os resultados do PISA em Portugal?

Estudo longitudinal e comparado (2000–2015)

Coordenado por Anália Torres; 2018.

Igualdade de Género ao Longo da Vida: Portugal no contexto europeu

Coordenado por Anália Torres; 2018.

As mulheres em Portugal, Hoje: Quem são, o que pensam e como se sentem

Coordenado por Laura Sagnier e Alex Morell; 2019.

Financial and Social Sustainability of the Portuguese Pension System

Coordenado por Amílcar Moreira; 2019

Identidades Religiosas e Dinâmica Social na Área Metropolitana de Lisboa

Coordenado por Alfredo Teixeira; 2019



FUNDAÇÃO
FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS